

Diário de Lisboa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES
DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

TELEF.: 20271, 20272, 20273, 21154 e 21155
ENDEREÇO TELEGRAFICO: D I B O A

REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA

PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º

EDITOR — J. CHRISÓSTOMO DE SA
NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

O Exército americano está apto a servir-se das armas nucleares logo que Eisenhower dê o seu consentimento — declarou o general Maxwell Taylor

WASHINGTON, 14 — «No caso de guerra com a União Soviética, por causa de Berlim, só as tropas americanas, francesas e inglesas entrariam inicialmente na batalha

do lado ocidental» — declarou o general Maxwell Taylor, chefe do Estado-Maior do Exército americano, numa reunião ultra-secreta da subcomissão senatorial sobre o estado de preparação militar dos Estados Unidos.

Extractos das declarações do general, feitas na passada quarta-feira, foram ontem conhecidos por intermédio do senador democrático Lyndon Johnson, presidente da subcomissão.

Interrogado sobre a situação militar, tal como se apresenta para as nações ocidentais, na Alemanha e em Berlim, o general, que comandou as tropas americanas, na antiga capital alemã, de 1949 a 1950, declarou poderem as tropas

soviéticas apoderar-se de Berlim e da Alemanha-Oeste, imediatamente, se recebessem uma ordem para um ataque de surpresa, mas acrescentou que as forças americanas estavam prontas a bater-se, agora ou em qualquer outro momento, numa guerra limitada, desde que se possa dispor de transportes aéreos e navais. Disse, depois, estar o Exército americano pronto a servir-se em qualquer momento de armas nucleares, se isso trouxesse vantagens para o Ocidente e se o presidente Eisenhower desse, e claro, o necessário consentimento.

Falando da ponte aérea de 1948-1949, revelou que os chefes militares americanos consideram hoje que essa ponte foi um erro e que os Americanos deveriam ter tentado forçar o bloqueio soviético, por meio de comboios militares, para conhecerem as verdadeiras intenções russas. E acrescentou: «Não saberemos nunca até onde a U. R. S. S. teria ido para manter o bloqueio pela força. Com a ponte aérea, os Estados Unidos cederam frente a um desafio que não passava talvez de um «bluff».

O senador Johnson perguntou qual seria a atitude dos Estados Unidos se os Alemães de Leste tentassem bloquear pela força os comboios americanos para Berlim, depois de 27 de Maio. O general respondeu que não deviam os Estados Unidos deixar-se impor um

(Continua na última página)

O malogro das negociações diplomáticas germano-jugoslavas

BONN, 14 — O ministro dos Negócios Estrangeiros, von Brentano, confirma que se malograram os contactos entre Bonn e Belgrado, com vista ao restabelecimento das relações diplomáticas, interrompidas no Outono de 1956 quando a Jugoslávia reconheceu o Governo da R. D. A. De origem oficial, não se explicam os motivos do malogro dos contactos germano-jugoslavos. — (France Presse).

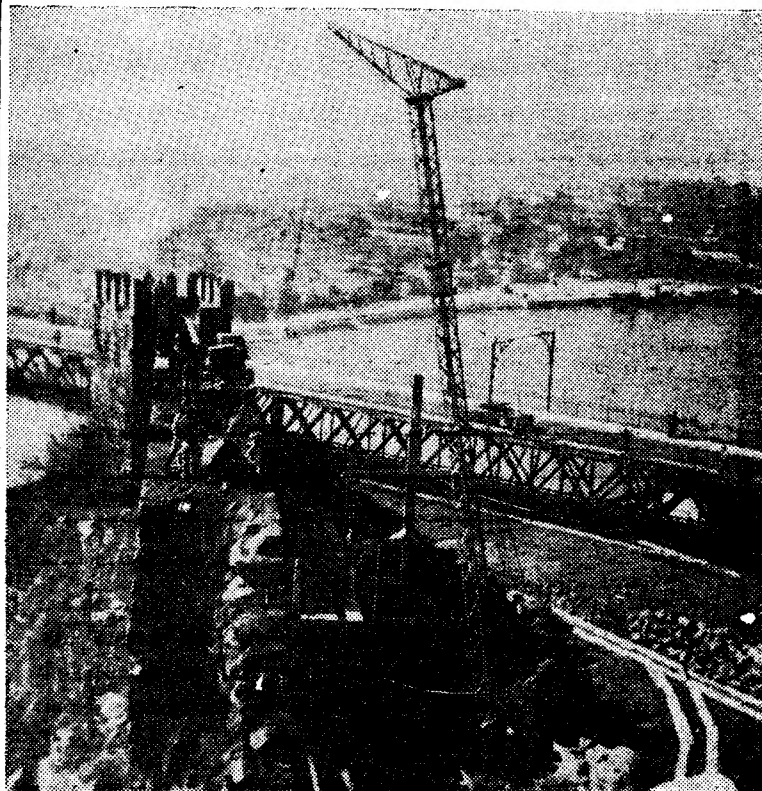
Nota do dia

Impunidade

No seguimento de uma campanha de segurança no trânsito, as autoridades francesas conferiram a determinados condutores de reconhecida integridade moral e competência técnica poderes de fiscalização iguais aos da própria Polícia em casos em que aquela não está presente. A decisão pode não ser simpática, mas tem-se revelado eficaz em muitas emergências, visto

ao lado de cada transgressor, como não pode postar-se de antemão um bombeiro ao lado de cada incêndio. E a verdade é que ninguém melhor do que um condutor está em condições de avaliar os riscos de uma manobra perigosa ou as perturbações causadas ao trânsito por uma falta cometida na estrada ou na via pública por outro condutor. E como ele próprio não gostaria de ser injustamente chamado a responsabilidade, não é de admitir que acusasse os seus pares de animo leve e sem motivo justificado. Quer-nos parecer que esta medida poderia contribuir, até certo ponto, para aumentar a segurança no trânsito (assim o pensaram as autoridades francesas) suprimindo a ausência dos polícias, que não podem estar em toda a parte, e dando a certos condutores irresponsáveis a consciência dos perigos que correm e das sanções em que incorrem, quando estão convencidos de que a falta que cometeram não foi vista por um agente da Polícia — e sentem que se encontram a coberto da impunidade.

(Continua na 4.ª página)



Os operários retiram as pedras seculares

A muralha fernandina cenário da tragédia dos Guindais parece que não ameaçava ruína

PORTO, 14. — Muito se tem dito e escrito, ultimamente, sobre a velha muralha fernandina, pequeno pano amado, relíquia de alguns séculos, da qual, há dias, ruuiu quase pelo centro uma pequena parte do lado exposto ao Nascente, isto é, sobre a alcantilada escarpa dos Guindais, pois do lado oposto, dada a firmeza da sua base, esta sobranceira às escadas do Codeçal, só a custa de grande esforço do pessoal trabalhador das Obras Públicas tem sido possível desmontá-la, como se sabe, para facilitar, sem perigo, o trabalho da remoção dos escombros provocados pelo trágico desmoronamento ocorrido no passado dia 5.

Diga-se, a talhe de foice, que este mês de Março é, de certo modo, fatídico para a gente do Porto. Foi em Março que se deu a catástrofe da Ponte das Barcas, quando das invasões napoleónicas, em Março, deu-se, á entrada da barra do Douro, o naufrágio do vapor «Porto», em que morreram numerosas pessoas das mais distintas famílias desta cidade; foi em Março o pavoroso incêndio do Teatro Baquet, calculando-se que, embora nunca se soubesse ao certo qual o seu numero, tivesse havido umas quatrocentas vítimas; ainda em Março, deu-se em Miragaia uma terrível

explosão de bombas, que vitimou numerosas pessoas; e agora, para finalizar esta longa série de fatalidades, houve a tragédia dos Guindais, que levou á morte oito vítimas da fatalidade do destino, sem contar com a triste sorte dos sobreviventes, que tudo perderam.

*

A tragédia dos Guindais suscitou imprecacões á velha e secular relíquia, a qual, imponente na sua força, resistiu sempre á acção corrosiva dos tempos, ás oscilações baro-

(Continua na página central)

Fotografia do Sol

a 200 kms. da Terra

POLIGNO DE TIRO DE WHITE SANDS, 14 — Um foguetão «Aerobee H-1» da Marinha americana foi ontem lançado a mais de 200 quilómetros de altitude, a fim de fotografar o Sol, sem qualquer intrusão da atmosfera.

As fotografias feitas durante a experiência serão examinadas pelo Laboratório de Pesquisas da Marinha. — (F. P.).

ESTA SEMANA, DIZ O MÉDICO...

Uma doença que tende a desaparecer (I)

pelo DR. AUGUSTO D'ESAGUY

A HISTÓRIA da sífilis é muito velha. Os séculos somaram-se e ruíram-lhe a idade. Quantos? Oito séculos antes de Cristo já andava pelo Mundo a fazer das suas, a marcar a presença nos ossos rilhados pelo tempo (Douglas Guthrie «A history of medicine», Londres, 1958, e F. S. Bondenheimer, «History of Biology», Londres, 1958). Tem, porém, uma data célebre

(1905), quando Schaudin e Hoffman assinalaram, pela primeira vez, o agente destruidor, infectante, o «Treponema Pallidum». Passado um ano

(Continua na 6.ª página)

Visado pela Comissão de Censura



A princesa Margarida, ao deixar Londres, numa viagem recente

A princesa Margarida não obstante a simpatia que irradia limita o círculo dos seus íntimos à alta aristocracia

LONDRES, 14 — Apesar da afável simplicidade da princesa Margarida, são raras as pessoas que entram no círculo da sua intimida-

de sem pertencerem á aristocracia. Um dos motivos deste facto é que a princesa, pelas circunstâncias que a rodeiam, tem muito poucas oportunidades de conhecer elementos de outras classes.

Além disso, apesar da sua acolhedora gentileza, a irmã da rainha Isabel desencoraja por natureza todas as formas de familiaridade, mesmo junto de amigos há muito conhecidos: só ao fim de muito tempo pode esperar-se chegar a conhecer a «verdadeira» princesa Margarida.

Junto dos Norte-Americanos — como Danny Kay e Sharman Douglas, filha de um antigo embaixador dos Estados Unidos em Londres — cos-

Diário de Lisboa

publica hoje

32 páginas

nas quais se inclui

MAGAZINE

Em 2.ª TIRAGEM publicaremos os relatos dos desafios de futebol desta tarde.

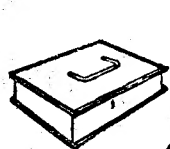
TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

A passagem de modelos para a Primavera e Verão de Carmen Garcia

Noticiámos anteontem, com o relevo que o acontecimento merecia, a passagem de modelos de alta costura de D. Carmen Garcia, que como sempre sucede, constituiu um assinalado êxito pela beleza e ineditismo dos modelos apresentados.

Todavia, em consequência de um lapso que, por certo, por todos os leitores foi notado, o título da notícia não correspondia ao texto, pois que, como é óbvio, os modelos apresentados são para a Primavera e Verão.

«Ou sim, ou não!»



CONCURSO

Ou Sim, ou Não!

Nome

Morada

Telef.

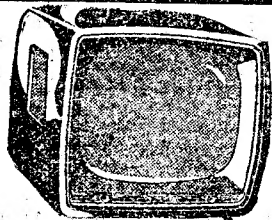
IMPORTANTE: — Serão eliminados os boletins que não forem cortados pela linha pontuada, que não venham escritos em letra bem legível, ou se apresentem colados em bilhetes postais, papéis ou cartões.

Juntamente com os principais jornais diários do País, voltamos hoje a publicar o boletim de inscrição do já popular concurso «Ou sim, ou não!», promovido pela Radiotelevisão Portuguesa. Este boletim será publicado diariamente, até ao próximo dia 22.

Como os leitores do «Diário de Lisboa» já sabem, para concorrer a «Ou sim, ou não!» bastará enviar a R. T. P., devidamente preenchido, o referido boletim. Os concorrentes terão, ainda, de observar as seguintes regras: os boletins devem ser recortados a direito, pela linha limite que os contorna; indicarem o nome e a morada dos concorrentes, de forma bem legível e de modo a não suscitem qualquer dúvida acerca da identificação dos mesmos concorrentes; e não se apresentarem marcados ou colados em bilhetes postais, papéis ou cartões.

A não observância de qualquer destas normas determinará a anulação dos respectivos boletins, que devem ser encerrados em sobrescritos e dirigidos a: Concurso «Ou sim, ou não!», R. T. P. — Radiotelevisão Portuguesa, S. A. R. L. — Rua de S. Domingos, 4 Lapa, 26. Lisboa-3.

Cada sobrescrito pode incluir vários boletins, até mesmo boletins de vários concorrentes.



KÖRTING 43 cm.
ESC. 6.250\$00
POR MÊS 286\$50
O MELHOR TELEVISOR
R. T. P. — PORTO — LISBOA
KORTING — P. D. JOÃO I. 39
PORTO

Veja a Televisão

Mas defenda os seus olhos. Com os óculos próprios de protecção.

Exclusivo de:
GIL — OCUlista
138, Rua da Prata, 140
LISBOA Telefones: 23881-22829

Vendas a prestações de tecidos de novidade para Senhora e para Homem.

TECIDOS ALVINIZ
16, Largo do Carmo

ACABA DE APARECER O LIVRO

A CIDADE LONGÍNQUA

DE
A. PINHEIRO GUIMARÃES

EM 3 LINHAS

Foi criada uma comissão interministerial permanente para promover a coordenação das actividades dos departamentos dos Ministérios da Educação e da Saúde, que se ocupem de problemas relativos a sectores semelhantes.

///
A Câmara Municipal do Porto receberá uma comparticipação de 1.173.332\$00, para a construção do grupo de moradias populares de Agra do Ameal, naquela cidade, e outra de 1.566.663\$00, para a construção do bairro junto à Rua do Dr. Manuel Laranjeira.

///
Na vaga deixada pelo sr. dr. Rui de Azevedo Guimarães, foi nomeado para o cargo de secretário-geral do Estado da Índia o sr. dr. Gustavo Neto de Miranda.

///
O «Diário do Governo» publicou as listas de antiguidades do pessoal do Serviço Meteorológico Nacional e dos funcionários dos quadros da Direcção-Geral de Assistência e da Inspeção de Assistência Social.

///
O engenheiro Duarte Abecasis foi nomeado delegado do Governo junto da Companhia Nacional de Electricidade.

///
O primeiro-tenente Nuno Henrique do Vale e Almeida foi nomeado comandante do navio hidrográfico «Carvalho Araújo».

///
Para comandar o caça-minas «Salvador Correia» foi nomeado o primeiro-tenente José Emilio Estiveira Cabido de Ataíde.

///
Foram aprovados o quadro e os vencimentos do pessoal assalariado do Colégio Militar.

///
São de 2.000 e 340 contos, respectivamente, os orçamentos, para 1959, das missões hidrográficas do arquipélago de Cabo Verde e de estudos dos movimentos associativos em Africa.

///
O eng. Luis de Castro Ferreira de Carvalho passa a chefear, por conveniência de serviço, a Repartição de Conservação da Direcção dos Serviços Fluviais.

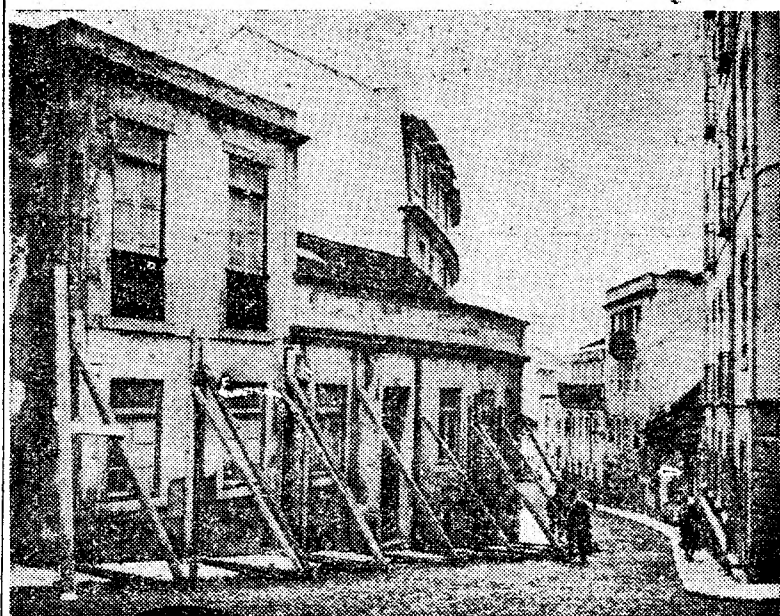
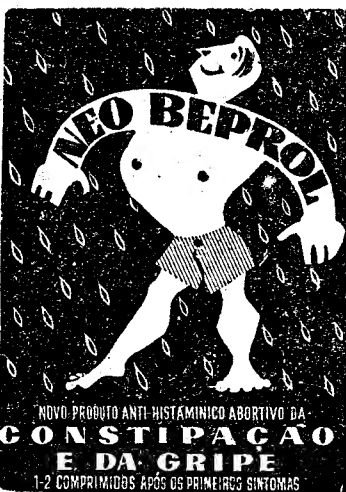
///
O dr. Luis Cirne de Castro foi exonerado, a seu pedido, de delegado do Commissariado do Desemprego no distrito de Viseu.

///
Foi publicada a lista de classificação dos 714 candidatos ao concurso para guardas florestais de 3.ª classe.

///
O dr. João Francisco de Almeida Policarpo foi designado para participar nos trabalhos do Conselho Superior de Previdência Social.

O CASO DA MULHER que caiu ao Tejo

A Polícia Marítima — que não procedeu a investigações sobre o caso daquela mulher que caiu ao Tejo, com dois filhos, um dos quais morreu, enviando logo o processo para a Polícia Judiciária — está, no entanto, a proceder a diligências no sentido de saber quais as condições de perigo em que esteve o marítimo Laurentino Marcelo Ribeiro, na ocasião em que a salvou e a um dos filhos, bem como as pessoas que o auxiliaram, a fim de enviar o respectivo relatório ao Instituto de Socorros a Náufragos, para que este conceda os galardões que achar merecidos.



Na Travessa de São Plácido, á Estrela, há cerca de dois anos que está vedado, num quarteirão, o transito de automóveis, devido ao escomento de dois prédios que ameaçam ruir. Quando se tomam providências definitivas sobre o caso?

ALMOÇO

nas Necessidades

aos representantes da Imprensa estrangeira

O ministro dos Negócios Estrangeiros ofereceu hoje, no Palácio Nacional das Necessidades, um almoço aos representantes da Imprensa estrangeira, em retribuição do almoço que estes lhe ofereceram há tempos.

Ao almoço presidiu o sr. dr. Marcelo Matias e assistiram cerca de vinte e seis convivas, entre os quais os srs. drs. Pinto Mesquita e Freitas da Cruz.

Tropas açorianas

para a Índia

Amanhã, á tarde, é esperado no Tejo, e atracará ao Entrepósito de Santos, o paquete que traz a bordo uma formação militar de Ponta Delgada que vem reunir-se ao contingente de tropas que seguem em breve para a Índia.

VIDA SOCIAL

MARIA ANA

Regressou do estrangeiro e está de novo na sua casa de costura, na Rua António Maria Cardoso, á disposição das suas estimadas clientes,

feiras da EUROPA

PRIMAVERA DE 1959



BRUXELAS



LEIPZIG



NUREMBERG



COLONIA



OFFENBACH



FRANCFORT



HANNOVER

VISITE

AS FEIRAS

DA EUROPA

UTILIZANDO

AS LINHAS

DA



SABENA

LINHAS AÉREAS BELGAS

CONSULTE A SUA AGÊNCIA DE VIAGENS

De ontem para hoje

COOPERAÇÃO LUSO-ESPAÑHOLA

SEIS sessões de trabalhos durou a V Reunião do Acordo de Sanidade Veterinária Luso-Espanhol. A última foi a de ontem (seguida de um banquete presidido pelo secretário da Agricultura) para elaboração da agenda, resoluções e recomendações destinadas à reunião de Madrid (1960). Tal como foi reconhecido no decorrer da sessão, os trabalhos foram profícuos e compreensivamente encarados todos os problemas, os comuns e os específicos a cada um. E, na verdade, um caminho salutar, este da comunidade técnica, entre dois países de características afins. O solo, o clima, a qualidade dos produtos da terra, tudo são pontos de união, para unidade dos problemas da faina, em especial da agrícola. Os males que atacam os nossos gados, os nossos animais de capoeira e a nossa caça, são em regra os que assolam a terra espanhola. Daí, todas as vantagens, sempre dignas de encarecer, em impulsionar a política de uma franca, atenta e leal cooperação. Foi este espírito, aliás, o que sempre pontificou, nas sessões da V Reunião do Acordo de Sanidade Veterinária Luso-Espanhol.

FEIXE DE NOTÍCIAS

O nosso distinto colaborador, prof. dr. Adriano Moreira, que é director do Instituto Superior de Estudos Ultramarinos, foi ao Instituto de Altos Estudos Militares, para falar de a África e o Ultramar português na conjuntura política actual. Das notícias publicadas nos jornais da manhã não transpiram pontos de vista nem se dão elementos que levem a avaliar qual foi o quadro traçado e analisado. Mas o simples enunciado dos problemas postos perante aqueles que têm do Ultramar conhecimento vivo e actual, ajudará à compreensão da profundidade e extensão do tema.

* Foi uma luta terrível, aquela em que se envolveram. Porquê? Para quê? No lugar da Cerca (Torres Vedras) ficou o sinal da luta, sobre a terra sopeada. Era o cadáver de Daniel dos Santos Casimiro (45 anos, casado), morto por asfixia, às mãos de António Paulo dos Santos. Em consequência: cinco órfãos e um homem na cadeia.

* Era já madrugada. Perto de Contumil (linhas do Minho e Douro) chocaram um comboio misto (procedia de Barca de Alva) e uma pequena composição em manobras. Ficou ferido um condutor (Manuel Morais Barreto, de Miranda do Corvo) e muito danificadas as duas locomotivas. Valeu no caso a pouca velocidade em que seguia a locomotiva em manobras.

* Morreram, vítimas do fogo, Joana Rita (77 anos, Freixial do Campo) uma pobre ceguinha e paralítica que estava só, quando a casa se incendiou; e por estar perto da lareira, Maria Julia (5 anos, filha de Manuel J. Redondo; Fornos, Freixo de Espada-à-Cinta) porque as chamas se lhe pegaram às roupas. Noutro incêndio ocorrido em Ben-safim, perderam-se duas muíres e um jumento, muitas alfaías agrícolas e outros lavoures de Vicente dos Reis.

JORNAL PEQUENO

O Presidente da República recebeu o comodoro Eduardo Scarlatti. No seu livro de cumprimentos, inscreveram-se o dr. Luís Francisco Lopes Navarro, procurador-geral da República; eng. Carlos Krus Abecasis e dr. Baltasar Rebelo de Sousa, respectivamente, subsecretários de Estado do Fomento Ultramarino e da Educação; dr. Francisco Gonçalves Cavaleiro de Ferreira, director-geral dos Combustíveis; tenente-coronel N. C. Fraser e eng. Humberto Luis Baraona de Lemos. * Está constituída uma comissão organizadora do Grémio Nacional do Comércio de Batata que se avistou com o director-geral do Trabalho e Corporações, a quem entregou a documentação justificativa da criação do Grémio e necessária à sua fundação. * Na praia de S. Tomé, morreu afogado, por não saber nadar, Bento Pais Romano, de 25 anos, natural de Santo Aleixo (Moura). * Em Santana (Cartaxo) Francisco Botas (18 anos, filho de Maria de Jesus) subiu a um salgueiro debruçado na margem do Tejo, para cortar ramos. Desequilíbrio-se, caiu ao rio e morreu.

COMBATA A INDIGESTÃO



DEPRESSA

Tenha algumas Rennie na algibeira ou na sua malinha de mão... e, esteja onde estiver, ao primeiro sintoma chupe uma Rennie. O seu estômago normalizar-se-á rapidamente.

As Rennie actuam com rapidez e suavidade por serem chupadas e a própria saliva dissolve os anti-ácidos levando-os ao estômago. Não são necessários doses maciças, para regularizar as secreções gástricas.

Se as Rennie não lhe derem alívios consulte o seu médico.

PASTILHAS

RENNIE

Pacotes de 25 e 100 pastilhas a Esc.: 6\$50 e 17\$50

INSTITUTO ESPANHOL

XXI CURSO DE ESTUDOS ESPANHOIS

O Instituto Espanhol organizará durante os dias 7 de Abril a 14 de Junho, o seu Curso Anual de Estudos Espanhois divididos em dois ciclos de trabalhos sobre o ensino do idioma espanhol e conferências sobre temas culturais espanhóis.

Informações e matrícula na sede do Instituto, Rua Actor Tasso, 27, todos os dias úteis, das 10 às 13 horas.

NOVAS FREGUESIAS DE LISBOA



MÁRTIRES

(Sede da Junta—R. do Ferragial de Baixo, 5-r/c-E.)

Partindo do cruzamento das ruas de Vitor Cordon e António Maria Cardoso, segue, para Norte, pelo eixo desta rua, até ao Largo do Chiado, inflecte para Leste e continua pelo eixo da Rua de Garrett; desce pelo eixo da Rua Nova do Almada até ao Largo de São Julião; segue, pelo meio deste largo, em direcção à Praça do Município; atravessa, em diagonal, esta praça na direcção de Sudoeste; prossegue para Oeste, pelo eixo da Rua do Arsenal, até ao seu cruzamento com a Travessa do Cotovelo; continua para Norte, pelo eixo desta travessa, e segue, na mesma direcção, pelo eixo da Calçada do Ferragial, até à Rua de Vitor Cordon; inflecte para Oeste, seguindo, pelo eixo desta rua, até ao ponto de partida.

Tágide

O grande sucesso do ano!

The Modern Jazz Dancers

Os famosos bailarinos do «rock and roll» que Ed. Sullivan contratou na Tágide a peso de ouro para actuarem na T. V. e em Las Vegas

Laura Benelli
The Pall Mall's
Helena Tavares
Ivone e Clara

Conjunto Tágide com **Fernando Albuquerque, Alex Willams—Laura Villa—Tobias Valido—Rodrigues e Mamede**

Conjunto Palm Beach com **Fernando Potier—Maria Candal—Ferrão e Quiroz**
MAIORES DE 17 ANOS

Palm Beach

FEIRA DE SEVILHA

(17 a 25 de Abril de 1959)

Excursão em autopullman, visitando-se CORDOVA (Itálica e S. Juan de Aznalfarache) e ARACENA (grutas). Preço Esc. 2.000\$. Peça programa à SOC. DE TURISMO SANTA MARIA

RUA AUREA, 292
Telefs. 21905 e 28686

L I S B O A

Também reservamos só alojamentos

Homenagem à memória de Gago Coutinho na Escola Veiga Beirão

Promovida pela direcção da Escola Comercial Veiga Beirão, em colaboração com o Centro Escolar n.º 19 da Mocidade Portuguesa, instalado naquele estabelecimento de ensino técnico, o mais antigo da especialidade existente na capital, ali se realizou hoje, de manhã, uma homenagem à memória do glorioso almirante Gago Coutinho. A cerimónia efectuou-se no amplo ginásio com a presença de 60 professores, cerca de 800 alunos e muitos encarregados de educação.

Presidiu o director da Escola, sr. dr. Alvaro Reis Gomes, que explicou quais os motivos de ordem pedagógica que o levaram a promover esta sessão de homenagem à imorredoura memória do sábio almirante, cuja existência admirável descreveu, desde a infância modesta, em que logo evidenciou o seu amor ao estudo e as suas qualidades de carácter, até à sua acção notabilíssima como geógrafo, pioneiro da aviação transatlântica e investigador dos Descobrimentos portugueses.

Assinalou a sua ansia de saber, o espírito empreendedor e de sacrifício de que era dotado, e o estófo de herói que o levaram a rasgar novos horizontes à navegação aérea com o auxílio de um novo sextante da sua invenção, mais tarde adoptado pelos principais países do Mundo.

O sr. dr. Reis Gomes evocou as jornadas gloriosas de Gago Coutinho e Sacadura Cabral, em 1921 e 1922, nas primeiras travessias aéreas Lisboa-Madeira e Lisboa-Brasil, acompanhadas por uma extraordinária vibração popular e pôs em realce a inteira devoção à Pátria do famoso cientista e marinheiro, apontando-o como modelo às novas gerações e louvando a Pátria que tal filho teve.



O sr. dr. Reis Gomes no uso da palavra

Seguiram-se recitativos por alunos, entre os quais o da poesia «Gago Coutinho», escrita expressamente pelo professor da Escola dr. Marcos Viana, e a exibição de um filme alusivo à primeira travessia do Atlântico Sul e ainda do documentário retrospectivo do acultamento dispensado no Brasil aos dois pioneiros do ar quando da gloriosa jornada.

DESAPARECIDO

PORTO, 14 (Pelo telefone).—No posto da P. S. P. de Espinho apresentou-se a senhora Beatriz Gago, natural e residente em Silvade (Espinho), para comunicar o desaparecimento de seu filho Manuel André Lima Trana, de 18 anos.

CASINO

HOJE

mais um magnífico programa de «MUSIC-HALL» com a vedeta da canção francesa

LISSETTE JAMBEL

e **LUCE com DANIEL**

RÉMY

o famoso ventríloquo do filme «Lili», considerado o melhor do Mundo

* Exibição dos músicos brasileiros **JADIR DE CASTRO** (bateria) e **EDISON MARINHO** (pianista), apresentados pela «P A N A I R»

(Adultos — Maiores 17 anos)

AMANHÃ: «Matinée» com todas as atracções. Chá completo, 25\$00



Margarida de Inglaterra selecciona as suas relações

(Continuação da 1.ª página)

tuma mostrar-se mais á vontade do que junto de Ingleses, fatalmente intimidados pela sua alta jerarquia.

Os artistas — ainda como Danny Kay, como a actriz Joyce Grenfell e como a escultora italiana Fiore de Henriquez — manifestam pela princesa uma preferência muito marcada e Margarida parece comprazer-se junto deles. Mas, ainda assim, não se incluem no círculo dos amigos íntimos. Pode dizer-se, aliás, que os amigos da princesa são sempre «velhos amigos» — isto é: pessoas que a conhecem desde a sua infância.

Formam esse círculo da intimidade de Margarida, em primeiro lugar, os filhos dos amigos de seus pais, membros da corte inglesa durante o reinado de Jorge VI. Quando a rainha Isabel e a princesa Margarida eram pequenas, costumavam brincar com um grupo de crianças que, para o efeito, frequentavam o palácio de Buckingham. Nenhuma delas frequentou a escola, como frequenta agora o príncipe Carlos.

Alguns desses antigos companheiros de brinquedos — como o marquês de Blandford, o duque de Balciet, lorde Hambledon e lorde Rochester — casaram-se já e, continuando muito embora a ser amigos certos da princesa, frequentam menos Clarence House.

Outros, que continuam solteiros, formam o círculo que rodeia habitualmente Margarida, como Billy Wallace, lorde Wilton e o rev. Simon Phipps, seu primo por afinidade e seu conselheiro — afirma-se — em assuntos de carácter religioso.

NOVO MODELO de automóvel «Fiat»

A «Fiat» apresentou, no Salão de Genebra, um novo modelo de automóvel — o «Fiat 1.800», um carro de 6 cilindros que ocupará o lugar dos carros de 4 cilindros «Fiat 1.400» e «Fiat 1.500», cuja produção vai acabar.

Este novo modelo é fabricado com motores de 1765 c. c. e 2.100 c. c. de cilindrada, cuja eficiência mecânica foi experimentada pela «Fiat» durante vários meses. O motor foi concebido para fornecer uma potência elevada nos regimes de máxima velocidade. O «chassis» traz a novidade da suspensão anterior a barras de torsão e os melhoramentos introduzidos no interior deste novo veículo fazem dele um automóvel agradável, sob o ponto de vista estético e de comodidade prática.

O «Fiat 1.800» será brevemente apresentado em Itália e, depois, em todos os países do Mundo.

so, que a princesa encara com a mais grave seriedade.

Aliás, o profundo sentimento religioso da princesa é bem conhecido na Inglaterra e esse sentimento torna a sua princesa mais querida e mais respeitada ainda pelo povo britânico.

Há um assunto que assume proporções do maior interesse aqui: se a princesa virá ou não a casar-se. De momento, nenhuma indicação existe sobre as conjecturas que a esse respeito se repetem de quando em quando e que apaixonam a opinião pública.

Se a princesa decidir casar-se, e quando o decidir, todos esperam que faça a sua escolha na Inglaterra, entre os jovens aristocratas britânicos.

Não há um Inglês que não deseje que a sua gentil princesa viva para sempre neste país, ainda que se lhe deparem muitas oportunidades de casar em qualquer outra casa real. — (A. N. I.).

PORTUGAL numa reunião para livre cambismo

BRUXELAS, 14. — Portugal far-se-á representar na reunião que se realiza em Oslo, no próximo dia 17, entre delegados ministeriais da Inglaterra, da Suíça, da Áustria, da Suécia, da Noruega e da Dinamarca, para estudo da criação de uma zona de livre cambismo entre esses países — anuncia hoje o diário belga «Libre Belgique», citando «fontes fidedignas».

Acrescenta que a reunião foi organizada em vista do malogro das tentativas anteriormente feitas no sentido de harmonizar o projecto da zona livre, proposto pelos membros da O. E. C. E. estranhos à «Pequena Europa», com o tratado do Euromercado. — (A. N. I.).

Menor atropelado na estrada

FORNOS DE ALGODRES, 14. — Quando atravessava a estrada, junto à farmácia Lucas de Carvalho Manuel Domingues de Almeida, de 5 anos, filho de António Domingues de Almeida e Albertina Faia Nunes, desta vila, surgiu a furgoneta «C. C. 19-45», conduzida pelo seu proprietário, sr. José Pereira de Matos da freguesia de Orens do concelho de Viseu, que atropelou o garoto, o qual ficou ferido e com uma perna fracturada. Transportado, no mesmo veículo, ao hospital da Misericórdia, ficou ali internado. Consta que o motorista não teve culpa do desastre.

O subsecretário visitou Coimbra da Educação

COIMBRA, 14. — (Pelo telefone). — O sr. dr. Baltasar Rebelo de Sousa veio hoje a esta cidade para visitar alguns estabelecimentos de ensino oficiais.

De manhã, o subsecretário de Estado da Educação Nacional esteve na Escola do Magistério Primário e na Escola Comercial e Industrial de Brotero. Depois, visitou a Escola de Regentes Agrícolas, onde almoçou com os professores e alunos.

UM DESASTRE

no novo Hospital de São João
no Porto

PORTO, 14. — (Pelo telefone). — No Hospital de São João, que está a ser construído, ocorreu um desastre com o elevador, que ia superlotado, com dezanove alunas do curso auxiliar de enfermagem da respectiva escola que ali funciona. Devido ao peso excessivo, partiu-se o cabo na altura do 3.º andar, e o elevador foi despenhar-se no solo, ficando feridas ligeiramente 17 raparigas. Duas porém sofreram fracturas graves e tiveram de ser operadas de urgência na Casa de Saúde da Boa Vista, onde estão internadas. São: Ana Joaquina, de 24 anos, de Amarante; e Fernanda do Nascimento Parente, de 21, de Viana do Castelo. As restantes depois de tratadas recolheram ao Lar da Escola de São João.

VIDA RELIGIOSA

Procissão do Senhor dos Passos

Realiza-se amanhã, pelas 16 horas, em Santa Engrácia a habitual procissão do Senhor dos Passos, com o seguinte itinerário: Calçada dos Barbadinhos, Rua da Cruz a St.ª Apolónia, Rua do Vale de Santo António, onde se procederá ao encontro, Rua de Sapadores, Rua Afonso Domingues, Rua Washington, Rua Fernão de Magalhães, novamente Calçada dos Barbadinhos até à igreja paroquial. Depois, haverá sermão pelo reverendo José Maria de Freitas.

MELHORAMENTOS

no Hospital de Évora

ÉVORA, 14. — Foi orçada em 780 contos a construção do bloco de cozinhas do Hospital da Misericórdia de Évora, cabendo uma parte dos encargos ao Ministério das Obras Públicas e outra ao Ministério da Saúde e Assistência. O primeiro ministério destinou já a verba de 50 contos e o segundo 150. As obras devem principiar brevemente.

Verbetes e Cinema

Atrás do reposteiro

A actriz Cremilda Torres fundou, em Luanda, um agrupamento de amadores de Teatro, que já levou a cena, no Nacional Cine-Teatro, a comédia «Danúbio Azul».

Para desempenhar a nova revista, que vai entrar em ensaios no Teatro A B C, está indicada a artista Maria de Fátima Bravo.

Inesperadamente, e por motivo de saúde, chegou ontem o tenor Tomé de Barros Queirós, que estava a actuar em Paris, para onde tencionava voltar no dia 27, continuando a cumprir um contrato que só termina em Outubro.

Visita à fábrica da Vista Alegre

ILHAVO, 14. — (Pelo telefone). — Visitou hoje a fábrica de porcelanas da Vista Alegre, o ex-rei de Itália, Humberto de Saboia, que vinha acompanhado dos duques de Bragança.

Foram recebidos pelos administradores daquele estabelecimento fabril, srs. Luis de Azevedo Coutinho, Alvaro Ferreira Pinto e Francisco Ferreira Pinto e pelo director sr. Eduardo Corte Real. Os visitantes almoçaram no palácio da fábrica e foram-lhes oferecidas lindas jarras como recordação.

Um almoço oferecido por Ivon Curi

Na próxima terça-feira, o grande artista brasileiro Ivon Curi — que tantos êxitos alcançou, ultimamente, no São Luis e no Alvalade, de Lisboa, e no Teatro São João, do Porto — oferece, na Adega Machado, um almoço em honra dos representantes da Imprensa, da Rádio e da Televisão, em sinal de agradecimento pelo acolhimento que lhe fizeram em Portugal.

TERMINOU HOJE o ciclo de palestras do I.N.E.F.

Terminou hoje, no anfiteatro do Instituto Nacional de Educação Física, o ciclo de palestras sobre «A arte e a juventude», organizada pelo mesmo estabelecimento de ensino para valorização intelectual dos seus alunos.

A última palestra foi proferida pela poetisa sr.ª D. Sofia de Melo Breyner Andersen, que se referiu aos vários aspectos e tendências da poesia. O seu interessante trabalho foi muito apreciado pela assistência, que incluiu o director e o subdirector do I. N. E. F., respectivamente, srs. dr. Andersen Leitão e prof. José de Sousa Esteves, professores, diplomados e alunos, e que, no final, estabeleceu animado e construtivo debate com aquela poetisa.

Uma companhia brasileira de comédias entrou em negociações para se apresentar em Lisboa e Porto. Do elenco fazem parte dois artistas já conhecidos do nosso público, pois fizeram parte da companhia de Eva Todor.

As operetas «O conde de Luxemburgo» e «Viuva Alegre», fazem parte do repertório da companhia espanhola de operetas e zarzuelas que, no dia 28, se estreia no Coliseu.

O actor Octávio de Matos, ainda se encontra em Luanda, onde vai realizar um espectáculo de despedida, pois tencionava seguir em digressão para S. Tomé.

O actor Delorges Caminha, que faz parte da companhia «Artistas Unidos», do Teatro Copacabana do Rio de Janeiro, é um dos principais intérpretes do novo original de Pedro Bloch, «Brasileiros em Nova York».

Amanhã, no Teatro Avenida, de Coimbra, o Teatro dos Estudantes da Universidade daquela cidade, leva à cena a «Antígona», de Sofocles.

Em S. Carlos

repete-se amanhã a ópera
«Turandot»

O êxito alcançado com a primeira recita da ópera «Turandot», do compositor italiano G. Puccini, vai repetir-se amanhã, na tarde cultural do S. Carlos. Do elenco fazem parte a grande cantora Inge Borkh, tenor Franco Corelli, Nicoletta Panni, Alessandro Maddalena, Loretta di Lelio, Carlo Meliciani, Mazini Sperti, Franco Ricciardi e os aplaudidos artistas portugueses Fernando Machado, Armando Guerreiro e Luis França.

Primeiras exhibições

«Jerusalém Libertada»

No Avis, estreou-se ontem o filme italiano «Jerusalém Libertada», em supercinescope e ferranacolor, com a bela Sylva Koscina, a insi-

(Continua na página seguinte)

DISCOS
DISCOS
DISCOS
DISCOS

DAS MELHORES MAR-
CAS AS MAIS RECENTES
NOVIDADES

Standard Electrica

RUA AUGUSTA

19

(JUNTO AO ARGO)

AURELIA RIOS
EM BAILADOS DE ESTILO CLASSICO

MARGARITA RUIZ
EM MARAVILHOSAS CANÇÕES

PAQUITA FORTES
EM ADMIRAVEIS BAILADOS

TRIO MADRID
EM VIBRANTES DANÇAS E CANÇÕES TÍPICAS

No Salão Típico: CEIAS—FADOS e GUITARRADAS
com MANOLLILLO DE BERBES em
NOTAVEIS CANTARES FLAMENCOS

OS EXITOS DE MAIOR
SENSAÇÃO ACTUAL

RITZ
CLUB

EMPRESA RITZ CLUBE
ADULTOS (Maiores de 17 anos)

LES VILLALTA
NO SEU TRIUNFAL REPORTÓRIO

LILLONGO

ESBELTA VEGETA FRIVOLA

e, ainda, todo o elenco de ouro do «RITZ» com
VILACA E SUA ORQUESTRA

2.ª FEIRA: NOITE DE BRADO
EXTRAORDINÁRIO ELENCO
INTEIRAMENTE NOVO

T. 55133

MONUMENTAL

UM EXITO para RIR!
Original de André Roussin

com
IRENE * PAULA * SANTA-
NA * MACIEIRA * SCHULZE

DULCE

Esp. Vasco
Morgado. Ld.
(Adultos
M/17 anos)



GENTE MIUDA!

O vosso espectáculo
HOJE e AMANHÃ
à tarde às 18.30 h.

Maiores
de 4 anos

— Preços —

3.º Balcão frente
5 \$ 00

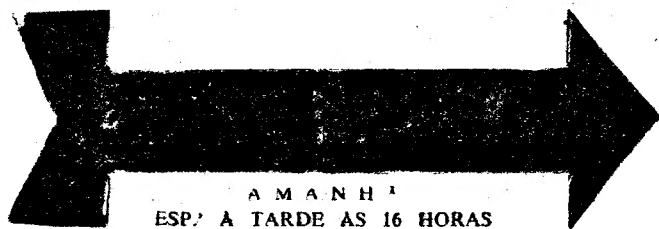
2.º Balcão a ... 10\$00
Plateia a 15\$00



HOJE e AMANHÃ
no
MONTIJO
LAURA ALVES
em
A RAINHA DO
FERRO-VELHO
2.ª-FEIRA

na SOC. UNIÃO DEMOCRÁTICA
BARREIRENSE
DIA 17: VILA FRANCA DE
XIRA
DIA 18: SINTRA
DIAS 19 E 20: SANTARÉM
DIAS 21 E 22: EVORA
(Adultos — Maiores de 17 anos)

ENCOSTA A CABECINHA E CHORA...



AMANHÃ
ESP. A TARDE AS 16 HORAS

A ALEGRE REVISTA DO MARIA VITORIA

Emp. «E. Salvador e R. Martins, Ld.»
ADULTOS — M/17 ANOS

É UM ÊXITO MEMORÁVEL DE SALVADOR

E DE TODA A SUA GRANDE COMPANHIA
DUAS SESSÕES AS 20.30 E 22.45

Violentos e Homens

(Continuação da página anterior)

nuante Gianna Maria Canale e um numeroso grupo de actores em que se salientam Francisco Rabal, Rick Battaglia e Philipps Hersent. Livia Contardi também se evidencia neste filme movimentado, que nos relata episódios movimentados da luta sustentada pelos cruzados contra os infiéis e é fértil em duelos e combates entre massas de guerreiros.

O cerco e a tomada de Jerusalém são recheados de golpes de audácia em que os guerreiros de ambos os lados demonstram a sua destreza e valentia. Um amor impossível, que nasce entre um chefe dos cruzados e uma princesa muçulmana, também guerreira intrépida, contribui para o agrado com que o público assiste ao desenrolar da acção.

A realização é de C. L. Bragaglia, o argumento de Sandro Continenza, e a fotografia de Rodolfo Lombardi. Completam o programa um jornal de actualidades e o curioso documentário colorido e em cinemascópio «Fogo sobre a água». — Visor 55.

«Os violentos», no Condes

A seguir a «As diabólicas» o Condes apresenta «Os violentos». Para os apreciadores do género não se podia arranjar melhor, tanto mais que o segundo destes filmes, estreado ontem, é quase uma obra-prima do cinema de terrorismo e violência. Um diligente e arguto inspector policial, após peripécias sem conta, descobre um esperto criminoso — e o espectador vai descobrindo os processos usados por um grupo de contrabandistas na sua actividade criminosa.

«Os violentos» foi realizado por Henry Calef com todos os requisitos dos filmes similares. Completam o programa um documentário sobre a Grécia e uma rapsódia de canções populares mexicanas. — Visor 100.

Coliseu

UM SENSACIONAL PROGRAMA DE CINEMA

Hoje, no Coliseu, estreia do grande filme em vistavision e technicolor «Dia de Fúria» e ainda a super-produção em cinemascópio «Homens Violentos» com Glenn Ford. Amanhã, espectáculo à tarde

O Coliseu apresenta hoje, no seu gigantesco ecran panorámico, um sensacional programa duplo de cinema. Em estreia, o maravilhoso filme de emoção em vistavision e technicolor «Dia de Fúria» verdadeiro «Best seller» do cinema americano com Dale Robertson, Mara Corday e Jock Mahoney e ainda a super-produção gigante «Homens Violentos» uma história cheia de emocionantes lances de audácia, em cinemascópio, com Glenn Ford, Barbara Stanwick e Edward G. Robinson. Amanhã, espectáculo à tarde e à noite.

«TAVERNA SEVILHANA»

BOITE DE NUIT

Apresenta o seu novo conjunto e Helena Maria em canções de grande sucesso.

ADULTOS (M/17 ANOS)

PENSÃO MONUMENTAL

COMPLETAMENTE REMODELADA
Casa recomendada serviço de bom hotel
R. da Glória, 21 — Tel. P. B. X. 29807

TRINDADE HOJE às 21,45 UMA GRANDE CRIAÇÃO DE EUNICE MUÑOZ

Os pássaros de asas cortadas

AMANHÃ «MATINÉE» AS 16 HORAS (M/17 ANOS) (M/17 ANOS)

O MAIS SELECTO PONTO DE REUNIÃO

SABADOS e DOMINGOS
«Matinées» das 18 às 20 horas
com todo o elenco de atracções

Parapoga

TELEF. 23584
Empresa MANUEL ZEFERINO
(ADULTOS M/ DE 17 ANOS)

SEMPRE ECHENTOS E US MAIORES EXIOS!

O ESCULTURAL «Ballet» ALECOS ALVAREZ

Uma audaciosa «novidade» sobre o folclore grego

MARIO DE LA VEGA y su «Ballet» ESPAÑOL

A famosa vedeta ESPERANZA ROY em admiráveis bailados

Musica constante por SÉRGIO E SUA ORQUESTRA

Cartaz dos Cinemas

SAO LUIZ

TEL. 2717

GATA EM TELHADO DE ZINCO QUENTE

com Elizabeth Taylor, Paul Newman e Burl Ives em Metrocolor
Rigorous exclusivo de temporada

EDEN

TEL. 20768

A COSTUREIRINHA DA SÉ

com Maria de Fátima Bravo, Alma Flora, Luisa Durão, Maria Olguim, Emilio Correia e Costinha. (M/12 anos)

CONDES

TEL. 22523

OS VIOLENTOS

com Paul Meurisse, Françoise Fabian e Fernand Ledoux

ODEON

Telefone 26282

FURIA DE AMBICÕES (LA SFIDA)

Grande prémio da Bienal de Veneza. com Rosanna Schiaffino e José Suarez.

CINEMA IDEAL

TEL. 27493

QUE PENA SERES VIGARISTA

com Sophia Loren

RISTELO

Telefone 610375

GERRASSO

TEL. 20917

O SEGREDO DO CULPADO O ORFÃO PERDIDO

As 21 (M/17 anos)

ELVOLI

TEL. 50595

O ASSOMBROSO SR. PENNYPACKER

com Clifton Webb e Dorothy McGuire
Amanhã às 11 h. Sés. clás. «Grandes esperanças» — (M/12 anos).

ECUENAMA

TEL. 26309

A MOSCA

Uma mulher mata o marido. Não é presa nem condenada. Porquê? (Adultos — Maiores 17 anos)

ALVALADE

Telefone 763086

GATA EM TELHADO DE ZINCO QUENTE

com Elizabeth Taylor, Paulo Newman e Burl Ives
Rigorous exclusivo de temporada

CAPITOLIO

TEL. 27493

QUE PENA SERES VIGARISTA

com Sophia Loren

ALVALADE

Telefone 763086

GATA EM TELHADO DE ZINCO QUENTE

com Elizabeth Taylor, Paulo Newman e Burl Ives
Rigorous exclusivo de temporada

CAPITOLIO

TEL. 27493

QUE PENA SERES VIGARISTA

com Sophia Loren

AI VEM O JERRY

IMPERIO

TEL. 55134/5

Testemunha de acusação

de Billy Wilder
Amanhã às 11 h. Sés. clás. extraord. «Othello» — (M/17 anos).

SAO JORGE

TEL. 54154

OS NUS E OS MORTOS

Devido à extensão do filme as sessões começam às 15. 18 e 21.30.

ROMA

Telef. 727778

LAZZARELLA

com Mário Girotti e Tina Pica
Um poema de mocidade e frescura.

MONUMENTAL

TEL. 55131

GIGI

com Leslie Caron, Maurice Chevalier e Louis Jourdan
Rigorous exclusivo de época

AVIS

TEL. 47163

JERUSALÉM LIBERTADA

Supercinescope com Sylvia Koscina e Francisco Rabal
Batalhas aguerridas e impressionantes duelos

ROYAL

TEL. 345037

AI VEM O JERRY

As 21 (M/12 anos)

AI VEM O JERRY

BUGIO

Telefone 643198

RESTAURANTE E SNACK-BAR

Pastelaria — Salão de Chá — Bifhires — Salão para banquetes, casamentos, baptizados, festas, etc.
Largo 5 de Outubro
STO. AMARO DE OBRAS

TEATRO NACIONAL DE DONA MARIA II

4.º MÊS
TODAS AS NOITES, AS 21 e 45 (12 ANOS)
ÚLTIMAS REPRESENTAÇÕES
O PROCESSO DE JESUS
AOS SÁBADOS, A'S 16 HORAS, TARDAS POPULARES
A PREÇOS REDUZIDOS

DIZ O MÉDICO...

(Continuação da 1.ª página)

(1906), Wasserman (1866-1925) descobriu a reacção de fixação do complemento, alicerçada na de Bordet Gengou, que passou a orientar toda a investigação clínica (serologia da lues): sífilis latente, nervosa (David Nabarro, «Congenital Syphilis», Londres, 1954), cardiovascular, óssea, congénita e ocular.

A descoberta da penicilina e demais antibióticos e o emprego, uso e abuso do primeiro, modificaram a sequência do aparecimento das manifestações iniciais e clássicas, tornando indispensável o constante recurso ao laboratório para se estabelecer com nitidez o diagnóstico de certeza, integral, da afeição.

Facto curioso, digno de registo: as lesões objectivas, apesar de raras e trêmulas, persistem, continuam a aparecer. No fundo, o quadro essencial não se modificou e a sintomatologia clínica determina ainda, e continuará a orientar a conduta a seguir. Só o prognóstico da enfermidade deixou de ser sombrio, de atormentar o homem, vislumbrando-se já em agregados bem organizados o próximo desaparecimento do mal.

1. O cancro aparece uma a três semanas depois do contacto infectante. Este nem sempre é visível. Quando o é, tem o aspecto de uma pápula, seguida de ulceração, circular e única, bordos duros, indolor á palpação, sempre acompanhada de adenite bilateral sem periadenite. A lesão é quase sempre genital, podendo (nalguns casos) ser extragenital (amígdala, por exemplo). Cicatriza espontaneamente depois de quatro, cinco ou seis semanas. Este «complexo ou acidente primário», insidioso ou alarmante, pode evoluir de uma maneira lenta ou ser, pelo contrário, francamente sintomático. E só as reacções serológicas (sangue ou o líquido cefalorraquidiano) desmascaram uma lues latente, podendo esta manter-se silenciosa, sem limite de tempo ou até desaparecer (Stokes, Beerman e Ingraham, «Modern Clinical Syphilology», Londres, 1958).

Na sífilis sintomática tudo se passa de uma maneira diferente. Seis a oito semanas após o aparecimento do cancro surgem, em cortejo, as lesões secundárias, que se localizam nos órgãos: pele, aparelho cardiovascular e sistema nervoso, constituindo a lues tardia sintomática.

2. Distinguem-se hoje duas formas: a recente e a tardia, sendo o limite entre uma e outra de mais ou menos dois anos. Ambas podem ser latentes ou sintomáticas. Separam, impropriamente, a afeição, de acordo com a sintomatologia, em benigna e maligna, sendo esta última forma a que preferiria os sistemas cardiovascular e nervoso.

A sífilis congénita, pré-natal, divide-se em recente e tardia (antes e depois dos dois anos de idade) e, por sua vez, a tardia pode ser latente ou sintomática.

Não existe sífilis sem cortejo de sintomas, longe ou perto, esfumados ou acentuados, marcantes, sendo a primeira denominada «latente».

A recente, sintomática, aparece, em geral, seis semanas depois do acidente primário. Trata-se da roséola da antiga classificação (Simon e Moritz, «An Atlas of the Commoner Skin Diseases», Bristol, 1957). Consiste numa erupção de manchas rosadas, redondas ou ovais, com limites esfumados, tendo cinco a quinze milímetros de diâmetro, superfície regular e sem relevo. Aparecem e disseminam-se em grande número, no tronco e membros (extremidades), raramente escolhendo a face do doente. O número e a morfologia desses elementos são variáveis, numerosos e corados nuns enfermos, raros e pálidos noutros. Observam-se, com maior facilidade, a distância e preferivelmente através de um vidro azul. D. Tomás de Melo Breyner, que foi professor de Dermatovenereologia na Faculdade de Medicina de Lisboa, quando ao Campo de Santana, ao lado da Morgue («Curso de Venereologia», feito no

Hospital do Desterro, no 1.º Semestre de 1929 — o Curso principiou no dia 14 de Janeiro), insistia sobre este pormenor, e o «vidro azul» acompanhava-o sempre na consulta e na visita á Enfermaria.

A roséola é, com frequência, acompanhada de manifestações clínicas inerentes a uma sífilis recente: cicatrizes do cancro, adenopatias, gânglios epitrocleares bilaterais (Esaguy, 1932), placas mucosas, alopecia. Em muitos doentes, o eritema verifica-se conjuntamente com as lesões papulosas (segunda floração da antiga roséola). As reacções serológicas são sempre positivas.

Este eritema mantém-se um ou dois meses e desaparece sem deixar atrás de si vestígios nítidos ou cicatrizes, e pode reaparecer mais tarde em indivíduos que interromperam o tratamento ou foram insuficientemente atacados com drogas eficazes. Quando tal sucede, trata-se de uma autêntica recidiva. Então, os elementos são menos numerosos, maiores, circinados ou anulares, persistindo durante um período maior de tempo. Não se deve confundir com as máculas residuais da pio-dermite (sarna, impetigo, pediculose, e outras lesões) ou com o eritema medicamentoso, muito vulgar hoje em dia.

A persistência dos elementos em actividade, a topografia, distribuição geográfica, habitual ausência de prurido, erupção brusca e abrupta, o colóquio médico-doente, e as análises laboratoriais, auxiliam a estabelecer o diagnóstico diferencial, importante para a conduta a seguir.

As pápulas são constituídas por pequenas elevações redondas, salientes, hemisféricas, com mais ou menos um centímetro de diâmetro, persistindo á palpação, não pruriginosas. Com relativa frequência, en-

Intensifica-se a fiscalização sobre os preços das hortaliças

Os serviços de fiscalização da Inspecção dos Géneros Alimentícios mantêm atenta vigilância sobre os preços dos produtos hortícolas, não só em Lisboa como nos principais centros populacionais. Estão em curso averiguações quanto aos lucros de alguns vendedores e foi já ultimado um processo contra uma retalhista do Mercado 31 de Janeiro, que pretendia vender um molho de dez rabanetes por 4\$00, preço que, entretanto, baixou para 3\$50. Apurou-se que adquirira sete molhos grandes, de 80 rabanetes, a 5\$00, cada molho, os quais, desdobrados, davam 56 pequenos molhos, de 10 rabanetes, que vendia a 3\$50. O lucro subia assim a quase 460 por cento.

Foram processados: no Porto, uma firma comercial, por especulação na venda de um misturador eléctrico; em Coimbra, uma farmácia de Santa Clara, por venda de um medicamento por preço exagerado; um estabelecimento de lanifícios, que tinha em exposição um tecido cujo fabrico não correspondia á designação etiquetada; um outro, que também expunha peças de vestuário sem indicação exacta das fibras utilizadas na sua composição; dois retalhistas e um «café», por estarem a vender fiambre avulso e a granel a preços abusivos; um retalhista de mercearia, de Penela, que tinha á venda caruchos de açúcar e arroz com peso inferior ao indicado nas embalagens; e um industrial, de Paço de Arcos, que facturou dois armários-vitrinas por preço que uma peritagem efectuada classificou superior ao normal.

Nos últimos dias têm sido ouvidos, nos referidos Serviços, vários inquilinos, construtores civis e proprietários, no sentido de se apurar o que há relativamente a presumíveis recebimentos, por parte dos últimos, de várias importâncias como condição de aluguer de casas de renda limitada.

contram-se circundadas por uma vaga moldura escamosa (Biett), inconstante e incharacterística. Surgem, em vagas sucessivas, seis a oito semanas depois do acidente primário e disseminam-se caprichosamente pelo corpo, encontrando-se na face do doente e nas regiões palmo-plantares. Pouco contagiosas, desaparecem duas a seis semanas depois da primeira vaga, deixando manchas pigmentadas a assinalarem a passagem.

O quadro clínico, mercê de circunstâncias variadas, nem sempre é o mesmo, modificando-se de indivíduo para indivíduo.

Observam-se (Sequeira's, «Diseases of the Skin», Londres, 1957): sífilides pápulo-crostosas, seborreicas, pápulo-errosivas, psoriasiformes, vegetantes, atróficas, arciiformes, acneiformes, e outras registadas por Darrier, Sabouraud, Gougerot, Milian, Pautrier, Ravaut, Sézary, Clémont Simon, Perrin («Nouvelle Pratique Dermatologique»), e Gay Prieto («Dermatologia», Madrid, 1957), etc.

Uma característica comum as reúne no mesmo quadro: pápula infiltrada, sempre infiltrada, não importando a variedade (William Montagna, «The Structure and function of Skin», New York, 1956).

A ausência de prurido, curta evolução, erupção maciça e distribuição geográfica, constituem preciosos elementos de informação e diagnóstico. As reacções serológicas são positivas. Os treponemas só excepcionalmente se encontram nas lesões abertas.

Recordamos, de passagem, que a forma bolhosa constitui uma variedade rara. Nas crianças, porém, nos primeiros dias de vida podem ser observadas e registadas sífilides bolhosas nas regiões palmares e plantares, contendo serosidade turva ou hemorrágica. Elementos pouco numerosos, sendo os maiores do tamanho de um grão ou de uma ervilha grande.

Passados dois ou três dias, as bolhas secam, formando-se uma crosta que esconde a ulceração.

O ultramicroscópio e o microscópio electrónico revelam a existência de abundantes treponemas, com seus movimentos significativos.

Trata-se de uma lues pré-natal, activa e altamente contagiosa. As análises são positivas na mãe e no filho.

A. d'E.

Estrangulou a mulher e pôs termo à vida nos calabouços da Polícia a quem se entregara

EVORA, 14. — (Pelo telefone). — A cidade emocionou-se, esta manhã, com uma triste ocorrência, que provocou a morte de um casal. O ajudante de notário, sr. José Manuel do Nascimento, de 31 anos, natural de Portel, casado e residente no bairro de Nossa Senhora do Carmo, suspeitava da infidelidade de sua mulher, a sr.ª D. Cristina Rosa Almona, de 29 anos, natural de Portel. Na última terça-feira, á noite, o Nascimento, depois de confirmar as suas suspeitas, fez sair a mulher de casa e mandou um filho do casal, que tem 9 anos, para a casa dos avós, em Portel. Ontem, á noite, o Nascimento voltou a encontrar-se com sua mulher e, segundo declarações de várias pessoas, dirigiram-se calmamente para uns terrenos, nas traseiras da Ermida de S. Sebastião. De madrugada, o Nascimento apareceu na 2.ª esquadra de Polícia, declarando que estrangulara a sua mulher, cujo corpo foi encontrado no referido local. Mais tarde, já nos calabouços da 1.ª esquadra da P. S. P., para onde transitara, pôs termo á vida.

Os dois cadáveres ficaram depositados na casa mortuária do hospital local.



A entrega de credenciais do embaixador de Portugal em França

O presidente Charles de Gaulle, tendo á sua esquerda o ministro dos Negócios Estrangeiros da França, Couve de Murville, fotografado depois de receber as credenciais apresentadas pelo embaixador de Portugal, dr. António de Faria, a quem dirigiu palavras de elogio para Portugal e para o chefe do Governo português.

Dois larápios que actuavam em plena estrada foram detidos pela P. J.

Dois «ratos» de automóveis praticaram, nos últimos tempos, uma série de furtos, durante uma viagem que empreenderam, desde a capital do Norte até Lisboa, onde depois resolveram estabelecer o seu «quartel-general». A actividade destes larápios foi já, em parte, escalpelizada pela secção central da Polícia Judiciária, que entretanto já os remeteu para a subdirectoria do Porto, para um completo ajuste de contas, pois actuaram principalmente naquela zona.

A vida destes ratoneiros é um verdadeiro romance policial. Passavam pelas estradas do País, num carro que lhes custou a módica quantia de 4.500\$00, aproveitando para, durante o trajeto, praticarem uma série de roubos dos mais diversos apetrechos automobilísticos, que eram retirados dos carros que encontravam estacionados em cidades, vilas e aldeias.

O velho carro em que viajavam em breve se transformou num verdadeiro carro mecânico (em condições, até, de prestar assistência técnica a um automobilista com «pane» na estrada). Nem sequer, faltava gasolina, que era igualmente furtada dos carros que encontravam no caminho. Só em gasolina, devem ter furtado para cima de 1.000 litros.

A prisão dos dois larápios verificou-se no momento em que tentavam transaccionar uma valiosa máquina fotográfica, num estabelecimento da Rua dos Poiais de S. Bento. Foram-lhes apreendidas grandes quantidades de gabardinas, capas de plástico, chapéus de feltro, bolsas com ferramentas, tampões para rodas, um gonímetro, pastas de plástico, e, ainda, diversas cautelas de penhor.

Prémios da Ford

para os melhores vendedores

Vindos de Colónia, chegaram a Lisboa alguns vendedores das concessões Ford de Portugal, premiados por aquela grande organização automobilística mundial, com uma visita ás suas instalações fabris na Alemanha, por motivo da excelente participação que tiveram no extraordinário numero de automóveis «Taunus» e veículos comerciais «FK», vendidos em 1958 no nosso País.

Recebidos por categorizados dirigentes daquela fábrica, os visitantes tiveram oportunidade de contactar com 180 colegas de mais doze países da Europa, com os quais apreciaram demoradamente os modernos métodos utilizados pela Ford no fabrico de automóveis.

Os vendedores vêm animados do maior desejo de superar em 1959 o seu já excelente trabalho de 1958, dado que se encontram agora ainda mais conscientes da grande categoria dos veículos que vendem.

Almoço de homenagem ao dr. Daniel Monteiro

Um grupo de médicos de saúde escolar promoveu hoje, num dos principais restaurantes da cidade, um almoço em honra do sr. dr. Daniel Monteiro, para lhe prestar homenagem pela notável obra que tem desenvolvido como director da Saúde Escolar, a pretexto de perfar 25 anos á frente daquele serviço.

Presidiu á refeição o sr. dr. Valadão Chagas director-geral dos Desportos, que dava á direita ao homenageado e sentaram-se, indistintamente, noutros lugares cerca de 70 convivas, entre os quais os três inspectores de Saúde Escolar, do Norte, do Sul e de Lisboa.

Aos brindes, discursou o dr. Pava Boleo, que, num breve improviso, fez um resumo histórico dos serviços médicos de saúde escolar e do seu constante progresso, focando o que foi a notável actividade dos directores que têm dirigido os destinos daquele departamento, em especial, o dr. Costa Sacadura cuja obra está a ser continuada, afirmou, pelo dr. Daniel Monteiro, o criador de vários serviços tais como os de imunização, medicina profiláctica, oftalmologia, estomatologia, psiquiatria e ainda outros diversos centros de tratamentos.

Em seguida discursou o dr. Daniel Monteiro, para agradecer as referências que lhe foram feitas.

Por fim, falou o director-geral dos Desportos, que igualmente se referiu, em termos elogiosos á figura do homenageado e á sua obra na Direcção de Saúde Escolar.

GRUPO DESPORTIVO da General Eléctric Portuguesa

Os sócios do Grupo Desportivo da General Electric Portuguesa reuniram-se hoje num almoço de confraternização, a que assistiram também, como convidados de honra, o sr. H. Crow, administrador-geral daquela sociedade. A mesma hora, os associados que se encontram em serviço na filial do Porto, reuniram-se igualmente num almoço de confraternização.

O almoço, que se efectuou no Ginjal, terminou com uma saudação á antiga direcção, feita pelo actual presidente, sr. Alvaro Belo Marques.

Concurso para professor da Faculdade de Medicina de Coimbra

COIMBRA, 14. — (Pelo telefone). — Esta tarde, na Sala dos Capelos, sob a presidência do reitor da Universidade, sr. prof. dr. Maximino Correia, prestou a primeira prova do concurso para professor extraordinário do 1.º grupo da Faculdade de Medicina, de Coimbra, o sr. dr. António Simões de Carvalho. Nesta prova foram apreciados os trabalhos científicos do candidato, pelos srs. professores drs. Hernani Monteiro, do Porto; e Maximino Correia.

As provas prosseguem nos dias 16, 17, 18 e 19.

DESPORTOS

O «NACIONAL» DA 1.ª DIVISÃO

Sporting e Benfica

no mais sensacional despique da jornada com três jogos mais de especial importância

O campeonato nacional da primeira divisão de futebol está a dois passos da sua conclusão. Contudo, apenas três equipas entram amanhã para o rectângulo do jogo com expressão de tranquilas. As restantes onze têm ainda os seus problemas para resolver. Isto diz bem da importância da jornada, que poderia, com certa propriedade, denominar-se dos «derbies», pois nada menos de quatro se desenrolarão — Sporting-Benfica, Caldas-Torriense, Vitória de Setúbal-Barreirense e F. C. Porto-Sporting de Braga.

A jornada completa é a seguinte:

Sporting-Benfica
Lusitano-Belenenses
F. C. Porto-Sp. Braga
Setúbal-Barreirense
C. U. F. Spt. Covilhã
V. Guimarães-Académica
Caldas-Torriense

A partida que suscita, de longe, as atenções gerais é a marcada para o Estádio «José Alvalade». Se não for bastante a popularidade de ambos os «teams», havia, para justificar a extraordinária expectativa que se sente, a circunstância de o despique ser, digamos, decisivo para o Benfica. E, como tantas vezes sucede, o desfecho do confronto pode muito bem ser influenciado precisamente pelo facto de enquanto os «leões» entrarem no relvado sem outras preocupações que não sejam as de averbar mais um triunfo sobre o seu eterno rival, êxito esse que teria o sabor de uma desforra, os «encarnados» precisam de triunfar para continuarem, com segurança na senda do triunfo. E', todavia, nossa persuasão, que o estado de ansiedade existente no seio do Benfica lhe proporcionará, inversamente ao que é habitual, o triunfo apeteido pelos seus milhares de adeptos.

A pensarem no despique do Lusitano actuário o F. C. Porto e o Belenenses. Os Nortenhos, no seu ambiente, contra os Bracarenenses. A vitória dos visitados, aliás, como sucedeu já no Estádio 28 de Maio, é o resultado normal do despique, pois a força actual dos homens das Antas não deixa prever qualquer hipótese de surpresa.

Já o Belenenses não tem cartada

O «Nacional» da 3.ª Divisão

11 encontros para acertar o calendário

A jornada de amanhã do Campeonato Nacional da 3.ª Divisão é de bem mais fraca actividade do que normalmente se verifica. Dado o numero elevado de encontros (a volta de um terço total) que deixaram de efectuar-se no ultimo domingo, correspondentes à 8.ª jornada (1.ª da 2.ª volta) da fase inicial do campeonato.

Estão marcados os seguintes encontros:

Zona B — 3.ª Série — I. F. C. Cebolese-A. C. D. da Guarda, em Cebolese de Cima.

4.ª Série — F. C. Marrazes-A. Naval 1.ª de Maio, em Leiria (Estádio Municipal); C. D. B. I. Recreio-U. R. Mirense, em Valado de Frades; C. D. Lousanense-C. F. União Coimbra, na Lousã.

Zona C — 5.ª série — Alhandra-Tramagal, em Alhandra; V. C. Lisboa-U. D. Vilafranquense, na Picheleira.

6.ª Série — C. D. Cova da Piedade-Amora F. C., na Cova da Piedade; G. D. Sesimbra-S. L. Olivais, em Sesimbra.

Zona D — 7.ª Série — Campomaiorense-S. C. Estrela, em Campo Maior.

8.ª Série — Lusitano F. C.-Silves F. C., em Vila Real de Santo António; F. C. U. Sambrazense-S. C. Mineiro Aljustrelense, em S. Brás de Alportel.

Todos os desafios estão marcados para as 15 horas.

tão fácil. A sua deslocação a Évora é de molde a provocar uma desilusão aos lisboetas, pois há que não esquecer a necessidade dos Eborenenses em arrecadar dois pontos que os safe da luta pela saída dos últimos lugares. A capacidade dos dois conjuntos é bem diversa, sem dúvida, mas o factor ambiente, embora tenha já sido propício aos «azuis», não deixará de influenciar o resultado. Consequentemente e pesados os prós e os contras o «nulo» surge-nos como desfecho a vaticinar.

Em Caldas da Rainha e em Setúbal jogam-se os dois outros «derbies». O reservado aos Caldenses é de vital importância para os locais e para os Torrienses. A «lanterna-vermelha» reflectirá a sua sombra neste despique. Supomos que os visitados, até porque actuam nessa posição, lograrão surpreender os seus adversários. Já em Setúbal, o desafio tem cariz diferente. Os Sádinos sómente querem derrotar, mais uma vez, o Barreirense. Este, porém, quer mais — quer desertar da zona dos aflitos. Conseguir-lo-á? Aceitamos o seu êxito. A justificação do nosso prognóstico está exactamente na destrinça a fazer entre esses estados de espírito.

Falta referir os encontros Guimarães-Académica e C. U. F. Covilhã. A «Briosa» tem saída difícil à segunda cidade do Minho. O seu poder é, neste momento, de ponderar. E os Vimaraneses vão exibir-se com a calma que lhes provoca a sua situação na tabela. Se os combricenses triunfarem, o que nos parece difícil, a sua esperança em melhores dias manter-se-á. Mas, o empate, decerto, muito possível, também não deixava de representar um desfecho apeteido...

No Barreiro, a C. U. F. receberá os «leões» da serra. Admitimos perfeitamente que, a despeito, da réplica incessante e briosa dos serranos, os donos do campo consigam a vitória que também procurarão com interesse.

As equipas prováveis

SPORTING — Sá; Lino e Hilário; Julius, Morato e Mendes; Hugo, Vasques Caraballo, Travaços e Morais.

BENFICA — Costa Pereira; Serra e Angelo; Neto, Artur e Alfredo; Palmeiro, Coluna, Aguas, Salvador e Cavém.

LUSITANO — Vital; Teotónio e Paixão; Olmedo, Falé e Garcia; «Fialho», Vicente, Caraca, Flora e José Pedro.

BELENENSES — José Pereira; Pires e Paz; Carlos Silva, Figueiredo e Vicente; Dimas, Abdul, Mendes, «Matateu» e «Yauca».

Arbitro: A. Graça Narciso (Setúbal).

F. C. PORTO — Acursio; Virgil.

Várias provas de amanhã

ACTIVIDADES DA M. P.

Corta-mato, futebol, handebol de sete e voleibol são desportos que manterão em actividade os filiados da Mocidade Portuguesa, repartindo-se assim:

Corta-mato — Campeonatos distritais, para «iniciados» e juniores, respectivamente, nas distâncias de 1.500 e 2.000 metros, começam no Estádio Nacional, a partir das 10.30 horas.

Futebol — Em continuação do campeonato da Ala 2, há os encontros Escola de Paia-E. Académica e E. Valsassina-Seção Maria Pia, no Estádio Nacional, a partir das 10 horas.

Handebol de Sete — Prosseguem os campeonatos, com os seguintes encontros: Escola Marquês de Pombal-B-Liceu Passos, Manuel e Pupilos do Exército-Liceu Gil Vicente B, às 9.30; Escola António Arroto-

(Continua na 11.ª página)

lio e Barbosa; Roberto, Arcanjo e Monteiro da Costa; Carlos Duarte, Hernani, Noé, Teixeira e Perdigão.

SPORTING DE BRAGA — Faria; Armando e José Maria Azevedo; Passos, Calheiros e Trenque; Velez, «Ferreirinha», Teixeira, Mendonça e José Maria Matos.

Arbitro: Alvaro Rodrigues (Coimbra).

VITÓRIA F. C. — Libanio; Polido e Manuel Joaquim; Alfredo, Vaz e Serra; Inácio, Miguel, Mendonça, Jacinto e Virgílio.

BARREIRENSE — Bráulio; Faneça e Abrantes; Pinto, Silvino e Arturo; Madeira, Oñoro, José Augusto, «Faia» e Godoy.

Arbitro: Eduardo Gouveia (Lisboa).

G. D. DA C. U. F. — Gama; Abalroado e Durand; Oliveira, Palma e Pimentel; Rodrigues, Carlos Alberto, Arsénio, Bispo e Uria.

SPORTING DA COVILHÃ — Rita; Helder e Couceiro; Lázinha, Cabrita e Lourenço; Gabriel, Suárez, Caldas, Coreles e Martinho.

Arbitro: Francisco Guimomar (Beja).

VITÓRIA S. C. — Sebastião; Daniel e Abel; Barros, Silveira e Virgílio; Bártolo, Edmur, Romeu ou Ernesto, Carlos Alberto e «Rola».

ACADEMICA — Cristóvão; Araújo e Bento; Wilson, Marta e Torres; Chipenda, Miranda, Rocha, André e Bentes.

Arbitro: João Pinto Ferreira (Porto).

CALDAS S. C. — Vitor; Amaro e Anacleto; António Pedro, Saraiva e Orlando; João, Garnacho, Mateus, Romeu e Lenine.

TORRIENSE — Montero; António Costa e Mergulho; Manuel Carlos, Forneri e António Manuel; Mário, Saldanha, Azevedo, José da Costa e Bezerra.

Arbitro: Manuel Lousada (Santarém).

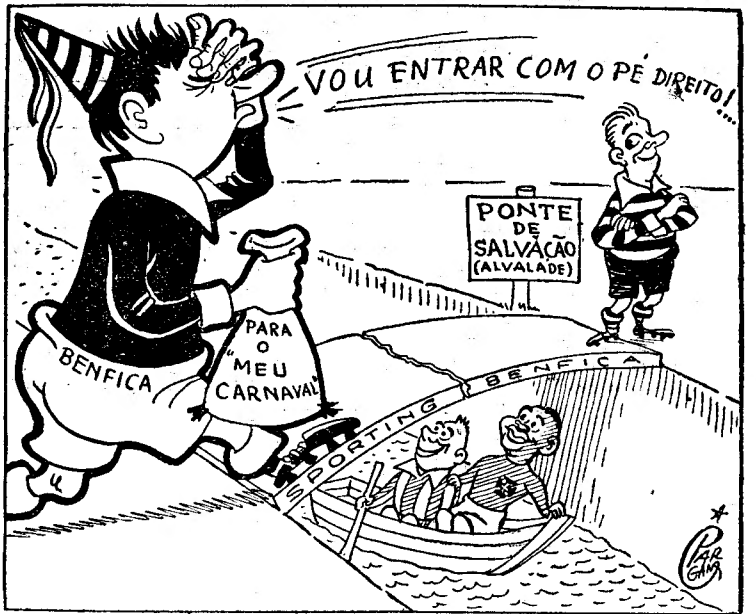
Instruções sobre o trânsito para o Estádio Alvalade

Prevendo-se, amanhã, por ocasião do jogo Sporting-Benfica, excepcional afilência de veículos, a Polícia de Segurança Pública, através dos seus serviços de trânsito, informa o seguinte:

Estacionamentos: Na avenida que circunda o Estádio José Alvalade, só é permitido aos carros que tiverem afixado no pára-brisa o dístico de PARQUE. Estes dísticos podem ser adquiridos na sede do Sporting, hoje das 15 às 23 horas, e, amanhã, na agência Praça dos Restauradores. Os restantes carros podem estacionar nos seguintes armazéns: do lado Ocidental do Campo Grande, Campo de Instrução da P. S. P., Estrada de Malpique e armazéns de acesso ao Centro Universitário de Lisboa.

Transito para a Alameda das Linhas de Torres: Todos os automobilistas que se destinem quer ao Estádio Alvalade quer a sair da cidade, deverão apresentar-se no fim do Campo Grande (à entrada da Alameda das Linhas de Torres) ocupando com as suas viaturas as duas filas de trânsito da direita.

Transito a entrar ou sair da cidade: Todos os veículos que pretendam entrar ou sair da cidade pela Alameda das Linhas de Torres, entre as 13 e 30 e 15 e 30 e as 16 e 30 e 17 e 30, poderão utilizar com apreciação benefício de tempo o itinerário pela Rotunda do Aeroporto, Estrada de Sacavém, raquete da Estrada de Sacavém, Estrada da Circunvalação, Charneca, Estrada de São Bartolomeu, Ameixoeira, Estrada do Desvio e Calçada de Cariche.



PROVAS DA F. P. F.

A «Taça de Portugal» tem amanhã o seu começo

Mais um torneio da Federação Portuguesa de Futebol começa a disputar-se amanhã: a «Taça de Portugal» — o certame que encerrará a época de 1958/59.

Na sua primeira fase, a competição engloba 24 equipas do «Nacional da 2.ª Divisão» — todas, afinal, menos as quatro que não de entrar nos jogos de passagem à 1.ª Divisão.

Nesta primeira fase da «Taça», os 24 grupos são distribuídos por seis séries (de quatro), que disputarão em «poule», as duas voltas, o direito de passarem à segunda fase da prova.

São apurados os dois primeiros de cada série.

Os jogos da Zona Norte

Os desafios da Zona Norte, marcados para amanhã, são os seguintes:

Gil Vicente (11.ª)-Chaves (6.ª)
Vila Real (8.ª)-Vianense (12.ª)
Espinho (4.ª)-Leixões (1.ª)
Tirsense (13.ª)-Sanjoanense (9.ª)
Oliveirense (7.ª)-Portalegrense (14.ª)
Peniche (5.ª)-Marinhense (10.ª)

Entre parêntesis indica-se a classificação de cada um no campeonato nacional da 2.ª Divisão, o que pode ajudar aos vaticínios.

Os Barcelenses recebem uma equipa que lhes foi superior, mas, jogando em casa devem oferecer boa réplica. Vamos por um empate ou vitória escassa dos visitantes. Estão no mesmo caso o Espinho e o Tirsense.

Relativamente aos jogos de Vila Real, Oliveira de Azemeis e Peniche os grupos locais são favoritos.

Os desafios da Zona Sul

O programa da Zona Sul apresenta-se assim:

Atlético (1.ª)-Sacavenense (14.ª)

O «NACIONAL»

DE JUNIORES

Completa-se a 1.ª jornada

1.ª jornada do 19.º Campeonato Nacional de juniores, tão prejudicada pelo mau tempo, no ultimo domingo, completa-se amanhã com a realização de oito encontros (precisamente metade dos que a «ronda» comportava), que a F. P. F. marcou — e muito bem — para antes da 2.ª jornada. A competição poderá, assim, ter uma sequência mais regular.

Eis os desafios marcados:
Zona Norte — 4.ª série Nazarenos-Caldas, na Nazaré; Sporting Nacional-A. Académica de Coimbra — ambos às 10.30 h.

Zona Sul — 5.ª Série — Sporting da Covilhã-Tramagal, na Covilhã, às 10.30 h.; Portalegrense-Os Leões, em Portalegre, às 15 h.

6.ª Série — Sporting-Seixal, no Estádio «José Alvalade» e Belenenses-Desp. da C. U. F., no Restelo — ambos às 10.30 h.

7.ª Série — Oriental-Benfica, no campo «Eng.º Carlos Salazar»; C. D. Montijo-S. L. Olivais, no Montijo — ambos às 10.30 h.

Arroios (10.ª)-Oriental (7.ª)
Estoril (8.ª)-Coruchense (16.ª)
Montijo (5.ª)-Almada (6.ª)
Serpa (11.ª)-Beja (12.ª)

Portimonense (4.ª)-Juventude (9.ª)

São de fácil vaticínio os jogos do Tapadinha, Estoril e Portimão, em que o favoritismo vai inteirinho para as equipas visitadas.

Nos restantes desafios pode admitir-se que as lutas sejam mais equilibradas. Ao Montijo e ao Serpa, o factor «casa» pode servir de boa ajuda, mas quanto ao Arroios é difícil prever se isso bastará.

PROVAS DA A. F. L.

31 desafios

marcados para amanhã

Todas as provas que a A. F. L. tem actualmente em curso, à excepção do Campeonato Distrital de Reserva, prosseguem amanhã, proporcionando nada menos de 31 desafios, assim repartidos:

Campeonato distrital da 2.ª Divisão — 17.ª jornada — Ericeirense-Castelo, no campo «Henrique Tomás Frade»; Od. Velas-Palmense, no campo «Diogo José Gomes»; Fanhões-Amadora, no campo da «Matinha» — todos às 15.30 h. Amoreiras-U. Povoense, no campo «José Ramos»; Santa Iria-Charneca, no campo «Reynolds» — ambos às 15.1 h.

Campeonato distrital da 3.ª Divisão — Série A — (12.ª jornada) — Queluz-1.ª de Dezembro, na Amadora; Lourel-Cascalheira, no campo «Arménio Fernando Luís»; Belas-Alto da Eira, no campo «E. F. Pinto Basto»; C. e m-Linda-a-Velha, no campo «Marquês de Pombal»; J. de Algas-Carcavelos, no campo «A. E. Simões Alves» — todos às 15.30 h.

Série B (15.ª jornada) — Zambujalense-Camarate, no campo «Conde de Mendia»; Bucelenses-Castanheira, no campo de Vialonga; Pinheiro de Loures-Povoense A. C., no campo «Maj. Arsénio Rosa Bastos»; Ponte de Frias-Malveira, no campo do Bonjardim; Loures-Tojal, no campo da Arleira — todos às 15.30 h.

Camp. distrital de juniores da 2.ª Divisão — Jogos em atraso da 2.ª jornada — Série A — Vitória-Operário, no campo da Picheleira, às 10.30 h.; Linda-a-Velha-Mirandense, no Estádio Nacional (treinos), às 11.30 h.; U. Algés-Santa Catarina, no campo «A. E. S. mões Alves», às 10 h. Série B — R. Janeiro-Casa Pia, no campo «Pina Manique (treinos)», às 11 h.; Queluz-Amadora, na Amadora, às 11 h.; Sporting-Sintense, no campo «José Ramos», às 11.15 h. Série C — Alverca-Vilafrankense, no campo de Alverca, às 10.30 h.

Prova distrital de principiantes — 5.ª jornada — Série A — Sporting-Palmares, no campo de treinos do Estádio José Alvalade, às 9 h.; Amadora-Oriental, no campo da Amadora, às 9.45 h.; Atlético A-Belenenses, na Tapadinha, às 10.30 h.; Torriense-Cas. Pia, no campo das Covas, às 11 h.

Série B — Vilafranquense-Benfica, em Vila Franca, às 10 h.; U. Povoense-Atlético B, no campo do Telhal Sacavenense-S. L. Olivais, no campo de Sacavém; Alhandra-Vialonga, no campo da Hortinha — os três às 10.30 h.

Rosa dos Ventos

A estação de Miami, na Flórida, anuncia-se este ano com fraca concorrência. Os comerciantes locais resolveram, por isso, fazer alguns sacrifícios. Assim, em certos hotéis, os hóspedes não serão obrigados a pagar o quarto nos dias em que a temperatura, ao meio-dia, não tenha ultrapassado 24º centígrados. E se o Sol não aparecer durante o dia, os jornais da tarde serão distribuídos gratuitamente. Devemos acrescentar que a moda cá não pega, pois ninguém está disposto a subordinar os seus interesses aos caprichos do tempo para manter o bom nome de uma estância de vilegiatura. Só se for o sr. Teodoro dos Santos.

Uma fábrica americana vai produzir helicópteros em série, a partir do próximo ano, ao preço de 50 contos aproximadamente.

Em Berlim abriu uma «escola de pais», que tem por fim ensinar aos progenitores os gostos, os hábitos, as predilecções e os caprichos dos filhos. Há aulas uma vez por semana. Os «alunos» ouvem discos de Elvis Presley, Pat Boone, «Conny» e outros ídolos da mocidade alemã. Familiarizam-se com a linguagem dos rapazes — e aprendem a dançar o «rock n'roll».

Aumenta nos Estados Unidos a venda dos livros religiosos, segundo informa o semanário «Newsweek». A Bíblia, como é natural, vem à cabeça da lista: desde 1952, uma 3.ª edição da «Nelson's Revised Standard Version» alcançou já a bonita tiragem de sete milhões de exemplares. Uma vida de Cristo, «A mais bela história que ainda se contou», vai em três milhões de exemplares. Outros livros religiosos estão a ter uma procura excepcional.

Um faquir turco que engolia sabres foi condenado a uma pena de prisão. Não tinha licença de uso e porte de arma.

O Governo japonês vai proceder à instalação de dez receptáculos postais na selva da ilha de Lubang, destinados a informar, por meio de mensagens, os soldados que ainda estão escondidos no mato — á espera de que acabe a segunda guerra mundial.

Um jornal soviético descobriu que o golfe foi inventado pelos Russos, e começou a ser praticado pelos pastores do Cáucaso. Em virtude desta «descoberta», aquele desporto foi reabilitado e deixa de ser um privilégio dos «plutocratas ocidentais». Estão já em preparação dez campos de golfe no território da União.

O pequeno Billy entra em casa com um olho negro. A mãe repreende-o, furiosa: — Andaste outra vez à bulha, meu maroto! E tinha-te recomendado que contasses até cem antes de bater fosse em quem fosse.

— Pois sim, mamã, mas a mãe do outro menino recomendou-lhe que contasse só até cinquenta!

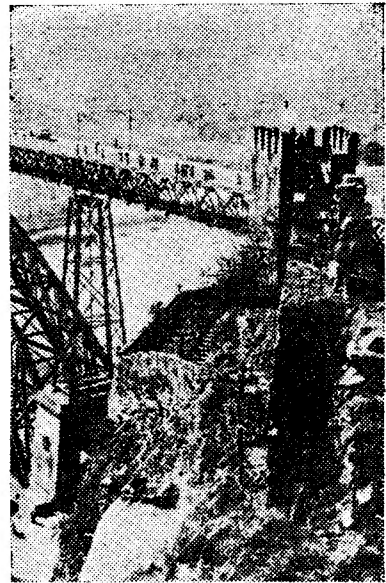
Navios portugueses em exercícios da N. A. T. O.

Com destino ao Noroeste da Península Ibérica, partem amanhã os contratorpedeiros «Dão» e «Lima» e as fragatas «Pedro Escobar» e «Corte Real». Esta esquadilha, sob o comando do comodoro Paulo Viana, comandante da Força Naval do Continente, vai tomar parte nas manobras navais da N. A. T. O., intituladas «Brisa da Madrugada IV».

Nestes exercícios, que se iniciam na próxima terça-feira e têm a duração de oito dias, tomam parte, também navios das Marinhas de Guerra da Dinamarca, França, Inglaterra e Estados Unidos.

O ministro das Obras Públicas

deslocou-se hoje ao Porto
para avaliar a extensão
da derrocada da muralha fernandina



A maior parte da muralha ergue-se no alto da escarpa cortada a pique sobre os Guindais.

(Continuação da 1.ª página)

métricas constantes, a eventuais vibrações do terreno, incluindo as que foram causadas pelas perfurações de túneis que lhe ficam próximos e as da ponte de D. Luís, com o seu intensíssimo movimento de eléctricos, camiões e outros veículos pesados, etc.

Há contudo um factor a que ninguém ainda se referiu e deve ter sido a causa remota da última tragédia. Desconhecem os que nasceram de há 80 anos para cá a existência do Elevador dos Guindais, o qual corria justamente ao longo da muralha, desde as proximidades do Largo do Actor Dias, até á beira-rio.

Para o construir foi necessário desbastar a rocha sobre a qual assenta em grande parte a muralha fernandina, pormenor, que ainda está á vista de quem siga a trajectória que percorria o leito da linha do referido elevador. É evidente que desse desbaste devem ter resultado profundas brechas ou fendas que, pelos tempos fora, a erosão, motivada pela infiltração das águas, foi produzindo, até, um dia, começar a produzir-se o esboramento do mais rijo granito.

Não há dúvida que foi o que aconteceu, no caso presente. Está á vista que o desmoronamento se produziu pela base da muralha e

prova-o o facto de sobre as casas terem caído os penedos informes e, após eles, as pedras aparelhadas. Se se tivesse produzido o contrário, isto é, se tivesse sido a muralha que houvesse ruído, não se teria verificado, talvez, tão grande destruição.

O facto de a derrocada se ter dado numa extensão perfeitamente igual, tanto no alto como na base da muralha, parece provar bem a sua falta de apoio. Ainda a comprovar esta asserção, cite-se o facto de os grandes calhaus terem rolado mais pela escarpa do que as pedras que caíram da muralha.

Não há dúvida de que o desastre ocorreu por falta de apoio, pois sendo as duas paredes da muralha da mesma idade, não faz sentido que uma tivesse desabado e a outra esteja perfeitamente aprumada e sem o menor vestígio de ameaçar ruína.

Se a muralha fernandina tem seis séculos, a igreja de Cedofeita tem catorze — muito mais velha, portanto, e nem uma só pedra evidencia a sua idade.

A Sé Catedral é coeva da fundação da nacionalidade e evidencia apenas — ou evidenciou, antes do restauro feito pelos Monumentos Nacionais, os estragos que os vários renovadores de todos os tempos lhe fizeram.

Muito antigos são outros monu-

Uma lápida comemorativa da 1.ª travessia aérea nocturna do Atlântico Sul

Para início das comemorações do quinquagésimo aniversário do Acro-Clube de Portugal, será descerrada, no dia 17, ás 11 e 30, no aeródromo de Alverca uma lápida comemorativa da primeira travessia aérea nocturna, do Atlântico Sul, efectuada pelos aviadores portugueses Jorge de Castilho, Sarmiento de Beires e Manuel Gouveia, em 16 e 17 de Março de 1927, utilizando para o efeito métodos e instrumentos criados em Portugal para navegação aérea, pelo almirante Gago Coutinho.



PARA COLOCAÇÃO DO SEU CAPITAL A RENDAR A CONFIDENTE

A MAIOR ORGANIZAÇÃO DO PAÍS EM PROPRIEDADES

Já no solo, tentando dominar o pára-quedas e o vento...

Então, quando o pára-quedista estiver no solo, tentando dominar o pára-quedas e o vento...

A estrutura moral dos pára-quedistas assenta no espírito novo que

Em menos de 24 horas de convívio com os pára-quedistas portugueses, que surpreendemos em plena e rotineira actividade, as impressões obtidas não podem ser mais favoráveis. Não é apenas pelo facto de trabalharem com uma dureza e intensidade talvez sem equivalência em qualquer outra unidade militar nacional. Na vida, não é só isso que importa. Há que considerar ainda um racional e despojado timbre de sociabilidade, sem excluir uma disciplina rígida, nunca imposta, mas em todas as circunstâncias oferecida. Existe ali um profundo sentido de personalização, um sincero interesse pelo valor humano — acentuada actualização pedagógica, resultante do impulso de uma pleiade de jovens de boa formação, cultos e do nosso tempo. Acompanhado do sr. capitão Rafael Durão, já nosso conhecido, membro de uma família de categorizados militares, ocupámos grande parte da nossa visita ao Batalhão de Caçadores Pára-quedistas, em Tanco na observação de prática de exercícios físicos, desportivos e de combate. O cap. Durão, com gentileza cativante, conduziu-nos até ao local onde as duas companhias de operações se treinavam no lançamento de granadas, atirando os projectéis para um vale onde fora desenhado um círculo branco que servia de alvo. Diariamente, em cada sessão, explodem no B. C. P. mais de um cento daqueles projectéis, dos tipos ofensivo, que tem um raio de acção de 14 metros, e defensivo, que chega até aos cento e tal metros. Noutro terreno preparavam-se uma vintena de cães-polícias, adquiridos na Alemanha, em exercícios verdadeiramente impressionantes: ataque a uma homem suspenso, guarda de objectos, guarda de homens, condução de presos, etc.

Véu providencial

NEWCASTLE, 14. — Um véu foi a salvação da cançonetista inglesa Christine Langford, quando interpretava um numero oriental diante das camaras da TV. Rebentou-se a unica alça que prendia o colete do seu traje oriental, desnudando-lhe o tronco — mas Christine envolveu-se rapidamente no longo véu que lhe pendia da cabeça e continuou a cantar. — (A. N. I.).

UMA LIÇÃO

do prof. José Pinto Coelho

O professor jubilado dr. José Gabriel Pinto Coelho, antigo reitor da Universidade de Lisboa, prosseguiu hoje, de manhã, na Faculdade de Direito, após uma larga ausência no estrangeiro, as suas lições-conferências integradas na Cadeira de Direito Comercial, sobre «Protecção da marca notória e da marca de reputação excepcional». A esta lição assistiram o actual reitor da Universidade, prof. Marcelo Caetano, numerosos professores, juristas e advogados e muitos alunos daquela Faculdade.

AS TEMPERATURAS DE HOJE

Temperaturas extremas registadas hoje em Lisboa, até ás 15 horas: máxima, 19,9; mínima, 8,2. No mesmo dia do ano passado: máxima, 16,3; mínima, 13,6.

— Temperaturas observadas ás 9 horas na Costa do Sol: na atmosfera, 13,4; na água do mar, 13,7.

(Continua na 13.ª página)

Ao reorganizar os seus serviços em comemoração das suas «BODAS DE PRATA»

ADÃO, CAMISEIROS

comunica que os seus números de telefone passaram a ser 366118 (P.P.C. 3 linhas)

Adão, Camiseiros desde já agradece aos seus Ex. Clientes e Amigos o favor de tomarem a devida nota.

mural e técnica uedistas portuguesas novo que os caracteriza

totalmente dominados pelos seus tratadores. No campo desportivo, treinavam-se os soldados que constituem o grupo representativo de futebol, que, á tarde, naquele mesmo terreno, defrontou a turma da Base Aérea 3, também de Tancos, para o campeonato da Força Aérea, num dos jogos mais vibrantes a que temos assistido.

Uma «cama elástica» oferecida por Brasileiros

Entre os vários apetrechos de que dispõe o B. C. P. figura uma «cama elástica», muito útil para a adaptação do corpo a difíceis movimentos em pleno ar, que foi oferecida por diversas personalidades brasileiras, tendo á frente o general Jair Jordão Ramos, atitude que documenta eloquentemente as íntimas relações

(Continua na 13.ª página)

O tempo que faz

SITUAÇÃO GERAL AS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental o vento era fraco ou moderado de Nordeste e o céu estava geralmente pouco nublado, por acção duma massa de ar continental, transportada na circulação de um anticiclone centrado a Leste da Noruega.

Temperaturas ás 9 horas: Porto, 10°; Penhas Douradas, 8°; Coimbra, 11°; Lisboa, 9°; Faro, 13° e Funchal, 15°.

PREVISÃO ATÉ AS 24 HORAS DE AMANHÃ — Céu geralmente pouco nublado, com vento fraco de Nordeste, passando a céu muito nublado, com vento moderado de Sudoeste e possibilidades de chuva fraca, para o fim da tarde, amanhã, especialmente a Norte do sistema Montejunto-Estrela.



Flávio Duarte e Henrique Brioso, contemplados com 240 e 120 contos

A viagem a Moscovo (6)

Que conclusões é possível tirar da visita a Moscovo do primeiro-ministro e dos episódios que se lhe seguiram? A primeira, claramente expressa no comunicado final das conversações MacMillan-Kruchchev é a de que as questões relacionadas com o futuro da Alemanha e a segurança europeia devem ser resolvidas por negociações. A segunda é a de que nada impede os dois países de ressuscitarem o pacto anglo-soviético, assinado em Julho de 1942 e denunciado depois do termo das hostilidades. Naquelas conversações não se chegou a acordo quanto às soluções específicas a dar aos problemas de Berlim e do tratado de paz com os vencidos da última guerra.

A versão de que o primeiro-ministro foi á capital soviética sondar as intenções do governo russo não se justifica. Os Americanos apressaram-se a demolir a com a declaração do presidente da Câmara dos Representantes á saída da reunião da Casa Branca de 6 do corrente. Não foi em nome da aliança ocidental que o sr. MacMillan falou em Moscovo, mas em nome da Grã-Bretanha. Ninguém, até agora, apareceu com autoridade, prestígio e influência para falar em nome das nações da Europa Ocidental, as quais estão seriamente ameaçadas pelo agravamento da crise.

A sua visita foi precedida de outras a que, na altura, se não atribuiu á significação que efectivamente tiveram. Adlai Stevenson, Hubert Humphrey e mente, na capital soviética e o Walter Lippman estiveram, igualmente categorizados colaboradores

de Kruchchev, o vice-presidente do conselho soviético Anastas Mikoyan, foi aos Estados Unidos onde teve importantes conversações com os dirigentes americanos, incluindo o presidente Eisenhower e o secretário de Estado Foster Dulles pouco tempo antes de este ser internado no hospital onde se encontra.

Entre essas visitas há uma estreita relação que dá a medida da gravidade da situação e dos riscos explosivos que esta comporta senão forem ao encontro deles os dirigentes comunistas e ocidentais que, no passado recente, mostraram um desconhecimento lamentável do estado de espírito dos povos, alarmados e inquietos com a sua ligeireza e fatuidade. O arrastar de sabre atómico e a diplomacia á beira do abismo são incompatíveis com uma época em que a alternativa da paz é a destruição recíproca e total. Decorridos três meses e meio sobre o envio da nota soviética ás nações ocidentais, estas continuam a não ter uma política comum e, o que é mais grave, a não formular quaisquer propostas para opor áquelas que o governo de Moscovo apresentou.

A visita a Moscovo do sr. MacMillan foi o primeiro esforço sério envidado no sentido de evitar que os acontecimentos continuem á deriva sem que, do lado ocidental, se adoptem as medidas correspondentes aos perigos que a todos igualmente ameaçam. O primeiro-ministro está decidido a não deixar perder os benefícios relativos que dela resultaram, abrindo caminho ás negociações que, em princípio, ficaram assentes entre ele e os dirigentes soviéticos. Que forma vão tomar essas negociações e sob que aspecto vão ser conduzidas?

As conversações preliminares com os aliados da Grã-Bretanha são o prelúdio da tentativa britânica para fazer sair a diplomacia ocidental do atoleiro em que caiu, pela realização de uma conferência de alto nível precedida de uma reunião dos ministros dos Negócios Estrangeiros das nações de Leste e do Ocidente. Estamos nas primeiras escaramuças da batalha a travar para realizar esse objectivo. A estrada a percorrer é semeada de obstáculos e nela avultam os precipícios que, no passado, inutilizaram as iniciativas malogradas para pôr termo a uma situação que não pode prolongar-se, cuja inviabilidade é unanimemente reconhecida mas da qual só sairemos pela manifestação inequívoca da vontade dos povos e da sua firme intenção de se não deixarem arrastar para aventuras suicidas.

Na Grã-Bretanha essa vontade manifestou-se com tal unanimidade que imprimiu á visita do primeiro-ministro o significado de um acontecimento histórico relevante.

O muito é feito poucos.
Ganhando menos consegue-se mais.

GRANDE OURIVESARIA
DA MODA
RUA DA PRATA, 25

PASTA MEDICINAL
Couto
EVITA estomatites
TRATA doenças da boca

Temos múltiplas fiscalizações a velar pela saúde pública

— mas impõe-se que as suas actividades sejam coordenadas e conjugadas através de uma organização coerente

São desencontradas e mal informadas as opiniões correntes sobre os serviços de fiscalização ao serviço da saúde pública. Há quem suponha que não existem organismos expressamente encarregados dessa função de tão alto interesse social; há quem afirme que só uma fiscalização tem feito sentir os seus efeitos salutareos nos mercados de consumo.

sumo, mas essa com a atribuição dominante de impedir os agravamentos de preços; há ainda quem alegue que os serviços sanitários existentes, embora numerosos, se alimentam apenas de boas intenções, não oferecendo a sua actualização as garantias práticas desejáveis em benefício das populações consumidoras.

A verdade, que intentaremos demonstrar, é que não faltam no nosso País esses serviços e que alguns deles trabalham muito e o melhor que podem. Mas o mal maior está, precisamente, na abundância dos organismos ou actividades fiscalizadoras — sem coordenação, sem directivas comuns ou devidamente distribuídas, entrecruzando-se numa faina inglória e, sob alguns aspectos, improficua.

Alguns ministérios, diversos organismos corporativos, as Camaras Municipais, comissões variadas, dispõem de serviços de fiscalização. Há Grémios e Juntas com laboratórios privados para análises de produtos alimentares, químico-farmacêuticos e outros. Mas é á Direcção-Geral de Saúde, naturalmente, que cabem as mais amplas atribuições e as mais largas responsabilidades, sobretudo no «controle» geral dos produtos fornecidos ao consumo e na detecção e eliminação dos factores de contágio patogénico.

O decreto-lei 35.108, de 7 de Novembro de 1945, fixou expressamente o âmbito da acção fiscalizadora deste departamento oficial, definindo no art.º 24.º as suas fundamentais atribuições: «Promover a des-



Algumas das joias roubadas a «dady» Docker, em Southampton, cujo valor total anda por 12 mil contos

(Continua na 13.ª página)

1.080 contos da «taluda» foram ontem distribuidos entre gente que trabalha no Mercado Hortícola do Rego



A cauteleira Olimpia Rosa

Na cave do prédio n.º 7-A, do Campo Grande, onde há dias se registaram inundações, vive uma família cujos principais proventos resultam da venda de lotaria: a mãe chama-se Alice Rosa; e duas filhas Olimpia Rosa e Natalina Rosa, residem ali com ela, com duas irmãs e dois irmãos e com cinco sobrinhos muito pobres.

As três são muito conhecidas na zona compreendida entre a Praça da Figueira e o Terreiro do Paço, pois exercem, quase exclusivamente, a sua actividade nas Ruas dos Correios e dos Douradores, percorrendo diariamente os restaurantes e as casas de pasto ali existentes.

Há umas três semanas, porém, a Olimpia Rosa começou a vender no vizinho Mercado Central Abastecedor de Produtos Hortícolas, da Avenida 28 de Maio; e, rapidamente, com a sua presença simpática e a sua vivacidade, arranhou fregueses. Quando, esta manhã, ela apareceu ali, o produtor de hortaliça José Marques felicitou-a:

— Então, parabéns! Vendeste a sorte grande!

Ela não queria acreditar: não asentara os números do jogo que vendera, e ignorava, por isso, que entre eles estava o 31.703, premiado com os 1.200 contos da lotaria de ontem, dia 13. Mas, á vista do décimo que o contente alvicaireiro lhe comprara e lhe mostrou, convenceu-se e começou a recordar-se de que, efectivamente, vendera, naquele mercado, nove décimos do referido bilhete, tendo outro sido vendido na Baixa. não sabe a quem.

Também não conseguiu, aliás, identificar todos os compradores daquele mercado, até porque alguns deles negavam ter sido contemplados; mas a «voz do povo», que ás vezes é «voz de Deus», apontava como tendo sido premiados: o mandatário Flávio Duarte, com 240 contos; um horticultor saloio, cujo nome se desconhece, também com 240; dois irmãos, filhos de um produtor de hortaliça, de A das Lebres, conhecido pelo «Antonito», com 120; e o produtor José Marques, que esta manhã foi, com a cauteleira, receber os 120 contos, dos quais, num exemplo a seguir, lhe deu um, como gratificação.

Este ultimo tem um mandatário, José Simão, que, apesar da sua corcunda, é um optimista, e responde a todos os que o felicitam, julgando que ele também teve a «taluda»:

— Juro pela minha saúde, que não! Nas outras semanas, tenho-lhe comprado jogo, mas como só uma vez tive um prémio — o da terminação —, disse-lhe que não me apouquentasse. E o meu tio só não lhe comprou um décimo daquele bilhete, por uma questão de dez tostões. Quer dizer: por causa de um escudo, não ganhou cento e vinte mil...

Uma nota curiosa: estas cauteleiras já venderam outra sorte grande: os 400 contos que, há dez anos, couberam ao bilhete n.º 8346.

Na cave pobre do Campo Grande, embora satisfeita com o que se passou, e na esperança de gratificações das pessoas contempladas, a família cauteleira deixa escapar, de vez em quando uma lamentação:

— Que pena não nos ter saído nada a nós! Somos tão pobres e jogamos tanto! Mas, do mal o menos...

APARTAMENTOS PARA ESCRITÓRIOS,

comércio ou habitação; vestibulo, 2 salas, Banho e recanto cozinha adaptável a arquivo, aquec.º central, etc.

R. António Maria Cardoso, 15

1933

XXVI ANIVERSARIO

1959

LOJA DAS MALHAS

RUA DO CARMO, 99

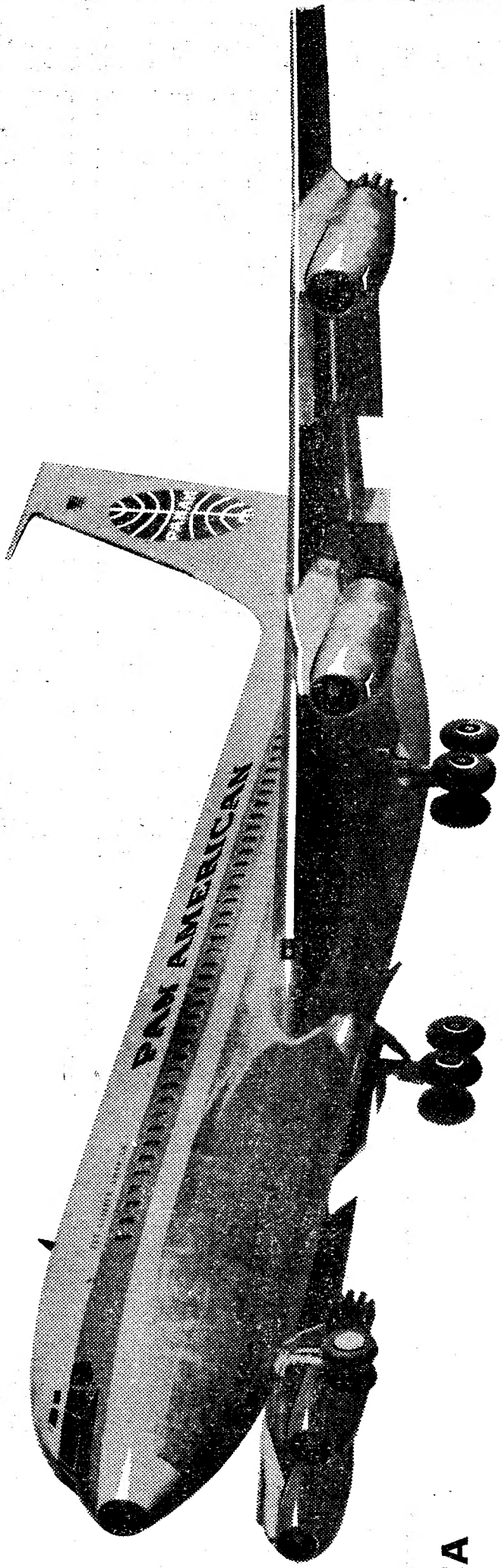
AVISO

Em satisfação dos desejos manifestados por muitos Clientes, para evitar aglomeração que os impossibilita de fazer, com calma, a escolha dos BRINDES a que tenham direito, este ano serão atribuídos, no dia 16 (2.ª-feira) na Secção de Senhora e no dia 17 (3.ª-feira) na Secção de Crianças.

Os BRINDES são escolhidos, livremente, até ao valor de

50% das compras efectuadas.

AVIÃO COMERCIAL MAIS VELOZ DO MUNDO



NA

LINHA AÉREA

DE MAIOR EXPERIÊNCIA NO MUNDO

Este é um dos famosos Clippers* a Jacto 707 da Pan American — a primeira linha aérea sobre o Atlântico. Sinta o conforto dum voo sereno, isento de vibrações, a velocidades superiores a 900 Kilómetros por hora. Diariamente, os voos a Jacto através do Atlântico para os Estados Unidos oferecem os

Serviços de Luxo e Classe Económica, simultaneamente, sem aumento de preços. Serviços a partir de Londres, Paris e Roma. Não custa mais voar mais depressa — beneficiando do serviço superior e da confiança que gosa ao voar na Linha Aérea de Maior Experiência no Mundo.

* Marca registada da Pan American World Airways, Inc.

PAN AMERICAN

A LINHA AÉREA DE MAIOR EXPERIÊNCIA — SERVE PORTUGAL HÁ MAIS DE 20 ANOS

DESPORTOS

(Continuação da 7.ª página)

Liceu Pedro Nunes, no Estádio Nacional, às 10 horas.

VANGUARDISTAS—Escola Marques de Pombal-Escola Fonseca Beneditos, Escola Veiga Beirão-Escola da Paia e Escola Ferreira Borges-Centro 10, no Estádio Nacional, às 10 horas.

Voleibol—Jogos do campeonato da Ala 2: na Escola Nuno Gonçalves, de manhã; Escola Francisco Arruda A-Escola Nuno Gonçalves B e Escola Machado de Castro-Pupilos do Exército, em «infantes»; e Pupilos do Exército-Escola Veiga Beirão, em «vanguardistas A».

ATLETISMO

A temporada de pista inaugura-se com várias provas do Torneio de Abertura, no Estádio Nacional, a partir das 10 horas. O programa é o seguinte: 110 m. barreiras; 80 m. (aspirantes); 100 m.; 400 m.; 700 m. (asp.); 1.500 m.; saltos em altura e triplo; lançamentos do peso e do dardo; 4x100 metros.

BASQUETEBOL

O campeonato nacional da 2.ª Divisão — Zona Sul A continua com os seguintes encontros, integrados na 5.ª jornada: Lisboa Ginásio-Boa Hora, dos Barbadinhos, às 9 horas; Santa Catarina-Maria Pia, no Porto de Lisboa, às 9; Tabacos-Almada, nos Barbadinhos, às 11; Seixal-Arrols, no Seixal, às 11; Sacavenense-P. Arcos, em Sacavém, às 11; Liberdade-Mundet, no Bairro da Liberdade, às 10,30; Rio Seco-Oriental, no Rio Seco, às 10; Queluz-Vitória Setubal, em Queluz, às 10,30; Moscardide-Campolide, em Moscardide, às 10,30.

HOJE, À NOITE

BADMINTON—Em Coimbra, às 21 horas, 1.ª Coimbra-Lisboa, entre homens e senhoras.

BASQUETEBOL—A selecção nacional defronta um combinado do Porto, no campo da Constituição, às 21 e 30 horas.

HOMENAGEM—Festival de homenagem aos jogadores do Vitória Clube de Lisboa, campeões de ténis de mesa da 2.ª Divisão, na sede do clube, às 21 e 30 horas. São homenageados os componentes da equipa do Benfica, vencedores do campeonato da 1.ª Divisão. Leonor Cadillon e Helena Setimelli, jogadoras benfiquistas, fazem uma demonstração e o técnico Otto Glória profere uma palestra.

HOQUEI EM PATINS—No ringue do Campo de Ourique, a partir das 21 horas, começa a Taça de Honra com os jogos Sporting-Hóquei de Belém, Mundet-Futebol Benfica e Educação Física-C. U. F. do Barreiro.

LUTA—As 21 e 30 horas, integrado na «Semana de ginástica» (que hoje se inicia), realiza-se na sede do Ginásio Clube Português, um grande torneio de luta greco-romana, por equipas.

XADREZ—Na sala da Beneficência (Rego) e na sede do Ateneu efectua-se a 1.ª sessão do torneio regional, com os encontros Alekhine-Sporting e Ateneu-Belenenses.

Futebol

A data da repetição do Belenenses-Benfica

Recebemos esta tarde da direcção da Federação Portuguesa de Futebol o seguinte comunicado: «Esta direcção, pretendendo atender as sugestões que nesse sentido lhe foram apresentadas, e tendo ouvido os dois clubes directamente interessados, está a estudar com as entidades superiores a possibilidade de adiar o jogo de repetição Belenenses-Benfica para data que será sempre anterior à da final da segunda volta do Campeonato Nacional da 1.ª Divisão».

CAMISAS
POR MODELO OU POR MEDIDA
RECIDOS A ESCOLHA OU DO CLIENTE
13 modelos em exposição
Consertos e transformações por pessoal especializado
ROVIL
Rua Arco Marquês do Alentejo, 30, 1.º — Telef. 862402
Envio a cobrança pelo correio

de, às 10,30; e Cruzquebradense-Educação Física, na Cruz Quebrada, às 11 horas.

A A. B. L. faz prosseguir os campeonatos regionais de juniores e infantis, com os seguintes encontros: **SERIE A** — Sporting-Cruzquebradense, no Passadigo e Benfica-Belenenses, no Campo Grande — ambos às 10 e 11 h. **SERIE B** — Pedrouços-Paço de Arcos em Pedrouços, às 10 e 11 h.; e Liberdade-Algés A no Liberdade, às 10; **SERIE C** — Alvalade-Ateneu, no Campo Grande, às 11; Queluz-Campolide, em juniores, e Queluz-Sporting C em infantis, em Queluz, às 10 e 11 h.; Carnide-Atlético, em Carnide e Moscardide-Nacional, em Moscardide, juniores, às 10; **SERIE D** — Tabacos-Casa Pia, em juniores nos Barbadinhos, às 10 horas.

CICLISMO

A Associação de Ciclismo do Sul faz disputar a 2.ª prova do campeonato regional de «independentes» — uma corrida de 222 quilómetros, entre a Avenida do Restelo e a Av. Rio de Janeiro, com passagem por Algés, Caxias, Oeiras, Estoril, Cascais, Guincho, Malveira da Serra, Colares, Estefânia, Lourel, Ericeira, Mafra, Malveira, Torres Vedras, Cadaval, Vermelha, Cercal, Ota, Alenquer, Vila Franca e Sacavém. A partida será dada às 7 horas.

Os iniciados têm a terceira corrida do campeonato — um «contrarelogio» de 50 quilómetros, com partidas da Avenida Rio de Janeiro, desde as 7,10 h., e com intervalos de 5 minutos e chegadas ao mesmo local. Percorso: Lisboa-Vila Franca-Lisboa.

DESPORTO CORPORATIVO

Campeonato de futebol — Ref. Ultramar-F. C. Regina e Of. S. José-S. C. Guerin — ambos da 1.ª Divisão — no campo de Belém, às 9 e 11 h.; Comp. Telefones-Comp. Carris (1.ª Div.) e Comp. Carris-F. C. Regina (2.ª Div.), no campo da Picheleira (Telef.), às 9 e 11 h.

Campeonato de basquetebol — Robbialac-Comp. Carris, (1.ª Div.), em Sacavém, às 10 h.

GOLFE

No campo do Estoril disputam-se amanhã as finais das duas provas dos Campeonatos Internacionais de Portugal, jogadas em 36 buracos. São adversários: Manuel Brito e Cunha e R. Wall e Vera Nobre da Costa-Barbara Brito e Cunha.

HANDEBOL

As equipas de honra do Benfica e do Sporting jogam às 10,15, no Campo Grande, o desafio-repetição do campeonato de Lisboa.

Os juniores têm a penúltima jornada do seu campeonato com os desafios: Cova da Piedade-Belenenses, na Cova da Piedade; Benfica-Almada, no Campo Grande; Oriental-Sporting, no campo «Eng.º Carlos Salema» — todos às 9 horas.

HIPISMO

No hipódromo do Campo Grande, a partir das 14,30 horas, com entradas livres, disputam-se as provas da 2.ª jornada das «Poules» da S. H. P., pela seguinte ordem: cavalos, a meter, cavalos com «handicap» e cavalos sem «handicap». A fechar, a prova reservada a cavaleiros juniores.

HOQUEI EM CAMPO

Começa o torneio organizado pelo C. F. Benfica, estando marcados, para o campo «Francisco Lázaro», os seguintes encontros: Benfica-Hóquei, às 9 h.; Belenenses-Atlético, às 10,30.

RAGUEBI

Campeonato Nacional — Divisão de Honra — 5.ª jornada — Benfica-Sporting, no Campo Grande, às 11 h.; Internacional-Belenenses, nas Telheiras, às 10,30 h.; 1.ª Divisão — Arroios-Académica, no E. Universitário, às 15 h.; Taça «Francisco Silva» — Benfica-Belenenses, no Campo Grande, às 9,30; Agronomia-Internacional e Direito-C. D. U. L. — ambos no Estádio Universitário, às 9,30 e 11 h.

TÉNIS DE MESA

Campeonato de Lisboa, de infantis — 5.ª jornada da 2.ª volta — Série A — Benfica B-Ateneu, Benfica A-Mirantense B e Arroios B-Sporting A. Série B — Arroios A-C. Católico e Benfica C-Belenenses — todos nas mesas dos clubes indicados em primeiro lugar — a partir das 10 horas.

TIRO A CHUMBO

No «stand» do Clube Português de Tiro a Chumbo, no Lumiar, a partir das 14,30 h., prova de «skeet» a 25 pratos (Taça «Guy de Valle Flor») e prova a 5 pombos (Taça «Gueifão Ferreira»).

Centenas de pessoas manifestaram o seu pesar pela morte de Artur Portela

Foi profundamente sentida a morte do nosso querido camarada Artur Portela — que teve a companhia, antes de ficar depositado no cemitério dos Prazeres, todos os seus companheiros da redacção e de outras secções do «Diário de Lisboa», bem como muitas pessoas estreitamente ligadas à vida do nosso jornal, dentre as quais queremos destacar as sr.ªs D. Elisa Bordallo Pinheiro, D. Maria Teresa Bordallo Pinheiro Pereira da Rosa e D. Germana Pinto Ruela Ramos. Assim, além das entidades a que ontem nos referimos, manifestaram o seu pesar, comparecendo na Casa da Imprensa, no cemitério, ou na nossa redacção, ou enviaram cartas, cartões ou telegramas de condolência mais as seguintes:

Artistas sr.ªs D. Raquel Roque Gameiro, D. Eduarda Lapa, D. Maria Adelaide de Lima Cruz, D. Gabriela Castelo Branco, D. Marta Mesquita da Camara, D. Matilde de Rosa Araújo, D. Amélia Vilar, D. Arminda Gonçalves, D. Fernanda Botelho, D. Adelina Campos, D. Luísa Durão, D. Maria Isabel Guerra Junqueiro, dr.ª D. Lourdes Levy, D. Alda e D. Virginia Bordallo Pinheiro de Mendonça, D. Maria Emília Barbosa Viana, D. Alice de Azevedo Constant, D. Maria Manuel e D. Maria Elvira Pimentel Montenegro, D. Helena Ramos, D. Adelaide Ribeiro e família, D. Maria Candida de Almeida; srs. dr. Veiga de Macedo, ministro das Corporações; eng.º Luís Guimarães Lobato, vice-presidente da Camara Municipal de Lisboa; professores drs. Caetano da Mata, Fernando Emídio da Silva e Ricardo Jorge, tenente-coronel Salvação Barreto, Luís Pastor de Macedo, dr. António Luís Gomes, pela Fundação da Casa de Bragança; dr. João Couto, director do Museu de Arte Antiga; general Afonso May, brigadeiro Ribeiro da Fonseca, coronéis Esmeraldo de Carvalhais e Vasco Lopes de Mendonça; pintores Joaquim Rebocho, Dordio Gomes, Lauro Corado, Stuart Carvalhais, José de Lemos, João Santiago, Machado da Luz, Roberto Nobre, Eduardo Malta, Martinho da Fonseca, João Fragoço, António Soares, José Julio, Hermano Baptista; arquitecto José Borrego, actores Samuvel Dinis, pelo Sindicato dos Artistas Teatrais; Augusto Costa (Costinha), Augusto de Figueiredo, Geraldo de Magalhães, Joaquim de Oliveira, Gerhard Dohms, adido de Imprensa à Embaixada alemã; escritores e jornalistas dr. Domingos Monteiro, José Cardoso Pires, Guedes de Amorim, dr. Lopes de Oliveira, Jaime Brasil, António de Cértima, Augusto Abelaira, dr. João da Silva Correia, Alexan-Ire Cabral, Gustavo de Matos Sequeira, Vítor Falcão, Luís e José Galhardo, Emílio Loubet, Mário Reis, Luís Consiglieri Sá Pereira, José Barão, Hugo Rocha, Stubbs de La...

DEMITIRAM-SE

os representantes das Juntas à União das Freguesias de Lisboa

Numa reunião presidida pelo sr. dr. António Osório Vaz, novo governador civil de Lisboa, os vogais das Juntas de Freguesia eleitos em fins de 1958 para a respectiva representação na União de Freguesias de Lisboa, pediram a exoneração dos cargos que ocupavam. O pedido foi fundamentado na circunstância de terem sido criadas, na área do concelho de Lisboa, duas novas freguesias e suprimidas duas, e alteração das respectivas denominações, assim como na consequente e profunda alteração dos elementos constitutivos das correspondentes autarquias territoriais e populacionais.

Na opinião dos vogais demissionários, a representação que lhes fora confiada ficou seriamente comprometida, pelo que se impõe proceder a nova eleição.

O governador civil, em face das razões invocadas e perante a insistência do pedido, aceitou a demissão dos referidos vogais, com a condição, que foi aceite, de ficarem em exercício das respectivas funções até serem empossados os novos vogais da comissão central.

Todas estas pessoas tomaram parte nos turnos realizados entre o portão e o coval do cemitério, tendo sido ainda organizados outros três turnos constituídos um deles por senhoras, o segundo por jornalistas e o turno final por membros da família.

cerda, Manuel Alpedrinha, Alves Teixeira, Lapa Gusmão, Sebastião Cardoso, rev.º Dinis da Luz, Morais Cabral, Eliseu Piteira de Almeida, Vasco Vidal, Maia Alcoforado, Leal do Zêzere, Manuel Ribas, presidente da assembleia geral da Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto; dr. Mário Lyster Franco, director do «Correio do Sul», de Faro; drs. Braga Paixão, Ramon de la Féria, Campos Coelho, António de Oliveira Braga; comandante Pires dos Santos, Miguel de Melo e Castro (Alvelos), Artur Ramos, João Trigueiros de Aragão, Alberto Lobo, Fernando Homem Cristo, Lázaro Léon, Augusto Bertholo, Manuel Torres Marques, Castro Aragão, de Seia; dr. João de Araújo Correia, de Peso da Régua; Armando Marques Laborinho, da Nazaré; Machado Luz, do Porto; Carlos de Barros Queirós, pelo «Mundo Português»; Mário Sacramento, de Aveiro; Calazam, da Marinha Grande; Bordoalo Matias, de Almeida; Romualdo Figueiredo, inspector da Sociedade de Escritores e Compositores Teatrais; dr. Vasconcelos de Carvalho, pela Casa das Beiras; Joaquim Moreira da Silva, Mário Pacheco, Ilídio Carracena, Arménio Lemos, Augusto Navarro e António Rebordão Navarro, do Porto; Manuel Vilaverde Cabral, de Oeiras; António Paulo Louro, director do «Jornal do Fundão»; Manuel Domingues, de Vila Real de Santo António; professores Cosmelli Santana e Guilherme Rosa; capitães Neves Graça e Salgueiro Rego; dr. Ramiro Valadão, Ventura Moutinho, Adérito Horácio da Silva Cabral, Manuel António da Silva, subchefe da P. S. P.; João de Freitas Martins, drs. Fernando Henriques Vaz e José Martins Graha; Luís de Carvalho, Joaquim de Melo Teixeira, Mário de Noronha, Maldonado de Freitas, das Caldas da Rainha; dr. Jaime Lopes Dias, que no funeral representou a Camara Municipal de Lisboa; C. Pires dos Santos, Jorge de Serpa Pinto, Artur Ramos, Ernesto de Sousa, Alger Barreto, do Serviço de Imprensa da Embaixada de França; Luís Ribeiro de Carvalho, João Santiago, João Trigueiros, Fialho Gouveia, Joaquim Lucas, do Sabugal; Moreira Figueiredo, de Viseu; Aní-

Necrologia**Jacinto Gomes Polvora**

Faleceu na sua residência, na Rua Dr. Lacerda de Almeida, 11 r/c, Dt.º, o sr. Jacinto Gomes Polvora, de 55 anos, natural de Sesimbra, casado com a sr.ª D. Miquelina da Cruz Polvora, que era empregado da Cervejaria Portugal.

O funeral, a cargo da casa A. G. Magno da Av.ª Almirante Reis, realiza-se amanhã, às 11 horas, da residência acima, para o cemitério do Alto de S. João.

O funeral do dr. Carlos Babo

PORTO, 14 (Pelo telefone).—Efectuou-se esta manhã o funeral do dr. Carlos Babo, tendo saído o préstito da residência do filho do ilustre extinto, dr. Alexandre Babo, à Rua do Estádio, para o cemitério de Agramonte, onde numerosas pessoas aguardavam a chegada do feretro. Entre os presentes, viam-se os srs. coronel Helder Ribeiro, drs. Manuel Monterroso, Bernardino Machado Vaz, António de Macedo, Fernando Santos Silva, Armando Cota, Eduardo Ralha, Armando Balcilar, Sousa Dias, Castro Brandão, Bento de Nelo, Mário Cal Brandão, Miranda Mendes, Vilhena de Andrade, José Neves, Julio Semedo, arquitecto Lobão Vidal, eng.º Rica Gonçalves e Luís Neves Real, dr. Juiz Bonifácio da Costa, o poeta Alberto de Serpa e os srs. Secundino Branco Junior, Luís Carvalho, Maximiano Silva, Viana Jorge, Silva Matos Junior, etc.

Todas estas pessoas tomaram parte nos turnos realizados entre o portão e o coval do cemitério, tendo sido ainda organizados outros três turnos constituídos um deles por senhoras, o segundo por jornalistas e o turno final por membros da família.

bal Breia, Ernesto Costa, Marinho da Silva, António Marques, repórter fotográfico; Manuel Arrobas, de Coimbra; Afonso P. de Carvalho, Luís Quadros, António Perianes Palma, Francisco de Almeida Ribeiro Gonçalves, Mário Cília, Julio Navarro Cabral, presidente do Cenáculo «Tábua Rasa»; João Barros da Fonseca, David Dinis dos Santos, Fernando S. Cabral Monteiro, do Porto; José de Albuquerque Ramos, José Luís Ribeiro, N. da Silva Negrão, delegado em França da T. A. P.; capitão António Gomes Rocha, Aníbal Resende, José Jacinto Brás, José de Albuquerque Ramos, António de Sousa Pinto, Joaquim Parro, José Lourenço Rodrigues.

O director do «Diário de Lisboa», sr. dr. Norberto Lopes, representou também no funeral a Associação de Jornalistas e Homens de Letras, do Porto.

Todos os nossos prezados colegas da Imprensa diária de Lisboa e Porto se referiram á morte de Artur Portela, com largas biografias, salientando o seu talento, a sua notável carreira jornalística, o seu nobre carácter e a sua bondade, bem como os jornais da província, dos quais apontamos já o «Diário de Coimbra», o «Diário do Minho» e o «Correio do Minho», que lhe prestam sentida homenagem, assim como os jornais desportivos «A Bola» e o «Mundo Desportivo». Apresentamos-lhes os nossos agradecimentos.



Afonso Bernardo da Silva
(Cortador)
FALECEU

Deolinda dos Anjos Pereira da Silva, e mais família cumprem o doloroso dever de participar o falecimento do seu extremoso marido e parente, e que o funeral se realiza amanhã dia 15, pelas 16 horas, saindo o préstito funebre da Basílica da Estrela, onde o corpo se encontra depositado, para Jazigo de Família no cemitério dos Prazeres.

AGENCIA RICARDO HENRIQUES
Telf. 27684

Jacinto Gomes Polvora
EMPREGADO DA CERVEJARIA PORTUGAL
FALECEU

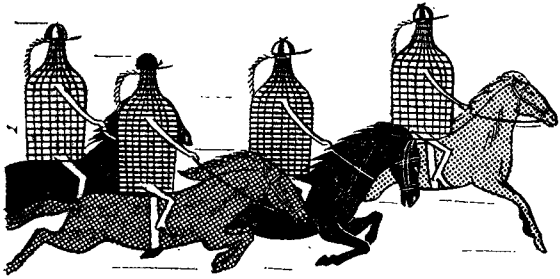
A gerência e pessoal da Cervejaria Portugal, participam o falecimento do seu saudoso colaborador e colega, e que o seu funeral, se realiza amanhã às 11 h., da Rua Dr. Lacerda de Almeida, n.º 11 r/c, Dt.º, para o cemitério do Alto de S. João.

A. G. MAGNO, LDA.
Av.ª Almirante Reis, 129-A
Tel. 51586

Ourivesaria Algés

Av. Combatentes, 13-A
Telef. 012523 — ALGÉS

SORTIDO DE JOIAS EM 2.ª MAO
ALGUMAS EM PLATINA E BRILHANTES GRANDES



Cavallinho

o 1.º em todas as provas



O VINHO — NOVIDADE DAS *Caves Aliança*
EM GARRAFÃO E EM 3 TIPOS DE CLASSE: ROSADO • BRANCO • CLARETE

VINICOLA DE SANGALHOS, L.^{da} Sede em Sangalhos — Telefones PBX 3 e 167
Armazéns em Lisboa — Av. Infante D. Henrique
2.º circular - lote 16 — Cabo Ruivo
Telefones 381596 e 382155

UNI O SOL EM SUA CASA

A MAQUINA DE SECAR ROUPA QUE VEM REVOLUCIONAR OS HABITOS DAS DONAS DE CASA

Tempo pronto para o ferro em 2 MINUTOS

Mais horas livres sem esforço físico

Consumo insignificante

PREÇO 5.000.000

A VENDA NOS AGENTES OFICIAIS

POLAR

Rua de S. Paulo, 80 r/c. Frente — LISBOA

POLICLINICA CAMPO D'OURIQUE

Rua Francisco Metrass, 24, 1.º-Dt.
Telefone 66 99 64

Dr. A. Ferreira Gomes — Doenças das crianças

Dr. Coelho Puga — Doenças dos olhos

Dr. Eduardo de Albuquerque — Doenças das senhoras — Partos

Dr. E. de Oliveira Machado — Clínica médica.

Dr. Henrique Soudo.

Dr. Coelho Lopes — Raios X

Dr. Eugénio Marques Lito — Análises clínicas

PASTAS

30 anos de fabrico todos os modelos fornecidos ao comércio

A. Comprido — R. Madalena, 97

PIANOS

CASA COUVEIA MACHADO

Rua S. José, 152 — Telef. 25517

SE NÃO TEM MÁQUINA DE CALCULAR Utilize

TABELA DE CÁLCULO

DE CAMPOS BÉLICO

NAS LIVRARIAS E NOS RESTAURANTES, Ag. Tip. Castelo, Lda.

R. Teixeira de Pascoais, 11-A-LISBOA — PREÇO 40,00

Everest

Máquina comercial MODELO STANDARD 92 COM CARREIOS INTERMUTÁVEIS DE VÁRIOS TAMAÑHOS

Máquina portátil MODELO K 2 TIPO MEDIO COM TABULADOR

Electro-Calculadora GRANDE CAPACIDADE DOZE CASAS DE INSCRIÇÃO E TREZE NO TOTALIZADOR

Máquina de calcular DE 10 TECLAS MANEJÁVEL SO COM A MÃO DIREITA COM E SEM TRANSPORTE DE RESULTADOS

O EXPOENTE MAIS ALTO EM QUALIDADE

DEMONSTRAÇÕES SEM COMPROMISSO REPRESENTANTES EXCLUSIVOS:

AGENCIA COMERCIAL SUECA, Lda.

AVENIDA FONTES PEREIRA DE MELO, N.º 45

RUA PINHEIRO CHAGAS, 1C-1D — TELEFONE 591 81 — LISBOA

LISBOA GARAGEM, Lda

ACESSÓRIOS — Completo stock — Motos — Scooters das marcas Zundapp — Jawa — Lambretta

RUA ALEXANDRE HERCULANO 11-B

TELEF. 55536 — LISBOA

CHÁ DE HAMBURGO

ALEMÃO GENUINO

Acreditado, há decénios, nas afecções das vias digestivas, biliares e urinárias

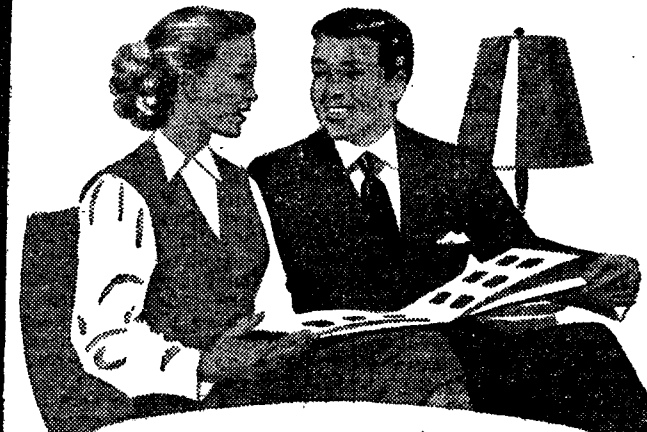
A VENDA NAS FARMACIAS

Assim... posso estar descansado

TENHO A BOCA FRESCA E O HÁLITO PURO

ODOL é altamente concentrado. Por isso, algumas gotas de elixir ODOL num copo de água morna chegam para assegurar uma higiene perfeita da boca e da garganta.

REFRESCA
PROTEGE CONTRA AS INFECÇÕES



PURIFICA O HÁLITO



O ELIXIR E A PASTA ODOL COMPLETAM A HIGIENE DIÁRIA DA BOCA

Odol

O ELIXIR QUE DA SAÚDE E FRESCURA À BOCA

Distribuidores exclusivos: Sociedade de Produtos Suíços, Lda. — Av. Sidónio Pais, 24-r/c-Dt. — Tel. 53137 — Lisboa

CAPITAL

Coloca qualquer quantia sobre prédios rurais ou urbanos em todo o País, nas melhores condições

A FINANCIADORA
COMPANHIA NACIONAL DE CRÉDITO
S. A. R. L.

Sede em LISBOA: — Av. da Liberdade, 3-2.
Sucursal no PORTO: — Pr. da Liberdade, 12-2.
Dependência em COIMBRA: — R. Ferreira Borges, 15-2.

DINHEIRO SOBRE AUTOMÓVEIS

Emprestamos a juro inferior ao da lei e nas melhores condições. Rapidez na transacção e sigilo absoluto.

A LUZAFERICA — Calçada do Carmo, 6, 2.º (Esquina do Rossio) — Telefones 24521 e 368080.

GIRA-DISCOS
(Chassis)

390\$00

Alemão. 4 velocidades o melhor do mercado

Consulte a

DISCOTECA DO CARMO, Lda.
Rua do Carmo, 63 — LISBOA

No convívio do Batalhão de Caçadores Pára-quedistas, em Tancos



Com uma inigualável sensação de euforia, o pára-quedista alcançou, finalmente, o solo, onde caiu conforme a boa técnica de defesa. Ergue-se num ápice, e procede à dobragem sumária do pára-quedas, tarefa enérgica, cumprida em contra-relógio, que, no máximo, dura 3 minutos

(Continuação da página central)

existentes entre as Forças Aéreas dos dois países. Lê-se no ofício que acompanhou o aparelho, dirigido ao embaixador de Portugal e assinado por aquele general:

«Cooperando no sentido de estreitar, cada vez mais, os laços que unem o Brasil a Portugal e, particularmente, pugnando para tornar realidade o intercâmbio militar luso-brasileiro, solicito a boa vontade de V. Ex.ª para que seja remetido ao glorioso Batalhão de Caçadores Pára-quedistas, sediado em Tancos, um aparelho ginástico denominado «cama elástica», construído no Arsenal da Urca, no Rio de Janeiro. Cumpre informar a V. Ex.ª que a oferta de tão útil material, indispensável mesmo no treinamento físico do pára-quedista, deve-se às pessoas e entidades abaixo relacionadas: Manuel Garcia Cruz, Alvaro do Nascimento, José Ribeiro de Paiva, Joaquim Melo, Alberto Portela Filho, João Silva, Margarida Candida Teixeira, Fábrica de Cerveja Sul-Americana e sócio n.º 517 do C. R. Vasco da Gama...»

O agradecimento do subsecretário português da Aeronáutica confirma esse feliz entendimento:

«Tenho a honra de significar a V. Ex.ª, em nome da Força Aérea, o meu muito apreço pela amável e útil oferta da «cama elástica», para treino de saltos, destinada ao B. C. P., de Tancos. Tal oferta constituiria, se não existissem já tantas e tão elevadas provas de real amizade entre os nossos dois países, mais um testemunho de quanto as nossas Forças Armadas se apreciam mutuamente.

Os pára-quedistas à frente do campeonato desportivo da Aeronáutica

No B. C. P., de Tancos, as actividades desportivo-recreativas são consideradas com a importância que, efectivamente, devem ter. O desporto é um excelente sistema de preparação psico-física para os bravos pára-quedistas, sempre prontos para os grandes esforços e para as grandes emoções. Os seus representantes conquistaram já este ano, os torneios de andebol de sete e de basquetebol e, actualmente, marcham no comando do troféu «Força Aérea Portuguesa», ao qual concorrem, também, as Bases Aéreas n.º 1 (Sintra), 2 (Ota), 3 (Tancos), 4 (Lajes), 6 (Montijo), Aerodromo-Base n.º 2 (Aveiro), Grupo de Detecção, Alerta e Conduta de Intercepção n.º 1 (Monsanto) e Depósito-Geral de Material da Força Aérea (Alverca).

As «multas» até dão para comprar aparelhos de televisão...

A par da actividade desportiva, a valorização intelectual e profissional dos pára-quedistas é permanente. Em cada ano, dezenas de jovens completam em Tancos os seus cursos liceais, e isso facultava-lhes a promoção. Todos os pára-quedistas são obrigados a aprender a conduzir automóveis e a obter a respectiva carta. Além disto, os homens do B. C. P. também organizam e concorrem a certames artísticos e intelectuais e até têm um jornal próprio — o «...Salta!» — inteiramente feito

alheiam das elevadas tarefas do espírito.

O padre-pára-quedista

O B. C. P. tem a seu serviço, permanentemente, um capelão, o rev. António Silva Martins, que é também um jovem, um padre à maneira moderna, que nem, sequer, foge a dar, de vez em quando, os seus saltos em pára-quedas. Já completou 40 largadas. A sua opinião sobre o pára-quedismo merece di vulgar-se:

—Pára-quedismo não é loucura, mas sim generosidade. É uma escola cheia de requintes que forja a vontade do indivíduo que se propõe servir um nobre ideal — a Pátria. Não é uma aventura, mas sim uma certeza de bem servir porque para tal segue uma doutrina que lhe dá experiência, saber e método. O aluno de uma escola desta classe adquire uma generosidade quase sem limites e sabe ter uma atitude decidida diante de uma acção que a todos nós se nos afigura muito perigosa. O perigo existe, como em muitas das coisas, da nossa vida, mas está tanto mais diminuído quanto maior a presença de espírito e sangue-frio, qualidades cultivadas através de um curso que forma o espírito de um jovem cheio de vida e entusiasmo.

Dos saltos para a água — aos saltos para terra...

O sargento-ajudante Arlindo Mendes é uma das figuras mais características do B. C. P. Recordamo-lo quando ele se exhibia, na piscina de Algés, em correctos e temerários saltos artísticos de altas pranchas para a água. Hoje, ele é um destemido pára-quedista, e dos mais antigos, pois fez parte do grupo formado em 1955, em Espanha.

—Será que você nasceu para voar e dar saltos?...

O simpático sargento-ajudante, loiro, entroncado e de sorriso um tanto infantil, respondeu:

—É facto que a preferência que em «miúdo» manifestei pelos saltos para a água tiveram decisiva influência na carreira que escolhi e não trocaria por alguma outra. Existe, de resto, certa correlação entre as duas especialidades. A primeira facilita o domínio do corpo através do espaço e, portanto, os saltos em queda livre.

A opinião do médico do B.C.P.

Conseguimos, ainda, algum tempo para visitar o bem apetrechado posto de socorros do Batalhão, acompanhados do médico, outro jovem, sr. aspirante dr. António Pais Cardoso. Percorremos todas as instalações, onde nada falta para assistência imediata. Na pequena enfermaria, com quatro camas, apenas estava um doente. Alguma queda mal dada? Não — apenas um ligeiro ataque de gripe... As estatísticas esclarecem, até, que se verifica maior número de lesões nos desportos que nos saltos em pára-quedas...

O médico disse-nos que a preparação do pára-quedista é, realmente, muito violenta, mas que a progressão de ensino é racional, dotando os alunos com as condições exigidas pelos grandes esforços. A educação física é completa, a alimentação é salutar e conta o número de refeições...

ERICO VERÍSSIMO

no programa «Rua Larga»

O programa dos estudantes de Coimbra, «Rua Larga», emitido hoje, às 23 horas, pelo Rádio Clube Português, é dedicado à presença do Brasil em Coimbra e incluía a recepção dos estudantes a Erico Veríssimo no Teatro Avenida e na «República dos Paxás».

FAUSTO COPPI

soufreu um desastre

TURIM, 14 — Fausto Coppi foi derrubado por um tractor, esta manhã, na estrada de Alexandria a Génova onde se treinava. Recolheu ao hospital. Parece que o seu estado não é grave. — (F. P.)

ro suficiente e científico de calorías, a higiene é bastante rigorosa e a vigilância individual tem carácter permanente. «Apesar da dureza do treino, nunca ouvi uma queixa. E não se verificam quaisquer tipos de deformações morfológicas ou fisiológicas nos pára-quedistas».

Um pormenor que sobremaneira impressionou, foi o da exuberante alegria com que todos os homens do Batalhão de Tancos cumprem a sua tarefa e até as punições a que são sujeitos.

«Que nunca por vencidos se conheçam»...

O comandante Videira é o grande responsável por esse ambiente salutar e profundamente digno de indivíduos a quem está destinada missão de tanta relevância. E' ainda ao valoroso oficial que se deve a maior parte das iniciativas que têm por objectivo a valorização dos pára-quedistas portugueses. São dele estas palavras:

—Interessa que cada homem tenha a consciência do seu próprio valor, como indivíduo e como militar. Que se eduque de forma a tornar-se uma parcela útil para a Humanidade, para a Pátria e para si mesmo. Os 500 homens já brevemente podem classificar-se de inteiramente válidos. Na guerra e na paz. Para a Pátria e para a sociedade. Este é o maior orgulho do nosso Batalhão!

Efectivamente, verificando a estrutura moral e técnica dos nossos pára-quedistas, não podemos deixar de reconhecer que ela se baseia em juventude, ideal, vontade e saber.

A vida do pára-quedista é cheia de riscos, mas também de emoções transcendentes, de sensações inigualáveis, de momentos inesquecíveis. O perigo desaparece à medida que o homem dele toma consciência e se prepara para o dominar. Por isso é que se verifica um número bastante diminuído de acidentes entre os pára-quedistas. E' também a razão porque o pára-quedismo tem hoje, em todo o Mundo, a preferência dos jovens ávidos de emoções fortes.

As campanhas de divulgação intensificam-se por toda a parte. Em Londres, por exemplo, atraentes cartazes anunciavam: «É mais perigoso atravessar uma rua de Londres, que saltar em pára-quedas. Inscreva-se no posto mais próximo».

Junto à porta de um dos postos, escreveram um dia esta frase:

—Querias ser pára-quedista. Mas, moro do outro lado da rua...



O «Chico», mascote dos pára-quedistas portugueses, confraterniza cordialmente com um soldado do B. C. P. Será ele também pára-quedista?...

Visita ministerial à cidade do Porto

(Continuação da página central)

ve-se largo tempo sobre as pedras que esmagaram os moradores daquela zona, mostrando-se admirado pelo arrojo do pessoal camarário que removeu os escombros e pelo perigo que ainda existe nas pedras deslocadas, que poderão também rolar pela escarpa. Inteiro-se das condições de habitabilidade das casas que estão na encosta e, entrando em algumas delas, interrogou carinhosamente os seus moradores. Desceu até junto do tabuleiro inferior da ponte de D. Luís. Pela primeira vez um ministro ali foi a pé, e seguindo pela estrada marginal, observou a escarpa e os edifícios ali erguidos, até à zona da Aguada, entre as duas pontes, passando ao fundo da Calçada da Corticeira. Retrocedendo, e sempre a pé, apesar da longa extensão do percurso, o ministro e a sua comitiva foram até ao lado poente da muralha fernandina, para verificar o andamento dos trabalhos de desmontagem, que está a ser efectuado por pessoal das Obras Publicas, sob a direcção de técnicos dos Monumentos Nacionais. O eng.º Arantes e Oliveira pediu, por fim, aos membros da comissão do inquérito as causas do desastre que abreviassem o mais possível o seu relatório para o assunto ser convenientemente analisado.

“ITALIA”
SOCIETÀ DI NAVIGAZIONE

PARA: AMÉRICA DO SUL		
CONTE GRANDE	19 Abril	Dakar
		Rio de Janeiro
		Santos
CONTE BIANCAMANO	14 Maio	Montevideo
		Buenos Aires
PARA: MEDITERRÂNEO		
CONTE BIANCAMANO	2 Abril	Barcelona
		Cannes
CONTE GRANDE	26 Abril	Génova
		Nápoles

OS AGENTES:

Em Lisboa:
AGENCIA MARITIMA
TRANSATLANTICA, LDA.
Rua do Alecrim, 20-A, 1.º
Telefone 27264

No Porto:
KENDALL, PINTO BASTO
& C.ª, L.ª
Rua Nova da Alfandega, 12
Telefone 26146

ASPIRINA



SACOR

X Volta a Portugal em Automóvel

PRÉMIOS SACOR

I GRUPO

- | | | |
|------------------|--------------------------------|-------------------|
| 1.º Exmo. Senhor | Manuel Mocalek | 3.º da 3.ª Classe |
| 2.º » | Rui Lanceiro | 4.º da 3.ª Classe |
| 3.º » | José Batista dos Santos | 5.º da 3.ª Classe |

II GRUPO

- | | | |
|------------------|------------------------|-------------------|
| 1.º Exmo. Senhor | Rugero Rizzetti | 1.º da 1.ª Classe |
| 2.º » | Cipriano Flores | 2.º da 2.ª Classe |
| 3.º » | Carlos Faustino | 1.º da 3.ª Classe |

III GRUPO

- | | | |
|------------------|----------------------------|-------------------|
| 1.º Exmo. Senhor | José Valentim | 2.º da 2.ª Classe |
| 2.º » | José Paula Nogueira | 2.º da 4.ª Classe |
| 3.º » | Manuel Bacelar | 1.º da 3.ª Classe |

DE 51 CONCORRENTES,
SÓ 25 COMPLETARAM A PROVA,
DOS QUAIS 13 UTILIZARAM PRODUTOS

SACOR

TRABALHOS

preparatórios do I Congresso Regionalista da Comarca de Arganil

Reuniram-se as várias comissões do 1.º Congresso Regionalista da Comarca de Arganil que, entre outros problemas ligados à sua efectivação, trataram da realização de um filme relativo às actividades e outras características da região; da organização de um concurso fotográfico e de uma exposição escolar, cujo plano vai ser elaborado pelo sr. prof. José Nunes de Brito; e elaboração de dois questionários, um destinado aos naturais da comarca e outro aos párocos e presidentes das juntas de freguesia — este já em distribuição. Tratou-se, ainda, da vinda a Lisboa do sr. bispo de Coimbra, em homenagem aos naturais da comarca de Arganil, e registaram-se as inscrições de muitos congressistas.

INSTITUTO MATERNAL MATERNIDADE

DR. ALFREDO DA COSTA

Concurso para o fornecimento durante o segundo trimestre de 1959 de:

Hortalças e frutas.

Condições patentes nos serviços gerais desta Maternidade todos os dias úteis das 9 às 12 e das 14 às 16 horas, até ao dia 25 do corrente.

Lisboa, 10 de Março de 1959.

A DIRECTORA

EMPRESA DE CAMIONES TES PIEDENSE, LDA.

HORÁRIO DA CARREIRA

Cacilhas (Largo Costa Pinto)

Cristo Rei (Torcatas)

PARTIDAS

Cacilhas	Cristo Rei
10.30	10.45
11.30	11.45
14.30	14.45
18.30	18.45
19.30	19.45

Entra em vigor em 15/3/59

Leilão de Penhores A COMERCIAL

18. T. da Trindade, 20 Tel. 2 5082
HOJE AINDA SE RECEBEM
JUROS

O «Diário de Lisboa» e o «Sempre Fixe» são vendidos em ALÉN-QUER por Cacilda da Conceição Granada.

BEIUNEIRAS

SIMPLES OU COM

GUINCHO

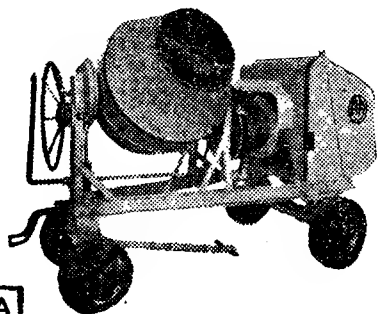
DE 180 E 210 L³

ACCIONADAS POR MOTOR

PETTER

DIESEL OU PETRÓLEO

A MARCA DE CONFIANÇA



30 UNIDADES AO SERVIÇO DE UM SÓ CLIENTE



ALFREDO ALVES & C. (FILHOS)

E FÁBRICAS VULCANO E COLARES

RUA ACADEMIA DE CIÊNCIAS, 3 — LISBOA — TELEFONES: 31710/8/9

STAND DE EXPOSIÇÃO: BOQUEIRÃO DO DURO, 38 — LISBOA — TELEF. 664788

SIDERURGIA NACIONAL

S. A. R. L.

CAPITAL SOCIAL — 300.000.000\$00

ENTREGA DE TÍTULOS DEFINITIVOS

Avisam-se os Snrs. Accionistas de que os títulos definitivos, representativos das acções das 2 Emissões de capital desta Empresa, podem ser levantados a partir do dia 23 de Março, na sede da Empresa, Rua Braamcamp, n.º 5 (SECÇÃO DE TÍTULOS: 3.º andar Esq.), Lisboa, em todos os dias úteis, das 14.30 às 17.30 horas, excepto aos sábados, em que a entrega terá lugar das 10 às 12 horas.

Os títulos serão entregues mediante a apresentação da cautela ou cautelas respectivas, devendo o Senhor Accionista exarar no verso de cada cautela a seguinte declaração:

«DECLARÓ QUE RECEBI OS TÍTULOS DEFINITIVOS CORRESPONDENTES AS ACÇÕES REPRESENTADAS POR ESTA CAUTELA».

A assinatura desta declaração deverá ser reconhecida por notário ou abonada por um Banco.

Lisboa, 14 de Março de 1959.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

BOLETIM DO DIA

Do «Diário de Lisboa» de 14 de Março de 1929:

«O dr. José Leite de Vasconcelos, apesar de atingido pelo limite de idade, continuará a publicar os seus trabalhos filológicos, que fizeram dele um mestre, tanto em Portugal como no estrangeiro. Os anos passaram sobre ele, mas o seu espírito, atento ao trabalho e à reflexão, não deu por isso. Encontra-se com uma ligeira velhice no corpo e uma perpétua mocidade na alma. Depois de haver criado o Museu Etnológico Português, será de hoje em diante o seu santo protector».

EFFMERIDES

No dia 14 de Março de 1939 foi dissolvida a República Checoslovaca.

PROGRAMAS DE RADIO

EMISSORA — A's 18, noticiário e danças 18 e 30, Rádio Rural; 18 e 50, «Cavalleria Rusticana»; 21, Noticiário; 23 e 45, noticiário; 0, fecho.

Programa «A» — A's 19, emissão infantil; 19 e 30, trechos em piano; 19 e 45, aquarela brasileira; 20, jornal sonoro; 20 e 15, música ligeira; 20 e 30, Que quer ouvir?; 21 e 15, viola espanhola; 21 e 30, conjuntos vocais; 21 e 45, serão para soldados, realizado em Setúbal. No intervalo: Vozes do Mundo; 23 e 30, danças.

Programa «B» — A's 19, aspectos da música moderna, 19 e 50, noticiário regional; 20, concerto de câmara, em que colaboram o flautista Alberto França, a cantora Laura Lima e a pianista Maria Melina Rebelo. No intervalo: Temas portugueses; 21 e 15, 3.º acto da ópera «O Rapto do Serralho», de Mozart; 21 e 45, Quinzena literária; 22 e 15, «Cinco noveletas, op. 15», da Glazunoff; 22 e 45, Que quer ouvir?; «Abertura para um Festival Académico, op. 80», de Brahms; «Uma Noite em Monte Calvo», poema sinfónico de Moussorgsky; «Neste Trovão», ária da ópera «Turandot», de Puccini; «Romeu e Julieta», abertura do concerto de Tchaikowsky.

RADIO CLUBE — A's 18, Teatro de brincar; 18 e 15, jornal feminino; 18 e 45, Ritos de baile; 19, diálogos do Olavo; 19 e 15, Eydie Gorme; 20 e 15, apontamento do dia; 20 e 20, motivos portugueses; 20 e 30, onda desportiva; 21, imagens por música; 21 e 30, Língua portuguesa; 21 e 45, Brasil; 22, trechos recreativos; 22 e 30, cultura espanhola; 22 e 45, canções; 23 e 1, Rua Larga; 23 e 30, Orquestra de Andre Kostelanetz; 23 e 45, agenda; 23 e 50, conjuntos; 0 e 30, noticiário; 0 e 40, ritmos de baile; 0 e 55, sumário; 1, fecho.

RENASCENÇA — A's 18 e 30, terço e bênção; 19 e 25, boletim do S. C. R.; 19 e 30, França, horizonte do Mundo; 19 e 45, solos de órgão; 20, música para o seu jantar; 20 e 30, noticiário; 20 e 55, meditando; 21 e 5, as últimas novidades; 21 e 30, música portuguesa; 21 e 50, melodias famosas; 22, canções, por Mário Lanza; 22 e 20, selecções; 22 e 45, noticiário; 22 e 57, boletim religioso; 23, serão familiar; 0, fecho.

POSTOS CENTRALIZADOS — Das 14 e 30 às 19 e 30, Rádio Peninsular; das 19 e 30 às 22, Voz de Lisboa; das 22 às 2, Clube Radiofónico de Portugal.

TELEVISAO

Hoje, às 21 horas: Abertura da emissão; 21 e 2: Noticiário do País e do estrangeiro; 21 e 10: Jornal de actualidades internacionais; 21 e 20: «Juventude no Mundo»; 21 e 35: «Tele-desporto»; 22: «O mar também dá pão»; 22 e 20: «Na rua e na estrada»; 22 e 40: Transmissão de um programa do exterior; 23 e 20: Actualidades nacionais e ultimas notícias; 23 e 30: Prosseguimento da transmissão do exterior; 23 e 50: Fecho da emissão.

FARMACIAS DE SERVIÇO

TURNIO J — Benfica — Estrada de Benfica, 678-E. Tel. 782532; Vicente — Estrada de Benfica, 466-A. Tel. 782606; Alegria — Estrada de Benfica, 180-A-B. Tel. 780511; Santa Cruz — Rua n.º 15 à Avenida Gomes Pereira, 2-A. Tel. 784838; Canto — Estrada das Laranjeiras, 202-B. Tel. 780841; Prates & Mota — R. da Beneficência, ao Rego, 91. Tel. 773728; Patuleia, Herdeiros — Rua do Lumiar 122-124. Tel. 779332; Cabrita — Campo Grande, 220-222. Tel. 772397; Zil — Avenida da Igreja, 9-D. Tel. 778380; Lusitana — Aveni-

da de Roma 18-A. Tel. 725443. hinde — Rua Agostinho Lourenço, 6-B. 710331; S. Miguel — Praça Francisco de Moraes, 1. Tel. 771469. Providência — Rua D. Filipa de Vilhena, 9-C (frente ao Bairro Social do Arco do Cego). Tel. 77034; Sagres — Av. Luís Bivar, 69-71. Tel. 77213; Latina Av. Antonio Augusto de Aguiar, 17-A. Tel. 42312; Sá da deira, 36. Tel. 41961. Fonseca — Largo D. Estefânia, 4-5. Tel. 54508; Ascensos, Ld. — Rua J. Iote 48, Bairro da Encarnação. Tel. 388172; Freitas — Rua Zóimo Pedroso, 11-13. Tel. 381136; Marluz — Calçada da Picheleira, 140-B/C. Tel. P. P. C. 720703-728395; Cruz de Malta — Largo do Chafariz de Dentro, 36. Tel. 23326; Almeida Dias — Largo da Graça 38-A 39. Tel. 862909; Dalton — Av. Mouzinho de Albuquerque. RSV Tel. 843571; Pais — Rua Abade de Faria, 22-A/B. Tel. 723965; Antolin, Ld. — Avenida Almirante Reis 48-B/C. Tel. 44173; Guerra — Rua Andrade, 32-36. Tel. 815513; Higienica — Rua Heliodoro Salgado, 20-A. Tel. 844361; Ronil — Rua Rodrigo da Fonseca 153. Tel. 683438; Salutar — Rua B. 75-A-B (Bairro da Liberdade) 683691; Amoreiras (Das) — Praça das Águas Livres, 8-D. Tel. 681515; Maria Pia — Rua D. Maria Pia 514. Tel. 687949; Lináida — Rua Ferreira Borges 30. Tel. 660955; Micael — Rua de S. Bento 380-382. Tel. 662162; Neves Suc. — Rua da Bela Vista à Lapa 37. Tel. 661251; Higilux — Rua de Pedrouços, 50-52. Tel. 610280; Mendes Gomes — Calçada da Ajuda, 222. Tel. 638256; Botânico-Química Ld. — R. da Junqueira, 38-40. Tel. 638132; Ester Nogueira — Rua de Alcantara 5-A. Tel. 637563; Moderna — Rua Garcia da Orta, 24. Tel. 663117; Açorean — Largo do Conde Barão 2. Tel. 661330; Macedo — Rua do Loreto 71. Tel. 23631; Luís Magalhães — Rua de Santa Marta, 15-A-B. Tel. 46490; Salix, Ld. — Rua Barata Salgueiro, 54. Tel. 730820; Formosinho — Praça dos Restauradores, 18. Tel. 30927; Normal — Rua da Prata, 220. Tel. 21342 — A —; Celta — Rua Moura Girão, 3-B. Telefone 710621.

NOTAS DO DIA

TEATROS

NACIONAL — A's 21.30 — «O processo de Jesus».

AVENIDA — A's 21.45 — «Um marido em rodagem».

ABC — A's 20.30 e 22.45 — «Vinho novo».

MONUMENTAL — A's 21 e 45 — «Eles, elas... e os meninos».

TRINDADE — A's 21.45 — «Os pássaros de asas cortadas».

MARIA VITORIA — A's 20.30 e 22.45 — «Encosta a cabecinha e chora».

CINEMAS

TIVOLI — «O assombroso Sr. Penypacker».

SÃO LUIZ — «Gata em telhado de zinco quente».

SÃO JORGE — «Os nus e os mortos».

IMPERIO — «Testemunha de acusação».

EDEN — «A costurinha da Sé».

POLITEAMA — «A mosca».

MONUMENTAL — «Argi».

CONDES — «Os violentos».

ODEON — «Fúria de ambições».

ROMA — «Lazzarella».

CAPITOLIO — «Mister Cory».

COLISEU — «Dia de fúria».

AVIS — «Jerusalém libertada».

ALVALADE — «Gata em telhado de zinco quente».

RESTELO — «Três encontros com o destino».

OLIMPIA — «A noite em que o Mundo explodiu».

IDEAL — «O cobarde».

JARDIM — «Miguel Strogoff».

PROMOTORA — «A casa de chá do luar de Agosto».

CAMPOLIDE — «O filho de Robin dos Bosques».

MARÉS

PREIA-MAR: hoje, às 18 e 23 (altura 3.º.58); amanhã, às 6 e 45 (altura 3.º.45). BAIXA-MAR: hoje, às 11 e 44 (altura 1.º.21); amanhã, às 0 e 5 (altura 1.º.29).

CONFRATERNIZAÇÃO

Efectua-se hoje o jantar de confraternização dos antigos alunos do curso de 1949-51 do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras.

EXPOSIÇÕES

No Palácio Foz está patente ao publico, desde hoje, a exposição de pintura do artista Albano Neves e Sousa, intitulada «Angola — De Cábida ao Cunene».

FESTAS ASSOCIATIVAS

O Clube Atlético de Queluz, que se encontra em progressiva actividade, como reflexo do desenvolvimento daquela vila, vai promover hoje, na sua sede, uma «soirée-dancante». Este baile será abrilhantado pelo conjunto musical «Vera Cruz» e haverá um programa de variedades com artistas do Teatro e da Rádio.

Também haverá bailes, hoje, à noite, na Sociedade Filarmónica Alunos de Apolo.

QUEM PERDEU?

Relação dos achados ontem em Lisboa e entregues na P. S. P. (Governo Civil): uma cobertura de plástico para moto, uma lanterna eléctrica, um embrulho, um certificado e um diploma, uma cigarreira, seis guardanapos, uns óculos escuros, uns óculos graduados, um sapato, um relógio, um açamo, uma coleira, um cinto, uma esferográfica, uma lapiseira esferográfica, uma chave de porcas, dois tampões para rodas de automóvel, um tampão para depósito de gasolina, parte de um farol, um pára-choques, uma chapa de bicicleta, uma quantia em dinheiro, uma nota do Banco de Portugal, dois porta-moedas, um par de luvas e diversas luvas desirmanadas.

SEMANA DO CONTRIBUINTE INQUILINATO

COLOCAÇÃO DE ESCRITOS

Verificar se estão colocados escritos em todos os prédios de que se obtiver o arrendatário declaração de que se considera despedido ou equivalente.

—Cód. Processo Civil, art.º 970.º

CONTRIBUIÇÕES GERAIS DO ESTADO

Erros nos lançamentos

—Reclamar, no prazo de 90 dias, a contar do dia imediato ao da abertura dos cofres do Estado para a sua cobrança, a anulação por qualquer erro nos lançamentos.

IMPOSTO COMPLEMENTAR

Notas de rendas vitalícias ou temporárias pagas por sociedades de seguros—Modelo n.º 5.

—Apresentar no mês corrente na direcção de finanças do distrito da sede das sociedades notas individuais.

—Regulamento do Imposto Complementar, aprovado pelo Decreto n.º 40788, artigo 15.º, § 3.º

IMPOSTO PROFISSIONAL

Obrigações das entidades patronais e entidades que paguem qualquer gratificação ou percentagem.

—As entidades que pagarem qualquer gratificação ou percentagem sujeitas a imposto profissional ficam obrigadas a apresentar na respectiva secção de finanças, no mês seguinte àquele em que for ordenado o pagamento ou feita a liquidação, uma relação dos nomes das pessoas e importância das gratificações ou das percentagens que lhes forem abonadas.

—Decreto n.º 16731, artigo 72.º

TAXA DE SOBERANIA ULTRAMARINA

As firmas individuais ou sociais que tenham relações comerciais com as províncias ultramarinas portuguesas são obrigadas a enviar as secções de finanças do concelho ou bairro onde estiver situada a casa do estabelecimento ou escritório, até o último dia de Março de cada ano, uma declaração com os seguintes esclarecimentos:

Nome, firma ou denominação social;

Sede ou morada; e

Importância da renda anual do estabelecimento ou do escritório, ou o seu valor locativo quando o contribuinte for proprietário.

Obs.—Feita em papel comum, de 25 linhas e em duplicado, do formato legal.

—Decreto n.º 12439, artigo 1.º

» 12975, artigos 1.º e 2.º e seus §§.

Nota — V. «Diário do Governo» n.º 260, de 5 de Novembro de 1956, Rec.º 13281.

O «Bazar Bebê», na AMADORA, tem à venda o «Diário de Lisboa» e o «Sempre Fixe».

As múltiplas fiscalizações

que veiam pela saúde pública

(Continuação da página central)

trução ou impedir a venda ao publico de produtos impróprios para consumo e, bem assim, das coisas ou animais que possam ser veículo de contágio ou que, pelo seu estado sanitário, constituam perigo para a saúde publica, de harmonia com as disposições legais e regulamentares». E no art.º 30.º do mesmo decreto assinala-se que lhe compete colaborar, em tudo o que respeite a higiene e saúde da população, com os serviços dependentes de outros ministérios.

No art.º 66.º do referido diploma determina-se que em cada concelho, exceptuando aqueles em que tenham sede as delegações distritais, haverá um subdelegado de Saúde que coadjuvará o delegado distrital no exercício das suas funções. Logo a seguir, no § 1.º desse artigo, prescreve-se: «Os subdelegados de Saúde serão nomeados de entre os médicos municipais. Para os concelhos cuja sede tenha população igual ou superior a 10.000 habitantes poderão ser nomeados subdelegados privativos que não figurem no corpo dos médicos municipais mas habilitados com o respectivo concurso».

Foi assim estruturada uma organização sanitária a escala nacional, com responsabilidades e obrigações definidas e a que não deveriam faltar os meios de actuação eficaz, adequada e constante.

Entretanto, em Junho de 1948, foi publicado o decreto-lei n.º 36.935 que instituiu a Inspecção-Geral dos Produtos Agrícolas e Industriais, definindo as respectivas atribuições. O art.º 9.º do referido decreto diz que compete à 3.ª Repartição superintender nos serviços de inspecção e fiscalização de produtos industriais destinados à alimentação e à agricultura e ao comércio e transitio dos mesmos produtos sujeitos a regime especial.

Por outro lado, o Código Administrativo, incumbendo obrigatoriamente os médicos municipais de inspecionar nos armazéns, depósitos e lugares de venda, os géneros alimentícios e bebidas e de auxiliar os delegados de Saúde no cabal exercício dos serviços sanitários.

Não se ficou por aqui em matéria legislativa relacionada com a defesa da saúde publica. O decreto-lei n.º 40.355, de 20 de Outubro de 1955, veio definir especificadamente as obrigações dos médicos veterinários municipais na inspecção sanitária das reses, criação, caça e respectivas carnes e subprodutos destinados ao consumo publico, pesca, fresco ou preparado, conservas e demais produtos de origem animal servidos em hotéis, pensões, restaurantes e casas de pasto. Posteriormente, em 20 de Novembro de 1957, foi ainda promulgado o decreto-lei 41.380, que reorganizou a estrutura e actividades da Direcção-Geral dos Serviços Pecuários. Segundo as suas disposições, incumbem a este departamento do Estado a fiscalização da salubridade dos alimentos de origem animal, a título de acção preventiva que se considera mais eficaz e menos onerosa do que a acção punitiva. A referida Direcção-Geral pode examinar e sequestrar os produtos de origem animal destinados à alimentação publica, desde que a inspecção veterinária os dê como suspeitos de alteração, contaminação, falsificação, corrupção ou conspurcação. Cumpre mencionar, finalmente os Serviços de Fiscalização da Intendência-Geral dos Abastecimentos que têm como missão primordial a prevenção e repressão dos delitos antieconómicos e como função acessória a vigilância do estado sanitário dos produtos alimentares. Deve dizer-se

com inteira justiça, que a acção destes serviços em defesa da saúde publica tem sido notável, devendo-lhe o publico louváveis benefícios nas mais diversas circunstâncias. As brigadas da Intendência são, em muitos casos, acompanhadas de peritos e de médicos veterinários nas suas visitas a restaurantes, pensões e casas de pasto, desempenhando cumulativamente com a fiscalização económica a inspecção higiénico-sanitária das instalações e produtos. As mesmas brigadas recebem instruções para proceder à averiguação da origem dos produtos quando estes se lhes afigurarem suspeitos, entrando em contacto com as autoridades sanitárias locais para confirmação das suas observações.

Verifica-se por esta resenha breve que não faltam os serviços de fiscalização dos artigos alimentares e de defesa da saúde publica — mas dispersos por vários departamentos do Estado ou organismos corporativos, obedecendo a directrizes diversas e sobrepondo a sua actuação com idênticos designios. Por muito boa vontade e criteriosa orientação de que dêem provas os dirigentes, não é de admirar que surjam atritos de competência, desencontros de actividades, contrastes de normas executivas, perturbações inconvenientes para os serviços e para o publico. E a experiência comprova que as actividades lesivas da saúde publica ou os accidentes involuntários que a afectam, por vezes em casos de extrema gravidade, subsistem com frequência e amplitude que parece contrapor-se a esta inflação de instituições e serviços fiscalizadores.

Afigura-se legitimo admitir que seria vantajosa, sob todos os pontos de vista, a remodelação dos serviços existentes, concentrando as suas atribuições numa organização devidamente estruturada, com poderes coordenadores e recursos de acção eficaz, a bem da saúde publica e da economia e rendimento pratico da founção.

Pequenas notícias

PELA POLICIA

PRISAO DE LARAPIOS — A Policia Judiciaria instruiu e enviou ao Tribunal da Boa-Hora um processo em que são arguidos Augusto Miranda Brás, de 22 anos, solteiro, e o conhecido cadastrado Ventura Serra, por terem praticado uma série de furtos em automóveis estacionados na via publica e, ainda, por terem roubado a quantia de 7.000\$00 da gaveta de um balcão de um estabelecimento da Rua C. do Bairro da Liberdade, cabendo ainda ao Brás a responsabilidade de um outro roubo praticado numa leitaria da Rua da Beneficência, onde conseguiu introduzir-se por meio de chave falsa.

PELOS HOSPITAIS

ACIDENTES DE VIAÇÃO — Na Avenida Engenheiro Duarte Pacheco, foi colhido, por um automóvel, o sr. Joaquim Amante, de 81 anos, sapateiro, residente na Rua das Amoreiras, 173, o qual sofreu graves ferimentos na cabeça. Transportado à sala de observações do Hospital de S. José, ficou ali internado.

—Na Avenida da Liberdade, foi também atropelado por um automóvel o sr. Angelo Furtado Mendonça, de 60 anos, empregado de escritório, e residente na Rua Luciano Cordeiro, 68, 4.º. Transportado à sala de observações do Hospital de S. José, recebeu ali os primeiros socorros, seguindo depois para uma clinica particular.

EVASAO DE UM RECLUSO

A Policia Maritima procede a investigações, no sentido de capturar José Manuel Clemente Miranda Relvas, que, há dias, se evadiu das Cadeias Civis, e que estava condenado a 2 anos e 4 meses de prisão maior celular. Suspeita-se de que procura emigrar clandestinamente para Espanha, ou o Norte de Africa.

Movimento marítimo

No paquete «Santa Maria» seguiram hoje: para a Venezuela, 150 emigrantes portugueses; para o Funchal, em viagem de férias, o sr. Philippe Pameton, embaixador do Canadá em Lisboa; e para Miami o escritor americano James Gray.

Restaurante Cortador

OH! LACERDA

Avenida de Berna, 36-A

PRATOS DO DIA

Domingo — Cabrito Assado
Segunda-feira — Dobrada à Portuguesa
Terça-feira — Cozido à Portuguesa
Quarta-feira — Pacalhão
Quinta-feira — Chambão, moda da casa
Sexta-feira — Caldeirada
Sábado — Chispe com todos

Agradece a marcação de mesa pelo telefone 77 40 57

(Continuação da 1.ª página)

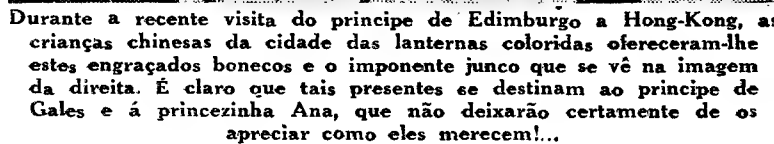
«Mas então — insistiu Johnson —

Por fim, o general insistiu em que o Exército americano estava pronto a «entrar instantaneamente» numa guerra, mas que a entrada em campanha de forças importantes na Europa ou em qualquer outro ponto exigiria, pelo menos, três ou quatro meses. — (E. P.)

A esquadra francesa, embora sob comando autônomo, tem tomado parte até agora, nas manobras navais e outros exercícios táticos organizados pela N. A. T. O., mas, salientam os círculos autorizados, se se tornar completamente independente, não poderá, de futuro, compartilhar em quaisquer planos

A Holanda discorda
 HAIA, 14 — Os meios governa-

O exercício é comandado pelo almirante-sir William Davis, comandante-geral da «Home Fleet», que se encontra a bordo do «Eagle». Umhas trinta unidades inglesas, francesas, portuguesas e dinamarquesas — porta-aviões, cruzadores, contratorpedeiros, submarinos e navios de abastecimento — participarão nestas manobras, assim como aviões da R. A. F. — (F. P.).



magazine

A REALIDADE DA JUVENTUDE

Não é esta a primeira vez, nem a última, que me proponho a abordar neste "Magazine" o problema da juventude. Faz-me agora de volta ao assunto, embora sem quaisquer intuições poéticas, a minha discordância com a opinião emitida sobre tão momentoso problema pelo prestigioso escritor Cristiano Lima num curioso artigo recentemente publicado na página de artes e letras de "O Primeiro de Janeiro" e cujo título — "A Ficção da Juventude" — é por si bastante elucidativo da posição assumida pelo seu autor. Parece estar o articulista plenamente convencido de que a juventude se tornou um assunto da actualidade por mero questão de moda, visto não existir, na sua opinião, um problema especificamente juvenil e nem sequer uma uniformidade entre os jovens que permita falar-se de "juventude" num sentido genérico.

Mas se realmente não existisse um problema da juventude actual, como então explicar o testemunho constituído pela já vasta produção literária desta jovem geração? Como encarar os importantes depoimentos que sobre o assunto o cinema nos tem dado? E, também, como interpretar os numerosos assuntos, que as estatísticas oficiais nos fornecem acerca da delinquência juvenil, os estudos de tantos sociólogos famosos, as próprias

POR
ALFREDO BRAZ

notícias diáriamente aparecidas nos jornais?

Não dispõe certamente C. L. de tempo suficiente para ler as obras dos escritores mais jovens e só assim de justificar o seu excessivo optimismo, porque se conhecesse as moderníssimas correntes literárias designadas pelos nomes de "literatura hip", "asaganismo", "jovem angry", "nadismo", "ahlskoismo", etc., breve verificaria a existência de motivos para sérias apreensões. A não ser que pretendesse negar a esta copiosa produção juvenil uma inspiração colectiva e o carácter de testemunho de toda uma geração, o que seria atitude imprópria da sua reconhecida clarividência.

Não haverá, é certo, uma completa uniformidade em todas as referidas correntes literárias, provenientes como são de países com diferentes níveis de desenvolvimento económico e climas espirituais dissemelhantes, mas é sem dúvida possível descobrir neles muitos traços comuns e todos denunciadores de uma grave crise juvenil. É de assinalar, por exemplo, que tanto os autores como os principais per-

(Continua na página seguinte)



Como vivem e pensam os problemas da sua arte os escritores brasileiros

(Inquérito conduzido por Urbano Tavares Rodrigues)

Depõe Lygia Fagundes Telles:

Autora de um romance psicológico — "Ciranda de Pedra" — que marca uma época na ficção brasileira contemporânea, pela delicadeza e no mesmo tempo vaporosa e cruel sondagem dos sentimentos, pela arte subtil e mque insinua o patético, mas um patético neutro, forjado de cinzas, e as sementes da frustração, entre os banais eventos quotidianos, e possuindo, sem embargo, um poderoso e ágil sentido do romanesco — Lygia Fagundes Telles, cujos contos ("Cactos Vermelhos", "Histórias do Desencontro", entre outras colectâneas) testemunham "ofícios" consumado e o segredo de uma aguilhoante equivocidade, aparece, sendo ainda muito jovem (35 anos), como um dos casos mais válidos e profundos da já chamada "linha da introversão paulista", ao lado de Lygia Junqueira,

Clarice Lispector e outros vultos de uma admirável pleiade feminina de Além-Atlântico.

Com a publicação das respostas que Lygia Fagundes Telles deu às nossas perguntas, iniciamos esta semana o nosso inquérito "Como vivem e pensam a sua arte os escritores brasileiros?"

— Acredita num valor ético da obra de arte?

— Tenho para mim que a arte não implica valor ético. Necessariamente, não vejo razão por que o artista se sinta na obrigação, digamos, de escrever um livro de tendência, de direcção moral, política ou filosófica. Repito ainda o surradíssimo conceito de Oscar Wilde: "A arte é inútil". Sim, bem como a beleza, considero a arte inútil nesse sentido de aproveitamento premeditado, de objectivo ético calculadamente escolhido. As cores do céu, e que compõem um crepúsculo, por exemplo, nascem, e se misturam, e se diluem, e morrem assim ao acaso, e é exactamente nesse imprevisível que a arte reside. Há mistério. Mas não há premeditação nos elementos que compõem o quadro. O tom rosa e o tom violáceo, o tom de cobre e o tom dourado ali se encontram não porque assim deve ser, mas simplesmente porque assim é... Muitas vezes, durante o desenrolar de uma obra, vão-se criando, juntamente com os problemas e circunstâncias, inúmeros factores de ordem ética; mas é preciso que eles surjam naturalmente, inevitavelmente, assim como uma chuva que cai ou como um sol que nasce. Forçar a nota, parece-me perigoso. A não ser... a não ser que um escritor, da altura de um Mauriac ou de um Graham Green — a não ser que um artista de tal porte consiga incluir na sua obra tábuas de valores éticos com tamanha habilidade e talento, que o leitor nem suspeitará sequer de que está diante de uma obra de tendência. Os roman-



A idade em que cada indivíduo se torna "homem" varia consoante o meio em que nasce, a sua capacidade individual e as possibilidades que lhe surgem pela frente. Se cada um dos leitores se recordasse do seu primeiro dia de trabalho social, e se nos fosse possível catalogar essas recordações, não encontraríamos muitas datas iguais nem semelhança de situações.

Esta pequena reportagem, teve a finalidade de surpreender em exercício das suas ocupações, os garotos que ora iniciaram o ciclo do trabalho profissional e a quem estas quase irremediavelmente determinaram a linha futura das suas vidas. Tal facto não pode deixar de nos amargurar. A razão é simples: a preparação intelectual, isto é, a instrução e a cultura, a eles estará vedada se não surgir

um impulso que os lance á aprendizagem autodidáctica.

Pensemos no numero alucinante de marcanas, "agrooms", ardinhas, aprendizes de qualquer ofício, etc.; e o que representa de perda para a intelectualidade nacional nos largos domínios das Ciências, Artes e Técnica. Não é justo queixarmo-nos da carência de pessoal especializado nos vários ramos do pensamento e da indústria pois que grande mananciais da nossa juventude é desperdiçada e gasto em actividades menores e bastante mais dispensáveis.

Honra, porém, seja feita á pleiade dos jovens trabalhadores, na maioria briosos, espertos e despaçados. Damos com eles a cada esquina, transportando cestas, cabazes, bandejas, caixas de sapatos, embrulhos e ainda aviando aos bal-

ções 125 grs. de açúcar ou 1/2 litro de petróleo.

Podemos ver por estas fotos, atitudes, objectos e indumentárias que logo identificam os personagens com o trabalho que realizam: as bilhas do leite, a bandeja com o lanche, a vassourada em frente da loja, o guarda-pó das drogas ou simplesmente o retorno do trabalho, de lancheira na mão. É um mundo sobre as suas costas, e pesado. Sorriem pouco. As horas correm sobre admoestações que aumentam ainda mais o desequilíbrio entre essa vida amarga e aquela que naturalmente lhes estaria destinada.

A estes precoces trabalhadores, base oculta do comércio citadino, rendemos nestas duas linhas a nossa admiração, enaltecendo-lhes o valor da labuta, tão válida como qualquer outra, afinal.

REPORTAGEM DE VIRIATO CAMILO

LUZES DA CIDADE

Nestes dias frios de Inverno, a cidade tem um ar desolado, com as árvores despidas apontando para o céu, as ruas polidas pela chuva recente, o vento cortante que nos surpreende de esquinas.

Cada um procura abafar-se melhor enrolando o cachecol no pescoço, aconchegando o sobretudo ao

(Continua na página seguinte)

(Continua na 8.ª página)

GANHE 100\$00

com um sorriso nos lábios

No realidade esta semana venceu uma carta. Não vale a pena fazer prefácio. Eis-la:

Ex.ª Sra.:

Sem o intuito de querer ganhar os simpáticos com cascos, e como simples passatempo, cedendo um momento de ócio a rabiscar algumas expressões sobre o Sr. Nariz e aqui lhes mando para os senhores se entreterem (devem ter pouco que fazer), agradecendo que, depois de lido, deem este papel para o editor de lizo.

NARIZ — se não o tivéssemos, que seria do perfume das flores de plástico?

NARIZ — quando é de tipo romano, é um bom cavalete para um bom par de óculos.

NARIZ — aspirador universal de cheiros.

NARIZ — é o despertador da consciência adormecida.

NARIZ — na Judica, é uma pena... sem bananas.

NARIZ — quando está enladrado, é capaz de se meter até onde não deve.

NARIZ — é o pagem que, na cozinha, com a sua «dromedária» anuncia a entrada do bispo... na panela.

NARIZ — se é de palmo e meio, é irmão gêmeo da tromba.

NARIZ — é um alvo que faz as delícias do «boxeur».

NARIZ — quando se curva roçando, então o seu dono é o «boxeur».

NARIZ — é um relógio, quando os segundos não correm.

NARIZ — é um «bom» São João, e o «bom» é de ouro.

Com certeza, com certeza! Com certeza, sempre evitar confusões de narizes. E a propósito, convém desde já esclarecer que o autor de tão variadas variações sinfónicas sobre um tema de **NARIZ**, é uma autora — a sr.ª D. Elvira Netto (R. Sampaio Pina, 12, 1.ª, Esq., Lisboa).

Uma outra senhora — D. Olinda Guerra, igualmente de Lisboa, entrou no concurso com uma tese anatómica de altíssimo valor.

NARIZ — apêndice que se serve para descarregar as impurezas do cérebro.

Até parece um anúncio! Mas não terminam por aqui as proezas do sexo frágil.

A sr.ª D. Francisca da Costa Cam...

Há sempre novidades! Esta semana não venceu uma definição, mas uma carta em que se fazem todas as variações sinfónicas sobre o tema do **NARIZ**. E o mais que se lerá...

pos (de Lisboa) envia-nos este pensamento verdadeiramente estival:

NARIZ — é às vezes uma fronde de árvore que dá sombra ao bigode.

Claro que a nossa gentil leitora puxou a brasa à sua sardinha, pois eu estou certo de que muito nariz faz sombra a muito buço e até... re-buço.

Dois leitores enviaram-nos patentes de aparelhos de «ménage». Diz o sr. José Maria Custódio Junior (Mos-cavide) que o nariz é

Um aspirador que não deve entrar em todos os sítios.

A coisa parece-me um pouco confusa. Na verdade não percebe por que não há-de poder entrar o aspirador em todos os sítios. O nariz, ainda vá: mas aí, o nariz anda em sentido figurado, que é como quem diz, não anda.

O sr. Mário Sena considera que o nariz é um

Suprimento para óculos.

Para óculos e para muita outra coisa. Nem calcula o que o nariz às vezes SUPORTA! Por essa razão é que o nosso certíssimo leitor, sr. José Marques Beirão, de Alpedrinha, soube ver os dramas a que ele está sujeito, até chegar a missionário:

NARIZ — «clareira» — é um órgão com milhões de lágrimas.

No que se distingue do órgão propriamente dito, que tem sempre missas e gratas. Aproveitando o falar-mos em missa, acho conveniente citar a definição que nos envia a sr.ª D. Francisca Maria, de Lisboa:

NARIZ — é uma eminência que não precisa de professor. Tal como a pescada: antes de ser já o era.

O nosso prezado Amigo, sr. António Rafael, das Caldas da Rainha, ofereceu-nos esta colecção de Pensamentos, que nos permitimos catalogar para maior comodidade dos leitores:

1.º Género farmacêutico: **NARIZ** — «canta-gotas» próprio das pessoas idosas.

2.º Género de capoeira: **NARIZ** — «pateira» onde às vezes pousam os «barrachões».

3.º Género científico: **NARIZ** — instrumento de investigação culinária.

O sr. F. M. Suzano (de Benfica),

deleitor não assíduo, mas Eterno, enveredou pelo género policial:

NARIZ — órgão que descobre o bispo na cozinha.

O sr. A. P., de Lisboa, diz o mesmo, mas em via reduzida:

NARIZ — polícia investigador.

E dos sensíveis, acrescente-se.

Das Caldas da Rainha (o sr. Dário Marques da Silva) veio-nos esta afirmação grandemente marítima:

NARIZ — é o periscópio da cozinha.

Periscópio ou nariscópio? O sr. Silvestre Gaudêncio (julgava que eu não o citava hoje?) chama-lhe:

Ponto de mira da curiosidade.

Depois é só puxar ao gatilho.

O sr. Alvaro Machado, do Porto, pede que o capítulo «Propriedades», no Código, seja acrescentado com a seguinte variante:

NARIZ — aquilo de que todos nós queremos ser senhores.

E é também a última coisa de que nos desfazemos.

Vários leitores nos enviaram dissertações de licenciatura para a Faculdade de Letras. Só publicamos uma, para exemplo. Pertence ao sr. José Coutinho, de Lisboa:

NARIZ — a maior saliência da face, que felizmente teve a sua origem de narinas voltadas para bai-

(Continua na 2.ª página)

A REALIDADE DA JUVENTUDE

(Continuação da página anterior)

sonagens dessa vasta produção romanesca são adolescentes terrivelmente lucidos e conflagrantemente infelizes. Todos igualmente manifestam um profundo desequilíbrio moral e psíquico, um perigoso egocentrismo, uma desmedida exaltação vitalista e o desejo de auto-afirmação da personalidade por meio de actos violentos e gratuitos.

Está claro que tudo isto apresenta variadíssimas gradações, sendo mais agudo o desequilíbrio moral e psíquico na literatura hippy, e que não será para estranhar se tivermos em conta os 500 mil menores julgados anualmente pelos tribunais norte-americanos e os 10 milhões de psicopatas registados pelas estatísticas oficiais dos Estados Unidos. Já o «saganismo», verdadeiramente típica feminina e caracteristicamente francesa da mesma crise, incide de maneira total sobre o tema erótico, deixando na sombra todos os restantes aspectos do viver humano.

O «madismo» que tem os seus mais notáveis representantes em Carmen Laforet e Juan Goytisolo, pretende exprimir a mal contida crise espiritual da juventude espanhola, embora com uma limitação expressiva, imposta por razões alheias à literatura.

Quanto ao movimento literário da juventude inglesa denominado «The young angry men» («os jovens furiosos»), sem dúvida o mais estudado e discutido por toda a parte, parece-me ser de facto o mais digno de simpatia por ser o único cuja orientação indica, de certo modo, o desejo de tomar consciência da crise para superá-la, embora mais não tenha conseguido até agora do que exprimir de forma gritante a revolta de alguns jovens intelectuais.

É necessário ler um pouco de tudo isto para ver como os jovens personagens destes livros terríveis procuram no álcool, nos estupefacientes e no frenesi da música de «jazz» uma fuga à terrível angústia que os domina. Será também indispensável verificar a espantosa quantidade de roubos, assassinatos, suicídios que há na «literatura hippy» e sentir o frémito de horror provocado pela leitura de obras como «Chocolate para o pequeno almoço» da adolescente Pamela Moore ou «Jogo de mãos» do jovem Juan Saytisolo. Após isso poderemos dizer se realmente existe ou não um problema da actual juventude.

Dispõe, no entanto, o nosso tem-

(Continuação da página anterior)

corpo friorento, ou ajeitando com cuidado as dobras da casaca felpuda. Ninguém se detém a passear — caminha-se na rua porque é necessário, porque se tem um objectivo, porque se vai para empregos e ocupações ou se vem de lá.

Manhã cedo, os cafés são frequentados por raros clientes, apressados, que engolem a xícara de delicioso aroma e comem um pãozinho. Esfregam-se as mãos enregeladas, acende-se um cigarro, e lá vão de novo à caminho da vida. As senhoras com profissão também entram um momento (vão-se perdendo o hábito de os «cafés» serem úteis apenas para os cavaleiros), tomam a bebida quente a grandes goles, olham o relógio aflitivamente e partem no seu passinho miúdo. As horas de ponta, almoços e jantares, as pessoas transbordam para a rua e dá-se a caça aos eléctricos e autocarros. Os primeiros continuam a levar cachos humanos pendentes, prestes a serem colhidos por qualquer veículo ou tapume mais saliente — mas como há poucos eléctricos para a afluência, não há outro remédio. Os segundos escoam as longas bichas em ordem, surgindo algumas vezes uma discussão porque alguém pretendeu, com a pressa, passar à frente do vizinho. Nessas ocasiões tem de intervir o condutor, que anuncia não dar ordem para avançar o carro, enquanto não se decidir quem era o primeiro na vez. O público protesta, porque este atraso lhe rouba segundos preciosos (as horas do almoço são escassas para quem mora longe) e por fim consegue-se uma solução: o autocarro arranca, acompanhado pelas vozes alteradas

Por
DULCE REBELO

dos que ficaram em terra e pelo suspiro de alívio dos que viajam dentro dele.

A aproximação da noite refresca mais o vento; que sopra agora com uma ligeira humidade. Pensa-se em chegar depressa a casa, em fugir deste desconforto que atinge os ossos. Mas é com o cair da noite que a desolação desaparece, pelo menos no centro da cidade. A iluminação pública afasta as sombras, os cinemas têm frisos ou chuveiros de luz, os painéis luminosos dos anúncios, verdes, amarelos, vermelhos ou estas cores combinadas, dão a sensação de calor, de companhia, de bem-estar.

Vem um momento de sossego, quando a hora da refeição recolhe as famílias nos seus lares. Depois, ainda há os espectáculos nocturnos — entrada e saída de cinemas e teatros — mas, ultrapassada a meia-noite, o silêncio desce, e o vento pode andar à solta pelas avenidas, abalar as palmeiras e as árvores, enroscando-se na estátua do Marquês, que raras vítimas encontrará na sua frente.

Aos sábados a estadia por «ora» é mais demorada. A lotação dos cinemas chega a esgotar-se, talvez nem sempre pela boa qualidade do filme, mas a temperatura agradável das salas, a necessidade de relaxar os nervos, a facto de na manhã seguinte se poder dormir mais umas horas, atraem os espectadores em maior escala. Findo o espectáculo, ir-se-á para os cafés tomar um bom cacau, conversar um pouco; fazer outra reserva de calor que durará noite inteira. Os mais folgazões ou endinheirados frequentam os recintos de dança, e embalam-se nos ritmos modernos, divertindo-se com aquela animação e prazer que provoca o contágio da música. Estão na moda, até ao exagero, as melodias italianas. No restaurante Alvalade, em frente ao lago, recordando uma Veneza de cartão postal, há um animador italiano a dar a nota requirida. No Terraço das Estrelas do Hotel Embaixador, há uma orquestra especializada nos ritmos da «dolce Italia» e até uma vez por outra, a voz e a presença bonita, fresca, de uma artista oriunda de Roma, Livorno ou Milão. Descortina-se dali um vasto panorama da cidade, pontilhada de luzes. Entre o céu recamado de estrelas e a terra, que é um tapete luminoso, as canções e a música, a dança, criam um atmosfera de alegria e entusiasmo, de felicidade que nesse momento é real. Todos trazem a sua dose romântica e, no dia seguinte, sob a água do chuveiro, há quem trauteie ou assobie a «piccolissima serenata». «casella in canadá» ou «Volare».

No entanto, os que amam Lisboa não se fecham nos lugares aprazíveis. Esses não receiam o frio ou a ventania, pois, se o luar flui alto, saem para o ar livre a abraçar esta cidade que se vestiu de um manto de luz para realçar as suas belezas. De colina em colina, o luar revela sombras, realça telhados, envolve em fluorescências o castelo de S. Jorge, abrigo de pombos e morcegos, espalha-se lá no fundo nas águas do Tejo. É uma cidade fantástica, cheia de sons, de mistérios, de contornos esfumados a lembrar lendas. É uma cidade adormecida e desperta para outra vida, mais íntima, mais real.

No Jardim de S. Pedro de Alcântara debruça-se sobre Lisboa um rapaz-pintor? poeta? ou um mero crítico a contatá-la com os seus problemas? Perto do Tejo há vários contemplativos. Uma vela corta a água de prata e uma luz vermelha apaga-se e acende-se ao longe. No Rossio dois namorados beijam-se em despedida, mas os apaixonados nunca estão sós e a polícia aborda-os, suspeitosos, pede-lhe explicações. Isto aqui não é Paris! As praças, as ruas deslumbram pelos tons; a arquitectura dos velhos edifícios aparece tocada por mão de mestre, pondo em destaque pormenores esquecidos à claridade do dia. Lisboa dorme, sonha, vive, descobre-se e encanta. Que bom seria se tudo fosse esta paisagem, esta tranquilidade, esta doçura, este céu e esta luz!

Fevereiro/1959.

BREVEMENTE

REVISTA de CINEMA



A Decca, uma das principais produtoras de discos, acaba de provocar sensação ao editar a sua série «ACE OF CLUBS» que recentemente chegou ao nosso país e que recomenda pela excepcional interesse das obras contidas, e pela categoria dos seus intérpretes e pelo seu preço bastante acessível (137\$50).

Em discos de 30 cm. de apurado acabamento técnico são produzidos pela Decca). «ACE OF CLUBS» acaba de pôr à venda entre nós a 4.ª Série que inclui obras de BIVORAK, BRAHMS, STRAUSS, TCHAIKOVSKY, HOLST, BERLIOZ, WEBER, BACH, BRITTEN e PROKOFIEFF em interpretações de nomes tão notáveis como os de SIR ADRIAN BOULT, SIR MALCOLM SARGEN, VAN BEINUM, KRAUS e de muitos outros.

Resumindo «ACE OF CLUBS» preenche notavelmente a necessidade de boa música gravada por bons artistas e a um preço acessível.

Disco publicado pelos estabelecimentos Valentim de Carvalho, R. Nova do Almeida, 95.

Crónica da Rua Humilde

UMA GARRAFA DE VINHO FINO

A casa onde morou o João Caldeiro fica quase no extremo da Rua Humilde. Um rés-do-chão camado, quatro divisões pequeníssimas, duas janelas quase ao nível do passeio. O numero, quase delido, mal se percebe por cima da porta que nem fechadura tem. Toda a riqueza dela vem do jardim — um palmo de terra semea-

— Bem, a Mariana... também a Glorinda já em tempos me dissera que precisava, que estava apertada na casa da sogra... mulheres que aguardavam vez, encostadas ao balcão: — Então a qual das duas?... — quiseram saber. — Isso agora, isso agora... como o outro, por mim tanto me faz.

nunca um centavo por isso aos da Rua. Cada qual tinha para trazer á colação uma história a provar a dedicação da Florinda pelos «seus» doentes.

A discussão começava a tomar aspectos desagradáveis. O Galego ouvia, pacientemente, os argumentos de um e outro lado. A certa altura, afirmou:

— Elas que se entendam. Senão, nem para uma, nem para outra...

Foi aí que surgiu a ideia da arbitragem para a qual foram indicados os nomes do Marcos estivador (o político da Rua Humilde), do Joaquim tipógrafo, e o meu. Assistiriam a Florinda, a Mariana, os maridos delas e o povo que quisesse.

O encontro realizou-se na minha casa. A primeira impressão que tive foi de desordem. Todos queriam ser os primeiros, para ganhar o trunfo da novidade. O Marcos, porém, impôs silêncio e deu a palavra ao Galego:

— Ora então o senhor Gonzalez vai contar as coisas do princípio...

O Gonzalez, no seu falar de trapos, semeado de xx que o tornavam por vezes ininteligível, fez a história da candidatura ao rés-do-chão.

— Portanto — resumiu o Marcos — a primeira foi a Florinda...

— Não — atalhou a Mariana — Muito antes já eu falara ao senhor Gonzalez. Lembra-se, daquela vez na esplanada do Atlético?...

O Galego «não estava muito xerto, mas tinha uma lembrança».

A seguir a Mariana leu de uma tira de papel almaço todos os benefícios que prodigalizara ao João Caldeiro durante todo tempo da sua longa doença. Entre eles avultava tê-lo levado a passar uns dias numa casa que alugara em Caneças.

Além do mais, a filha ia casar ainda este ano e gostava de a ter consigo.

Os árbitros tomavam notas. — O senhor tem alguma coisa a dizer? — perguntou-me o estivador.

Antes que eu respondesse, o Joaquim tipógrafo opinou que ouvíssemos a Florinda. Marcos não concordou.

— Para já que lhes parecem as explicações da senhora Mariana?

Hesitei. Disse que a senhora Mariana tinha uma contabilidade demasiado perfeita...

— Além de que — acrescentou o Joaquim — todos na Rua faziam o que podiam, sem alardes... sem papel almaço.

— Em todo o caso — resumiu Marcos — o problema da filha é de considerar.

A Florinda declarou que vivia muito apertada na casa da sogra e ainda por cima não se dava bem com ela. Trazia os nervos desaranjados e até já fora ao médico por causa disso:

— Não há nada mais triste do que não poder chamar «nossa» á nossa casa...

Mas havia mais. O marido, o seu Aurélio, estava a três dias por semana. Ela, para ajudar a casa, resolvera comprar a prestações uma máquina de tricotar, mas a sogra não a queria lá, diz que o barulho lhe desaparefusa os miolos...

Gargalhada geral.

— Mas, ó Florinda — acudiu o Joaquim — E as injeções não deixam?

— Como é que hão-de deixar se

(Continua na 7.ª página)



preparação do vinho, desde os continuos pratos aos pratos suculentos que preparava para toda a família e criadagem. A doce Cristina rodava, atarefada, cansada e infeliz, desde que a aurora indiscreta espregalhava, ainda a medo, pelas frinças das janelas até que o sol se punha para lá dos campos de neve. E por vezes pela noite dentro. Muitas noites tremeu de frio e de solidão. O frio vinha-lhe do coração amargurado. Na verdade, pesada cruz lhe trouxera Erlend como presente de nupcias. Às vezes pensava no passado e então sofria as piores dores; o despeito e o ciúme e o remorso revolviavam-lhe o coração amargurado. E certo que continuava a amar o marido, como nos dias longínquos em que tudo lhe sacrificou: família e honra. Mas não podia esquecer a dolorosa expectativa de o saber condenado á força, nem do que lutou para o salvar; não podia esquecer aquela noite em que, por uma pequena escaramuça, ele dormira fora e dessa noite nascera uma menina ilegítima. Ofendida no mais profundo de si mesma, ela percebia agora o quanto ofendera Lourenço, esse pai que a amara sobre tudo no Mundo. O passado era um tormento que as penitências não logravam fazer esquecer. Do seu passado convulso só uma coisa prevalecia, apesar de tudo — o seu amor por Erlend. Sentia quanto ele era inútil em casa, como estragava os filhos com a sua indiferença por tudo, como fora culpado nos crimes da mocidade... mas amava-o, amava-o como nesse tempo longínquo.

Também do passado lhe vinha aquele amor de Simão, o seu noivo quando conhecera Erlend. Apesar de casado com Ingborg, a sua única irmã, apesar dos filhos que tivera desta, Simão continuava fiel á noiva perjura. E este amor fazia-a sofrer sinceramente. Gostaria de poder lavar o passado, de dar a Ingborg o amor que lhe roubava, de dar a Erlend a tranquilidade perdida, de restituir ao pai a honra que lhe manchara... Gostaria, mas era impossível. Cristina teria de arrastar a sua cruz toda a vida, por muito pesada que ela fosse. Se ao menos Erlend a ajudasse a arrastá-la! Mas não; Erlend caminhava no Mundo á margem dele, afastado dos problemas cruciantes da mulher, longe da vida privada dos filhos que cresciam, da quinta que verdejava sem a ajuda dele, do amor silencioso do Simão.

Até quando ficaria Erlend longe do Mundo que o rodeava e das restantes tragédias que espreitavam Cristina, a pobre Cristina que vergava sob o peso da sua Cruz?...

A «CRUZ», uma obra-prima de Sigrid Undset, que completa a trilogia «CRISTINA LAVRANDAT-TER», que Portugal Editora editou. É um romance a que as palavras vulgares não podem aplicar-se, porque não definem todo o mundo de sentimentos contraditórios que nos prende, do princípio ao fim, num crescente interesse. E, para completar esta grandiosa obra, uma primorosa tradução de Maria Franco.

A CRUZ

por Sigrid Undset

Após ter saído da prisão, perdoado da força, Erlend conservou-se o mesmo: encantador, risonho, solícito, mas... inútil. Perdidos os bens, forçado foi que se mudassem todos para as terras que haviam sido de Lourenço, pai de Cristina. Erlend passava nelas a sua simpatia e inação. A Cristina cabia toda a tarefa doméstica, desde os trabalhos rudes do campo, ao fabrico do queijo e

A FAMÍLIA SAI DO BANHO



novos projectores

B T-H

TRANSPORTÁVEL

MODELO 451

- COM SOM MAGNÉTICO E ÓPTICO
- AMPLIFICADOR DE 30 W
- ALTI-FALANTE DE 15 W
- DUAS VELOCIDADES (16 E 24 IMAGENS/SEGUNDO)
- PERMITE GRAVAR O SOM EM PISTA MAGNÉTICA
- POSSUE MISTURADOR DE SOM PARA GRAVAÇÃO
- COM MICROFONE
- BOBINAS DE GRANDE FORMATO (400 METROS)

Três modelos de diferentes características e preços

B T-H

BRITISH THOMSON HOUSTON

CONSULTE OS REPRESENTANTES EXCLUSIVOS

GENERAL ELECTRIC PORTUGUESA

LISBOA PORTO

VAN GOGH UMA NOVA BIOGRAFIA

por LAWRENCE E ELISABETH HANSON

Na Primavera de 1851, o reverendo Theodorus van Gogh apareceu no mundo. Contava ele vinte e nove anos e a noiva trinta e dois. Theodorus não se limitava a abraçar a vocação de seu pai e dos antepassados deste; tinha também herdado deles um sentido fanático do dever. Dispunha do dinheiro suficiente para viver confortavelmente, numa pequena paróquia. Só lamentava que, os paroquianos fossem poucos. E sentia-se incapaz de os fazer aumentar. E essa incapacidade tornou-se ainda mais notória, quando sua mulher deu à luz o segundo filho — Vincent.

Como pais não foram felizes. Vincent foi a causa de muita ansiedade e sofrimento. Herdara as feições da mãe, embora tivesse o rosto sardento e os cabelos ruivos. Do pai herdou a devoção, que em breve se tornou verdadeira fanatismo. Mas em todos os seus actos se evidenciava a neurose dos Van Gogh; e nunca procuraram prever-se dela.

A mãe, profundamente emotiva e instável, era atrevida a acessos de mau humor que muito faziam sofrer a criança. O profundo desgosto pela perda do primeiro filho, lançou sobre este segundo a sua negra sombra. Semanalmente, ambos seguiam o caminho do cemitério, para ali deixar um ramo de flores. Quando Vincent se mostrava exuberante e turbulento, logo os pais lhe lembravam o defunto irmão como um filho exemplar. Mas passados esses momentos, a mãe, mimava-o em excesso, afagava-o com sofreguidão. Vincent era ávido de amor, talvez mais que a maioria das crianças, porque a sua natureza era mais veemente. Vincent ansiava pelo amor; o seu desejo mais ardente era sentir-se «desejado». Mas, tal como mais tarde, começava já a conduzir-se de modo a afastar de si as afeições.

Um passatempo muito do seu agrado, nesse tempo bastante em voga nos lares da classe média, era

pintar e desenhar, sob a orientação do pai. Era um pai bondoso, mas também, aparentemente, frio, chegando mesmo a ser severo. Vincent amava doidamente o pai; por toda a parte procurava o carinho de que necessitava. A medida que crescia, a sombra do irmão defunto, mais lhe azejava a vida, no lar paterno. Talvez isso o levasse a conviver, com mais frequência, com os filhos dos camponeses que

que não podia manter aqueles hábitos. Mudou-se para casa de uma senhora francesa, mãe de Ursula, o seu primeiro amor. Sentira-se atraído para ela pouco depois de se conhecerem. Mas nada lhe disse, senão no dia em que devia partir para férias. Mãe e filha ficaram desoladas. Compadeciam-se daquele holandês, desajeitado e incapaz de falar livremente, que tanto ansiava por um afecto e estava tão



cidade tornou-se ainda mais notória, quando sua mulher deu à luz o segundo filho — Vincent.

Como pais não foram felizes. Vincent foi a causa de muita ansiedade e sofrimento. Herdara as feições da mãe, embora tivesse o rosto sardento e os cabelos ruivos. Do pai herdou a devoção, que em breve se tornou verdadeira fanatismo. Mas em todos os seus actos se evidenciava a neurose dos Van Gogh; e nunca procuraram prever-se dela.

A mãe, profundamente emotiva e instável, era atrevida a acessos de mau humor que muito faziam sofrer a criança. O profundo desgosto pela perda do primeiro filho, lançou sobre este segundo a sua negra sombra. Semanalmente, ambos seguiam o caminho do cemitério, para ali deixar um ramo de flores. Quando Vincent se mostrava exuberante e turbulento, logo os pais lhe lembravam o defunto irmão como um filho exemplar. Mas passados esses momentos, a mãe, mimava-o em excesso, afagava-o com sofreguidão. Vincent era ávido de amor, talvez mais que a maioria das crianças, porque a sua natureza era mais veemente. Vincent ansiava pelo amor; o seu desejo mais ardente era sentir-se «desejado». Mas, tal como mais tarde, começava já a conduzir-se de modo a afastar de si as afeições.

Um passatempo muito do seu agrado, nesse tempo bastante em voga nos lares da classe média, era

encontrava na escola da aldeia. Habitou-se a andar sempre com eles. Tinha, no fim de algum tempo o mesmo aspecto deles, parecia sentir como eles, julgava ser um deles, e dos mais insignificantes.

Durante cinco anos viveu a vida do colégio onde esteve internado e onde não deixou nome. Saiu com um desejo ardente de viver uma vida muito simples. Seu tio Vincent que não tinha herdeiros directos, levou-o com ele para sua casa, uma casa cheia de pinturas raras, que ele contemplava e admirava...

No fim de algum tempo, Vincent começou a trabalhar na galeria de seu tio e parecia satisfeito com a nova ocupação. Tudo quanto ia aprendendo na galeria o ajudava a tornar confusa a sua noção dos valores. Eram considerados bons os quadros que se vendiam por bom dinheiro. Vincent rebelava-se contra este facto. Tinha as suas preferências muito definidas, sobretudo Millet. Dedicava-se muito à leitura — Dickens, Elliot, Carlyle. E a Bíblia, sobretudo. Escrevia muito a seu irmão Theo, primeiro cartas simples cheias de conselhos, regosio por algum êxito, felicitações pelos triunfos. Depois, vieram as peregrinações e as descobertas no mundo novo que ele percorria a pé, todos os dias. Continuava a ser um rapaz cheio de fervor, um evangelista convicto. A única preocupação de Vincent era a rapidez com o dinheiro se escoava. O quarto custava-lhe caro e ele depressa viu

longe de o encontrar. Quem poderia amar uma criatura tão mal dotada para despertar o amor, tão estranha e tão tosca, com o chapéu alto cheio de lustro e a rígida sobrecasaca preta, e aquele modo de fitar as pessoas de soslaio, desconfiado, com a boca contraída. E aliado tudo isto à sua cabeça quadrada, só despertava suspeitas alarmantes de violência.

Ursula deu o não, alegando um noivado secreto, etc., etc. — e manteve-se intransigente. Vincent acabou por compreender. Fez as malas e partiu.

Desejava praticar o bem neste mundo, desejava viver desinteressadamente. Mas depois do seu fracasso com Ursula perdeu a fé; o homem tornara-se-lhe odioso. Passara a consagrar atenção ao que havia de desprezível e de repudiável na mulher; e também no homem. Mas tinha presente a fé de seu pai, e tentava propagar essa fé, queria mostrar ao mundo o que era o verdadeiro amor, encontrando assim uma compensação para a perda da confiança. Estava então, em Paris. Não perdera o amor à arte, que nele ultrapassava mesmo a vocação de pregador.

Mas tinha de ganhar a vida. Foi, sucessivamente, professor num colégio de rapazes, missionário, vendedor de livros, novamente professor, pregador — mas em tudo falhou, pela sua estranha conduta. Ele tinha a consciência do fracasso da sua vida. Deixou a família; embora a amasse sentia que viviam em mundos diferentes. Sentia-se vazio. Faltava-lhe o amor, não apenas o amor de uma mulher, mas o amor de todos. O tempo passou. Sentia-se doente, mas não queria morrer, algo do vigor antigo vivia ainda nele. Um dia, repetiu-se a história de Ursula, quando conheceu Kee e lhe pediu que casasse com ele. Foi repellido, com repulsa. Sentiu terrível depressão. Pensava no suicídio, mas sentia-se demasiado honesto para o tentar. No meio de tudo isto, pintava. Mas descontrolou-se, porque se sentia doente. Nesta altura encontra Sien, desgraciada, grávida. Mas seu irmão Theo fica horrorizado com esta nova família — Sien era uma mulher da vida que ele acolhera no seu estúdio transformado em lar — um lar! — que Vincent enche de fantasia, onde acolhe a «companheira fiel» que julgara ter encontrado...

Eis, em traços largos, uma parte do romance-biografia «VAN GOGH», que a Editora «Aster» acaba de lançar. É um belo livro, cheio de interesse novo, de verdade, de poesia, de tragédia. Perto de quatrocentas páginas de uma vida nova do grande génio que foi Vincent Van Gogh. Esta condensação foi possível, pela amável deferência dos editores.

Os talheres calaram-se. O roçar das conversas teve um ligeiro corte, como se cada qual suspendesse a respiração num breve instante.

Nitido. Todos pensámos que era a imaginação fazendo das suas. Um coro alentejano, bem. Mas ali! Evidentemente que só em sonho, em recordação. De qualquer maneira, insólito. Fitámo-nos uns aos outros. Suspiros. E a recordação não quis morrer, não quis ser a recordação que agora é. Realmente, um coro. Alentejanos, não sei de onde. Baixo Alentejo, parece. A labita de quadradinhos azuis, o lenço berrante e orgulhoso no pescoço. No meio deles, um velho de sessenta ceifas, um menino de catorze primaveras. E no meio deles, o Sol em brasa e a extensão de horizonte a horizonte como um baloiço lento. Com eles, a vida difícil (aquele pedido de trabalho ao presidente da cambrá...) os dias inquietos e desprotegidos, as noites de aflição, aqui e ali um fiozinho de esperança como um rio subterrâneo que de vez em quando assoma às estrelas e aos olhos.

Evidentemente, eu sinto isto. O ritmo, a beleza, o drama, toda a história de uma alma que recusa vender-se ao diabo. Sinto, evidentemente. Mas, como hei-de dizer? Sinto em literatura. Sinto e vou adiante. Muito belo, e passe bem. Comoveme na medida em que me comovem as lutas, os dramas, as alegrias dos meus irmãos. Bem. Mas fico sem

AS MONDAS

O tempo vai bom. Acabou a chuva reinada de Março, as terras engordaram mais, respiram com outro ar, alegremente, renovando o espaço dum perfume saudável e picante. Alastram as searas por caminhos de léguas novas, ornamentando o Mundo. O Sol morno beija o vento vadio, aqui e ali a assoprar, e arranca luzes diurnas no seio recatado da Natureza, está o tempo bom, cheira a Primavera, cheira ao pólen das flores, vem aí na estrada um rancho colorido de moças a cantar.

Chapéus na cabeça, saias presas às pernas, por mor de não dar com cabo das folhas reais e beijadoras, sachos aos ombros, avental até por baixo dos joelhos, tarros suspensos

a passo, vão libertando as raízes de cereal do cerco apertado das ervas maninhas. Voam cotovias por cima, uma águia também.

Do meio do rancho, uma rapariga levanta o corpo, sorri na manhã magnífica, grita o canto da sua alma liberta:

«Oh! meu lindo alandroeiro!...»

Tap, tap, que passos são estes que brincam-na relva? As botas de fivela vão percorrendo os regos, os sachos ferem a moleza da terra redonda de verde, arrancam os pequenos caules, os cardos parasitas, as leitugas, os almeirões. Um lagarto sarapintado, corre à frente da seara, na estampa das horas novas.

POR
ANTUNES DA SILVA

no outro braço, o rancho sai da azinhalga saibrosa e avança a cortamato, na direcção de um vasto campo semeado.

O manageiro vem logo atrás e manda parar o ajuntamento num sítio onde acaba o alqueive e começa a grande seara de pão. O trigo, benza-o Deus!, numa quinzena, pulou um palmo, está patusco, adolescente, tenro, tem as folhas tesas e bandeantes, germina que é um louvor na largueza clara da paisagem, ao nascente da Serra de S. Barnabé.

A primeira monda já foi feita em Dezembro, que a terra é rica em humus, para destruir as ervas temporais, quando as sementes mal despontavam, tapando lentamente as glebas frias. A segunda monda anda a fazer-se agora, para arrancar o cizirio, erva trepadora e lasciva, que suga e se enleia ao trigo, chupando-lhe o sangue benfeitor. Se não se destrói com zelo e paciência, arruina inevitavelmente uma seara.

As mulheres, á voz desafinada do manageiro, alongam-se junto aos regos, contra o Sol, os bustos curvados, os olhos na seara, catando sarago, pampiro, alabaças. Passo

Havia há muito tempo — tanto, tanto que já nem se sabe quando! — um jardim maravilhoso. Um bando de macacos resolveu fazer aí a sua morada. Ora o jardim pertencia a um convento e quando os santos homens que nele habitavam vinham passear para o jardim, era com alegria que contemplavam as cabriolas que os bichinhos desenhavam de ramo em ramo. Agradecidos com este risonho espectáculo, os monges plantaram árvores daqueles frutos de que os macacos mais se lambem.

Bom: todos os brutinhos se sentiam felizes menos o Cauda Longa que era — veja-se! — o chefe de todos. A partir de um certo dia resolveu dar ordem aos seus vassallos para agredirem lá do cimo das árvores os santos monges com ramadas, frutos — enfim tudo quanto lhes caísse nas mãos e pudesse servir para magoar.

E disseram: os monges para o seu abade:

— Irmão: estes macacos são maldosos ou tornaram-se maldosos. E'

Ecoo um grito perdido: «Ai um lagarto, Jesus!» Meninas assustadas, de braços no ar, exagerando o medo, que largam os sachos e fogem para o pé do manageiro, que ri da paródia, mostrando os dentes amarelos de tabaco: «O lagarto fugiu, que mal faz um lagarto?» Vem o homem direito ao sítio, sacode as folhas da seara com a mão tonta. Do bicho, nem rasto. «Eh! gente. Depressa. Vaaamos!...»

As mondadeiras retornam à faina, os sachos são mais lesto na empreitada e, de vez em vez, arrancam à mão, margaças e outras ervas malucas e abusadoras.

Maria Adalina sorri debaixo do seu lenço de cambrá. Tem dois rapazes que lhe escreveram uma carta. Um deles, falava numa terra ao pé do mar, queria casamento, porta aberta de um tasco, com fatura de quintal para criar galinhas, perus, um casal de gansos, cinco figueiras crescidas; o outro, baboso, só falava em namoro e baile campestre, abrihantado a gaita e a harmonio que o lavrador do Montinho fazia domingo, no terreiro da herdade.

Nem um nem outro lhe serviam, uma injustiça para quem os trata com tanto carinho. Se estivessemos no vosso lugar expulsámo-los daqui.

Mas o abade teve as seguintes palavras que bem punham a nu o seu coração:

— Também eles são filhos de Deus, são criaturas por Ele criadas. Como poderemos roubar-lhes o abrigo e o sustento? A verdade é que eles têm menos inteligência que nós, os homens; são ainda mais crianças do que as crianças. Podeis estar certos de que com paciência venceremos a sua teimosia.

Ora os macacos ouviram isto, ou melhor ouviu Cauda Longa e riuse e redobrou de maldade.

Tanta maldade, tanta maldade que o Destino que andava a passear pelos sítios resolveu intervir: Apre, que já era demais!

A história sucedeu numa noite calma e branca. A Lua estava lindíssima: gorda, branca, luzidia, risonha — um louvar a Deus! Bom: que até os macacos estavam embevecidos.



tivesse feito outra coisa senão estar com eles. E nunca deixou, aí é que está. E' um deles. Vive-os. «Somos capazes de ficar a cantar um dia e uma noite a fio...» Somos. Eis o que eu não posso dizer. A diferença.

Imagino-me no meio da minha gente. Ilhavo no meio de ilhaves. Meu irmão João, meu tio José, meu pai, a família toda. A família toda de Ilhavo. Os vivos e os naufragados. A partida e a chegada para os bancos da Terra Nova. Os que não regressam, todos os anos há quem não regresse, há quem fique por lá de sentinela garantindo ao Homem a posse do mar e do Mundo. Eu no meio deles, lá onde todo o coro é silêncio. Ai eu posso dizer «somos». Daquela vez em que naufragámos, daquela vez em que o nosso dori se voltou, recordam-se E daquela em que morremos todos no «Maria da Glória».

Mentira. Jogo sempre contra mim. Mentira, não me comovi tom os Alentejanos por literatura coisa nenhuma. Foi a sério. Simplesmente, aquelas vozes trouxeram-me outras vozes, vozes irmãs marítimas. Vozes também angustiadas, também doloridas, também com um fiozinho de esperanças a levantá-las...

Vozes que não cantam senão em silêncio.

Eenão através do meu coração.

MANUEL AGRA

ILUSTRADO

das e a vida difícil. Tudo isso que nós sabemos do Alentejo sem lá havermos estado nunca. Manuel da Fonseca entra no jogo. Canta com eles como se nunca

S

raízes e das orlas por capariga manha sua a-

rol...

do estas botas de legos, os terra ré os pe- grastias, Um la- mente da novas.

um la- gustadas, a medo, em para da pe- amare- giu, que o ho- le as fo- onta. Do ate. De-

á fai- atos na vez, ar- outras

maizo do em dois uma terra

amento, com far- galinhas, a, cinco a, babo e baile gaita e do Mon- roia da

serviam,

os trata

osmos

equintes a nu o

lhos de ile cria- bardi- lhas verdade

ligência ada mais 33 Podeis ciência

isto, ou á e ri-

maldade passear r: Apre,

na noite lua lin- dia, ri- 31 Bas- embe-



há uma porque eram bebedores e calaceiros, com muita palheta e poucas acções, e há outra porque não eram da vila, tinham vindo para ali há três anos, num rancho barulhento de algarvios, no tempo da ceifa.

Maria Adelina, atira o pensamento para o filho do abegão da casa, um moço escorrido e trigueiro, como ela, que lhe ensinara a tabuada numa Páscoa bonita, e sabia cantar

lindas trovas em noites serenas de lua. De forma que assim que os seus olhos viam Zé Jacinto, o peito subia, o coração pulava.

«Era uma vez uma menina que foi á monda com uma blusa azul e branca... Bom dia!»

A voz dele!

«Zé Jacinto, atão, por aqui a estas horas?»

Montado numa égua pigarça, o

(Continua na 2.ª pagina)

APONTAMENTOS PARA OS TEMPOS FUTUROS

Como se revelou a consciência

A mãe do Frederico tinha um insaciável apetite de grandezas; vivia, porém, numa daquelas vilórias sem desafogios sociais, onde os sonhos imperialistas acabam sempre por murchar. Claro que murchar não é secar: sirva de testemunho o monco dos perus e a persistência de D. Teresa Eulália Trutezinda, a mãe de Frederico. Como as perspectivas da terra não lhe permitiam satisfazer as ambições de grande dama — a perseverante senhora refugiou-se nos espaços vitais onomásticos. Exigiu para os abundantes filhos, nomes fartos e conclusivos: era todos Julios Césares, Bernardinos, ou Joões, Sebastião, Epaminondas, ou Aurélias, Agripinas Salomés — três nomes que soassem como clarins, como proclamação de guerra (a santa senhora tinha sempre a ressumar da memória aquela hora heróica flutância de Napoleão. — «De cima destas pirâmides cinquenta séculos vos contemplam!».

Quando os filhos entravam nas salas de exames primários ou liceais e o continuo lhes barregava a grandeza onomástica Dona Teresa Agripina Turtezinda sentia-se compensada da tacinhez do quotidiano. Circunvagava os olhinhos turgidos pela assistência deslumbrada, esmagada com tanto luxo sonoro e julgava sentir na cabeça a coroa de louros triunfal dos generais romanos.

Que vingança! E como ela estimava os continuos! Eram eles os únicos que sabiam executar com perfeição os 3 andamentos do concerto onomástico dos filhos. Na vida corriqueira só conseguia que lhe chamassem a ela Trutezinda, justamente a parte mestica do nome, e exilavam as escorregadias sonoridades sensuais de Teresa Eulália. Com os filhos sucedia a mesmíssima coisa: o seu menino tinha sido composto em ré maior: Clodomiro César Frederico e afinal eles despedaçaram tanta riqueza e acabaram por reduzi-lo a Frederico. Eles era, na linguagem da ilustre senhora, o mundo; e quando queria referir-se ás suas desilusões onomásticas ela depunha sempre esta frase lapidar: «mal com os nomes por amor dos homens, mal com os homens por amor dos nomes».

Dona Trutezinda desvelou-se na educação de Frederico. Chegados os 18 anos, o jovem era uma perfeita dona de casa «ancien regime». Foi nesta fase de desenvolvimento que um tio o levou até Lisboa, porque fazia falta á educação de um rapaz uma passadelazinha pelas brasas lisboetas. Pelo caminho o velhote teve dificuldade em compreender o que o jovem dizia: era torcido, retorcido; não garantia nada que não fosse por meio de uma citação literária de autor honesto; desbotava todo quando o tio desapertava uma anedota que o jovem supunha pertencer á excreável Escola Realista: enfim, um museu!

Os primos aboletaram-no em casa de uma senhora que usava gargantilhas barrocas e fora colega de romantismo de Dona Trutezinda. Bem tinham apetecido levá-lo para residência mais acessível a devaneios, mas o roteiro fornecido pela mãe era peremptório neste particular. Ficou, pois, em casa da senhora, o que significa entrada á noite a horas pudorosas e outras virtudes evidentes.

Só uma vez conseguiram os primos que Frederico tivesse ordem para uma sortida noc-

turna. A coisa acabou a altas horas com mais vinho do que o jovem provinciano podia reter. O regresso de Frederico foi um tormento. Pertto de casa pediu aos primos que o deixassem apoiar-se e seguir a pé, pois precisava de tomar ar. Mas Jesus! — que era aquilo? Lá no alto dos candeeiros — muito alto, muito alto — a luz tinha teias de aranha. Ou seriam os olhos? Esfregou-os. Nessa altura o estomago trepou até á boca de Frederico, corrou porque o primeiro acidente foi um arroto — liberdade que ele sempre aprendera a sofrer em 18 anos de virtude. Quis pedir desculpa, lembrando-se da mamã, mas ao lembrar-se da mamã ficou gelado. Se ela o visse naquele preparo, mais parafuso que gente! Que vergonha!

Isto foi o suficiente para ele se encher de coragem e descoser meia dúzia de passos que pretendiam ser decididos. O pior é que o chão estava alto como nunca vira; quase lhe batia pelos queixos. Com receio de qualquer acidente, arregaçou as pernas o mais que pôde. Mas nem mesmo assim: o chão já estava mais alto que ele e foi obrigado a estender-se ao comprido sobre a calçada. Era fria, a pedra e deitar-se no chão não parecia assim coisa tão fácil. Doía-lhe o corpo todo. Depois, o levantar custou-lhe um despesão: de toda a vez que desfaldava o pescoço a rua ficava maluca — num rodopio. Um zoologista ao passar classificou-o de quadrupede; Clodomiro César Frederico quis lavar o seu protesto, mas este saiu-lhe líquido de mistura com amendoim, batata frita e camarões.

De qualquer forma, um alívio! Cheio de fé na vida, apertou com o passo! «Nunca mais!» — prometia para dentro de si com veemência tribunícia. «Nunca mais!» Se a mamã soubesse! Que consciência era afinal a sua? O seu arrependimento tomou a forma lírica. Declamou alto. De repente percebeu que a rua onde morava lhe estava a passar ao alcance. Consultou o relógio. Não percebeu nada, mas suspeitou que deveria ser muito tarde. Agora era a porta de casa que desfilava á sua frente. Parou. A rua resolveu-se a andar á roda e a porta de casa também. Várias vezes tentou apanhar a porta,

mas ela rodopiava com demasiada velocidade. Cheio de desespero, deu um salto quando ela lhe voltava a surgir em frente e conseguiu estalar-se no degrau.

Já era pontaria!

«Nunca mais! Nunca mais!» — rezou vorosamente. E repetindo e falando em consciência e citando Cícero e Tertuliano foi trepando de gatas pela escada. Necessitava de entrar sem que a senhora da gargantilha desse por isso. No patamar do segundo piso experimentou andar em bicos dos pés; meteu a chave na porta, rodou-a com mil precauções. O seu quarto era logo em frente. Entrou. Tudo perfeito! Em bicos dos pés chegou até á porta do quarto, empurrou-a com meiguice e sentou-se logo na cama. Ah! que suspiro de alívio! Limpou o suor da testa e começou a despir-se. Apenas tinha as cuecas e as peugas quando ouviu uma voz muito coada que dizia: «Então isto são horas, filho?»

A consciência! Era a consciência a acusá-lo. Sentiu as lágrimas a encaminhar-se para os olhos. Por momentos deixou-se ficar quieto. Depois resolveu acabar a obra, mas a cama estalou e a mesma voz do além castigou-lhe os ouvidos: «Então isto são horas, filho?». Não tinha dúvidas: era a Consciência. «Ah! mãezinha querida, — implorou — perdoa, que eu não torno!» Estendeu a mão para o travesseiro e ao mesmo tempo que encontrava uma coisa volumosa a consciência voltou a persegui-lo. Meteu a mão debaixo da roupa e encontrou uma suave coxa feminina. Uma coxa? Então era a consciência em carne e osso! Grande era o seu pecado para assim lhe aparecer pela primeira vez na vida!

Aterrorizado, ergueu-se e ia a pedir mil perdões, quando um raio o atravessou: estava em casa da vizinha de baixo! A consciência era ela! Mais aterrorizado ainda, enfeixou as roupas e as botas, saiu porta fora e como louco, em cuecas e em peugas subiu o purgatório que o separava do andar de cima. Em verdade, em verdade — a consciência tem muitas maneiras de se apresentar aos pecadores!

DIÓGENES



Os ladrões da Lua (Lenda oriental)

Por força que Cauda Longa teria de fazer o contrário de todo o Mundo. Voltou, portanto, as costas á Lua — e que vê o velho malandro? Vê que os homens tinham feito uma Lua e que a tinham meitado dentro de um poço de águas limpidas. Eini? Nunca tal vira! Agora estava mesmo percebendo porque tinham os homens aberto na véspera aquele poço. Ah, mas iam vê-las! Ele lhes diria...

Como ainda não tinha atinado no que deveria fazer para retirar a Lua do fundo — ou do cimo? — do poço, mestre Cauda Longa encheu-se de flato, deu guinchos e atirou com tudo quanto lhe vinha á mão para cima da cabeça dos monges. E dizia com os seus pelos:

— Eu dou-vos o arroz! Eu dou-vos o arroz! Julgam que têm a Lua

bem segura, dentro do poço? Muito se engana quem pensa.

— Irmão, vede como eles são indignos das bondades do Criador. Expulsai-os!

Mas o abade tinha o condão de umas palavras belas que sempre descobriam as excelências do seu coração; e disse ele as tais palavras como vereis:

— Deus que assim os fez é porque assim os queria. Não sois vós mais inteligentes que os brutinhos? Então sai, se não vos sentis bem aqui.

E isto mesmo é que os monges fizeram, pois tratava-se daqueles conselhos que não interessa mesmo nada deitar fora.

Lá os macacos é que não entenderam. Do cimo das árvores foi uma caçada de tapar os ouvidos. Cauda Longa riu-se até faltar e quando

já estava farto veio-lhe á cabeça uma ideia — coisa que raras vezes lhe sucedia. A ideia era esta:

— Vamos tirar-lhes a Lua de dentro do poço!

— Qual lua? — perguntou um macaquinho de rabo pelado, dos piores em brejeirices.

— A que ali vês, ali, ali, ali dentro do poço.

Todos se inclinaram para o poço. Era verdade! Que grande Lua! Que bonita Lua! Parecia um requeijão. Mas que bom que seria se fosse um requeijão... Todos lamberam as beiçocas.

— Não é um requeijão — descobriu Cauda Longa. — Aquilo fia mais fino! Para os homens o escondem tão bem escondido dentro do poço é porque é outro luxo.

— Ai! mas aquilo vai parar ás nossas mãos, tarda não tarda, vão ver.

O poço é fundo como os diabos!

— E não temos corda para lá chegar — acrescentou outro confrade, que era sujeito prudente.

— Boa te vai! — riu Cauda Longa. — Sé só sabes disso, então não sabes nada. Quando não há, arranja-se!

— Aonde? — espantou-se um desconfiado com a boca muito aberta.

— Aonde? Ora aonde? Aqui! — e agarrou na prestimosa cauda — e ele se a tinha famosa!...

— A cauda foi-nos dada — continuou o Mestre — para nos diferenciarmos dos homens, que não passam de uns pobres macacos atrofiados. Ora é tempo de mostrarmos quanto vale uma boa cauda.

Os símios aplaudiram o orador e pediram-lhe para os ajudar a compreender para que serviria a cauda.

— Ora bem: eu agarro-me á cauda de um de vós e desço; aquele a quem eu me penduro, pendura-se

na cauda do parceiro e assim sucessivamente até ao chegar ao fundo do poço, agarrar na Lua muito bem e tal e coisa.

— Formidável! — bradaram todos.

E meu dito, meu feito: macaco atrás do macaco, cauda atrás de cauda — e dizia o chefe dos brutinhos:

— Bem, melhor, ótimo! Está quase! E' caramba! Já lhe tocou! Só mais uma cauda, isso mesmo, já cá...

Não disse o resto, mas compreende-se o que seria. Agora o que sucedeu é que o Destino viu altura para meter o nariz e foi desta maneira: o tronco onde todos os macacos se penduravam não era lá muito forte. Pelo menos não tinha sido feito para aquelas arrobadas de carne de macaco. Quem não pode arreia: e o tronco não podia, partiu-se, zus catrapuz; lá se foi tudo quanto Marta fiou. Acabaram-se os macacos.

Mas no céu, a Lua era mesmo um louvar a Deus: gorda, branca, luzidia e risonha. E risonha.

RECEITAS DE URGÊNCIA

Para os amigos da ultima hora

Sardinhas de lata, grelhadas

Abra uma lata de sardinhas, sem pele e sem espinhas; retire-as com cuidado para as não escangalhar. Aqueça muito bem uma grelha e ponha as sardinhas a alourar ligeiramente. Servem-se com um molho preparado da seguinte forma: Queime duas colheres de sopa de



mantega e junte-lhe salsa picada e sumo de limão. Acompanhe com batatas cortadas às rodelas grossas, ovos cozidos.

ervilhas salteadas, couve-flor ou salada crua, variada.

Travessa enfeitada

Cozem-se ovos e cortam-se no sentido da largura, fazendo blocos como se fossem melões. Recheiam-se as metades com salada russa e sobre esta põe-se um monte de «mousse» de sardinha. Salpicam-se



com trufas muito picadinhos, o que melhora o prato. Sirva com salada verde e rodelas de tomate.

Batatas às rodas com sardinha

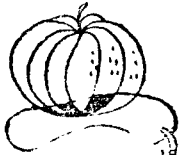
Coze-se uma porção de batatas que se cortam em fatias grossas. Abre-se uma lata de sardinhas, ti-



ra-se-lhes a pele e as espinhas e esmagam-se com um garfo; temperam-se como salsa picada, pimenta e ovo cozido, picado. Põe-se uma camada desta massa sobre cada rodela de batata e cobre-se com outra. Passam-se por farinha de trigo e ovo batido e fritam-se. Servem-se com feijão verde cozido.

Sobremesa rápida

Compre tantos bolos de arroz ou queques, quantos os convivas. Corte em três fatias no sentido da largura. Recheie a primeira com creme de chocolate, espesso. Coloque sobre esta, outra camada e recheie com um pouco de ovos moles. Po-



nha a ultima fatia. Cubra com creme de chocolate e o resto dos ovos moles. Ponha cada bolo num pires, para servir individualmente.



NOVA EMBALAGEM!



POR 20\$00
VAI ENCHER
4 VEZES
(QUATRO)
O SEU FRASCO
DE



AJI-NO-MOTO

TÃO NECESSARIO COMO O SAL NA COMIDA

SABIA COMER

Um frigorifico não é apenas uma questão de conforto

O conforto é um sonho de quase todas as mulheres. Não há conforto, sem um frigorifico; as compras far-se-iam uma ou duas vezes na semana. Não há conforto sem uma boa máquina lavadeira; nem mãos



estragadas, nem roupa rasgada, nem tempo perdido.

Pois é. As mulheres ou pelo menos milhares de mulheres pensam que o conforto não reside, apenas, na decoração da casa, mas sim nas consequências felizes que o conforto traz para a vida do lar. Com efeito, uma mãe de família, que vê aliviada a sua tarefa quotidiana é mais feliz, mais alegre. Mostra um rosto calmo; a atmosfera do lar torna-se mais harmoniosa.

De tudo o que a mulher pode desejar, o frigorifico é o seu melhor auxiliar. Mas talvez, também, o auxiliar mais perigoso, para quem o não saiba utilizar convenientemen-



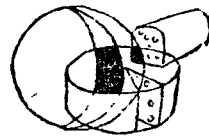
te. Usar um frigorifico tem as suas regras. E não pensemos que sabe comer quem não segue a risca as instruções que acompanham o frigorifico. Ele poderá tornar-se, de um amigo, num perigo, para a sua saúde.

Depois de bem lavado, interiormente, com um pouco de bicarbonato de sódio dissolvido num algarado de água tépida, ponha o aparelho a trabalhar. Coloque na camara frigorifica os alimentos que pretende utilizar mais tarde e que estejam crus. Coloque nas prateleiras, de cima para baixo, os que irá demorando a utilizar, pois as prateleiras mais próximas da camara são mais frias. Tape to-

dos os recipientes que contenham ingredientes susceptíveis de ter cheiro — peixe, cozinhados — e igualmente todos aqueles que possam absorver os cheiros dos outros — leite, água.

Limpe o peixe e parta-o conforme o destino que lhe dará. Tempere com um pouco de sal, lembrando-se de que a estadia demorada no frigorifico refina o sabor a sal; mas, por outro lado, lembre-se que certos alimentos depois de endurecidos não recebem bem o sal.

Faça a carne a mesma coisa, sem que, contudo, ela necessite sal;



limpe-a de peles, corte, tempere-se são bifes.

Antes de comprar e, sobretudo, antes de carregar o seu frigorifico, escolha alimentos «muito» frescos. O frio suspende a proliferação das bactérias, mas não as destrói; uma vez á temperatura ambiente, a descongelação permite que essa proliferação seja muito mais rápida. E certamente sabe o perigo dos envenenamentos alimentares.

As hortaliças devem ser limpas das folhas velhas, amarelas, dos talos grossos, inúteis, e metidas na gaveta própria em sacos plásticos.

Há coisas que pode ter já preparadas para facilitar a vida: a



carne estufada, o peixe frito; cenouras em salada avinagrada, a beterraba finalmente pronta a servir, etc.

O leite deve ser guardado em garrafas tapadas, já fervido e arrefecido. Os sumos de frutos devem ter embalagem semelhante. Lem-

Em que casos se indica um regime rico em carnes?

Não é grande o poder calorífico da carne, se a compararmos ás gorduras e aos açúcares. Mas, por outro lado, a sua digestibilidade é fácil, esteja a carne quente ou fria, seja branca ou não. A carne diminui o volume hidro-alimentar ingerido. Por isso o regime á base de carne é aconselhado em certos casos de obesidade. O papel plástico da carne manifesta-se na reconstituição das proteínas do organismo.



por isso, em casos de anemia, em que é necessário reconstituir a hemoglobina, fornecer ferro, por exemplo, a carne está indicada. Não só fornece estes elementos, como também as vitaminas indispensáveis para o tratamento da anemia. Encontra-se, pois, confirmada a recomendação já velha e recha de que se deve comer carnes não brancas, cozinhadas em vinho tinto.



Também nos casos de cirrose, marcada por aumento da carga de gordura do fígado, a carne está indicada, pois a carne contém um elemento que desempenha importante papel na eliminação desta gordura.

Também o regime rico em carnes é indicado nos casos de debilidade crónica, de convalescença — como seja da tuberculose. Juntemos a estes casos especiais, os corriqueiros da mulher grávida e da criança em período de crescimento.

GANHE 100\$00

(Continuação da 2.ª página)

xo, caso fosse ao contrário haveria muitos afogados em tempo de chuva. Verdadeiramente umiversitário. Quase tanto como a máxima de psicologia, que o sr. Alberto Silva, do Porto, nos manda:

NARIZ — Excitador dos nervos, quando lhe cheira a esturro.

Veja lá quando esse nariz pertence a um funcionário de Alfandega! Lá o diz o sr. Francisco Cantiga:

NARIZ — é o órgão que os funcionários da Alfandega metem nas nossas malas.

Chamar-lhe órgão, é fineza!

Pede-nos o sr. Joaquim Eusébio, de Lisboa, que se ponha a concurso a palavra — Amor. Já foi, meu amigo. Por isso contente-se com esta outra palavra, aliás que se relaciona com a que suzere:

UNHAS

As respostas devem estar em MAGAZINE, Rua Luz Soriano, 44 a 48, até ao próximo dia 21 de Março.

bre-se de que a mistura de cheiros absorvidos por certos líquidos pode estragar tudo.

Nunca guarde as conservas, de-



pois de abertas, nas respectivas latas; é preferível metê-las em recipientes de louça ou vidro, para evitar decomposições, sempre perigosas.

Se não lhe chegam estas rápidas instruções, minha Amiga, pergunte, para saber.



para o prazer

dum bom café

o prazer

da

AGUARDENTE

VELHÍSSIMA



bebe

e torna a beber

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS
MUNDOITER
INTERCAMBIO MUNDIAL
DE COMERCIO, S. A. R. L.
LISBOA * PORTO

AS MONDAS

(Continuação da página central)

rapaz mostrou as suas faces lavadas, fez um adeus quebrado às mondadeiras, cada uma levantou os ombros, sorrindo ao madrugador, que vinha da vila com um cabaz cheio de hortaliças e peixe fresco. Tap, tap, tap, para a retaguarda já a seara ficou limpa e curada. As folhas mexem-se ao sabor da aragem matutina. Até ao rés da ribeirinha, contornando uma extrema, a monda tem de ser feita até ao meio-dia. O manageiro assenta a voz no meio do chão, incitando as mulheres:

«Eh! gente. Depressa. Vaamos!...» Para casamento breve, uma moça só deseja um rapaz pimpão, que tenha bonitos propósitos, maneiras corajosas no trabalho e saiba governar uma casa, com jeito para as encomendas do amor... Venha o Sol e venha a aragem de seda que a Primavera inventa para enfeitar o Mundo!

«Oh! Cizirão! Cizirão!...»

Narinas sorvendo o ar puro da planície, as mondadeiras crescem para as folhas baloiçantes, cheirando a vida vegetal, num afago de pura fantasia feminina. Acodem-lhe á mente as noites de largo, longas e macias, com estrelas a brilhar no varandim do céu.

«Ai, uma cobra!...»

«Menina, que é isso? Tenha lá pena do dicho, que a cobra é amiga das mulheres, o lagarto dos homens. Não tarda muito que não apareça também um tacho cheio de libras de ouro... Então, é que eu quero ser o banzá!»

«Não via a cobra, tio Ricardino?» «Não vi nada, nem cobra nem lagarto. Vossemeças querem reinar com a parceirada e o patrão quer o serviço pronto até ao meio-dia, naquela extrema. E' por isso que paga!»

«Credo, tio Ricardino, não defendas tanto o patrão, que até parece mal!...»

«Eh! gente. Depressa. Vaamos!...» As mondadeiras repontaram murmurios, malhararam os olhos no verde das folhas, que o Ricardino não tinha moleza para lhes arrancar o sacho e mandá-las embora.

O trabalho ao ar livre cria apetite

tes dobrados e dá alegria aos corações. O sacho faz bolhas na palma da mão às mondadeiras mais novas, que vão ficando para trás, e o manageiro aconselha para amanhã, sem falta, entraparem os dedos, que de outra forma a jorna acaba, por mando do lavrador resingão.

Uma moça de faces morenas, olhos de obelisco, mostra os dentes brancos e luzidios, pega num malmequer amarelo, como quem arranca da terra uma virtude ambulante, cheira profundamente a flor, circunwaga a vista pela amplitude serena do escampado e cicia, perto de uma companheira de blusa encarnada: «Sabes, Sabiná? Logo vou descobrir se o Toino pensa noutra rapariga!...»

Arrecada com mil cuidados da



CRONICA

da Rua Humilde

(Continuação da 3ª página)

ela não leva dinheiro! — disse uma vizinha.

— Não leva dinheiro aos da Rua, mas leva aos de fora — voltou o tipógrafo.

— Esses são tão poucos...

Foi então que se deu o golpe de teatro.

O marido da Mariana, que não dissera ainda uma palavra, dirigiu-se á mulher, timidamente:

— O' Mariana... Que te parece? Não vale a pena a gente, hem?

— Muito bem, assim é que é! — gritou o Marcos estivador, antes que a Mariana respondesse.

E a unanimidade foi tão completa que a Mariana não tugi nem mugiu. Aceitou primeiro constrangida e depois conformada a solução proposta pelo marido. O Galego achava que: fora melhor assim, que sempre era melhor do que vir xente de fora...

Abriu uma garrafa de vinho fino. O primeiro cálice foi para a senhora Mariana que não sabia onde esconder o papel almaço.

MARIO CASTRIM

sua mão formosa, a flor ainda viva e rescedente no bolso do avental, tira o chapéu, uf, que calor, o cabelo negro esvoaça ao vento brando. Sacode uma borboleta que lhe veio pousar no colo, uma borboleta multicolor e grandona, que treme de vida — e o sacho torna e retorna a beijar a terra, a enterrar-se junto das raízes mais teimosas, e eis que dois, vinte tremoços bravos se destroem na passagem garrida de um flexível e gracioso braço de mulher.

«Oh! Cizirão! Cizirão!...»

Um cora se levanta a pintar o dia, só uma voz ondulante, mais enternecida que as outras, numa grata aceitação de um mistério rural.

O Sol deu meia volta na horizonte. Passou por cima de uns chaparros, beijando o chão afilto de um esteval largo e comprido, onde se acocila a perdiz e o seu novo ninho. Desperta a cigarra linguareira, repontam pintassilgos. Agora, o Sol dança nas ramagens de um choupo da ribeira de água cristalina e corredora.

No cimo de uma oliveirinha, um casal de melros brincalhões lança para o espaço estrofes de limpida sonancia, melodias reparadas de sentimento, hinos de paz á Natureza inteira.

Mal o manageiro acena o lenço e assobia ao rufo que vem pulando nos silvetais, de língua de fora, contente como o dia maravilhoso, eis que os melros abrem as asas setinosas e ensaiam um voo rápido para o firmamento, escondendo-se na aba de um cabeça, a fartarem-se de amor.

E' quase meio-dia. Crescem as sombras ao rés da ribeira mansa. As moças guardam nos olhos o esforço bendito do seu trabalho, sorriem para a seara pujante — a planície é um quadro de pintura. As moças cheiram os mentratos, o pequenino pão, ainda sem espigas, que brilha ao Sol e ao vento de Março.

Arrefece o entusiasmo da empreitada, os sachos pulam nos ombros das raparigas. Numa corrida, alcançam a berma do carril. A' sombra de três azinheiras espantadas, tiram as tampas dos tarros, vão almoçar.

A. da S.

VERSO E REVERSO DA SEMANA

I

Agora, sim, meus caros, reconheço que não reconhecendo é que andei mal. A palmatória dou a mão, jovial. Reconheço que é rápido o progresso.

Andava cego. E se o perdão mereço, como um castigo o quero. A capital realidade simples e brutal só finalmente me dobrei, possesso.

E não me convenceu o átomo, não o «Náutilus» ovante, o foguetão que há-de ir à Lua, a Marte e às estrelas.

Mas sim esta notícia que me diz: «Foi inaugurado mais um chafariz no próprio coração da Lisboa, em Chelas...»

II

Noticiam, segundo agora vejo na página frontal de um matutino: depois de guerra atômica, o destino há-de poupar sómente um percevejo.

O bicharoco tal, sendo franzino não sofre, em radiações, qualquer cotejo. Só ele viverá, se a Terra o beijo do átomo aceitar, sujo e felino.

Este sonho macabro quem sonhou? Que estranho mecanismo o despertou? Quem da morte promete ao barco a vela?

Junto de mim, na rua, uma criança, ergue à luz uma flor, alegre e mansa... Vá façamos a roda à volta dela.

ALFA

Estou a ouvir o Sousa, os músculos do pescoço endurecidos, os lábios trémulos, voltado para um dos directores.

—Vá o senhor recrutar o pessoal. Isto não é um forno de secagem, é um cemitério.

Claro que a resposta foi dura. Onde estará o Sousa? Esperava que nos escrevesse. O Sousa...

—Senhor engenheiro ponha a máscara.

Os homens tossiam, momento a momento. Fundo negro. Em frente uma pincelada de luz intensa — rubro laranja. Os rostos estão cheios de dedadas pretas que o suor vai riscando. De humano quase que só têm o brilho dos olhos.

—Água na galeria dez!

Skalton já berrou três vezes.

—As bombas.

Voltei-me para o César.

—Desligue os computadores do grupo novo.

Mr. Skalton quis descer. Segurei-lhe a gola do casaco.

—Eu vou. O senhor é mais preciso cá em cima.

Fitou-me e deu á boca um jeito que só podia ser de troça.

Entrei no monta-carga. Havia algum tempo que não me servia dele.

—Isto um dia pára no meio do caminho — disse o mineiro que me acompanhava.

Menti-lhe, procurando convencê-lo da segurança de montagem. Muitas vezes usei deste processo para me arrepender momentos depois. «Sim, é uma monstruosidade o que estou a fazer.

De cabeça baixa, absorvido pelo próprio pensamento, só dei pela chegada, ao fundo do poço, quando a paragem rápida da «gaiola» me fez perder o equilíbrio.

Os mineiros estavam encharcados. As roupas grudavam-se-lhe aos corpos e o barro do encosto dos filões fazia com a água uma lama negra que vestia os homens de uma cor indecisa.

Um dos mineiros, cansado de dar á bomba disse entre dentes:

—E' melhor que os gajos lá de cima venham para aqui para saber o gosto do trabalho.

Outro que levantava uma pedra que impedia o escoamento da água, animado pela voz do companheiro, perguntou:

—Quem me dá outras calças, quem me dá outras botas?

O eco destas palavras foi de encontro ás paredes da galeria e voltou até nós. A pedra era pesada demais para que um só homem a deslocasse.

—Não posso mais!

Olhou o capataz num ar de desafio e o capataz procurou chamá-lo á ordem.

—Já lhe disse que não posso mais!

—Que é isso? — perguntei-lhe rispidamente.

Encostou-se a uma das escoras da galeria. Pensava. Deu um balanço a vida. Deixar o trabalho da mina? Ir para onde? As brocas eléctricas tem em toda a parte o mesmo peso e há lençóis de água em todas as galerias.

Fui ao telefone. Á medida que me afastava dos mineiros, deixavam de distinguir-se as suas pragas do barulho monótono e cansado dos embolos.

—Está? — Liguei ao sr. Skalton.

—Que há rapaz?

—Outra bomba, mande outra bomba para baixo, preciso também de mais homens.

roxas e as mãos frias, de uma frieza chocante. Sorriu, disse algumas palavras que não fui capaz de compreender. Depois, a cabeça, pendeu-lhe para o ombro esquerdo. Respirava a custo.

Lá fora o mesmo choro primário e enervante. Duas mulheres, sentadas a um canto, rezavam. Deu-me vontade de gritar-lhes que se calassem.

Percebi, a certa altura, que o Virgílio me queria falar. Aproximei-me mais. A voz imperceptível, saía-lhe arrastada. Eneverei-me. Não o percebia. Apontou-me a lanterna, que estava pendurada na parede e murmurou, numa voz que parecia um sopro da morte, o nome do Sousa. Apertei-lhe a mão com força, senti a necessidade de dar-lhe um pouco do meu calor. Novo sorriso e a cabeça voltou a pender-lhe. Nos olhos dos homens que esperavam já não havia esperança. Sómente espanto.

* * *

O corpo do Virgílio foi a enterrar. Iamos todos com os olhos no chão. Ninguém falava. Só o secretário da mina, quando o corpo desceu á cova, disse algumas palavras. Uma afronta para os mineiros. Não compreendem outra linguagem que não seja a sua própria linguagem. O Sales calou-se. Sentiu a frieza que o cercava.

Tenho nos ouvidos o bater surdo da terra, ao cair sobre o caixão e, o sorriso do Virgílio, persegue-me por toda a parte.

Um mineiro que morreu... Simples facto a registar na vida da mina. Os «trommers» continuarão a girar, as máquinas nem sequer pararam, nem tão-pouco as «vagonetas» deixaram de correr nos «rails». A outro mineiro serão entregues as suas ferramentas. Que me chamem sentimental, que me chamem o que quiserem... Venham para aqui, assistam ao agonizar lento de um companheiro, ouçam uma mulher gritar a falta que um filho lhe faz, ponham os olhos nesta vida dura que nos faz solidários e depois que falem, se não forem de pedra. Ainda há pouco, ao pegar na lanterna do Virgílio, se me arrazaram os olhos de lágrimas.

Onde estará o Sousa? Não descanso enquanto não o encontrar. A lanterna terá de ser entregue a quem com justiça pertencer, a quem ensinou os mineiros a sonhar com uma vida melhor.

Fim de semana feliz

PARA ONDE VAI AMANHÃ?

Uma vez já me aconteceu dar aqui um conselho infeliz. Foi aquela ocasião em que gabei a excelência dos serões caseiros por influência evidente do nosso muito querido Júlio Dinis. Havia, ao tempo em que escrevi a crônica, um temporal desfeito sobre Lisboa. A chuva tomava todo o ar à sua conta, o céu todo ele uma cisterna sem fundo. Para maior garantia restava o inverno. Com todos esses tranços ao meu dispor, não hesitei um instante sequer na minha. Eis aí a história do meu erro. Erro, porque em vindo sabado soltou-se um destes solis como não há memória de invernos. Logo depois da chuva, uma espeda de sol e depois de alguns dias de calor, o sol voltou a aparecer e entendeu-se que a chuva não era mais que uma simples nuvem de verão.

Vale a pena lembrar o remorso de dar um conselho infeliz, no seu bom senso que é, segundo o filósofo cartesiano, a coisa distribuída entre os mortais com mais equidade. Um passelo que dei à praia nesse domingo — o comboio estava cheio e a praia coalhada de gente — sossegou-me o espírito. Nem sempre os maus conselhos são seguidos, no fim de contas...

Acordei hoje sob o signo de Virgílio: «Audaces fortuna juvat», que todos nós sabemos querer dizer «a sorte favorece os audaciosos».

Reparem só: há três dias que não pára de chover. Parece a resposta à marchinha «Tomara que chova» que aqui há invernos se ajojou como uma carraca nas telefunias lusitanas. O boletim meteorológico dá para amanhã continuação do mau tempo. Amanhã dará continuação do mau tempo par depois de amanhã. E assim por diante.

te. Além disso entrámos em Lua nova com chuva, o que não augura nada de bom...

Pois vou jogar a fundo no menos provável. Vou cortar as voltas ao destino e obrigá-lo eu só, como o campino ao touro, a mudar de rumo. Ná, cometer o erro de um mau conselho como o outro é que nunca mais!

Quando esta crônica lerem faltará uma semana á justa para chegar a Primavera. Isto é, para chegar o milagre...

O que tira um pouco o prestígio a este milagre é nós o termos por favas contadas. Suponham que nunca ouviam falar em flores, em árvores cobertas de sonho; e que um dia, ao acordarmos e ao olhar a paisagem ríspida, a víamos de subito transformada em princesa da história... Que gritaríamos nós senão: Milagre! Milagre!

Pois bem, meu caro leitor, é para a novidade desse milagre que venho despertar-te. Como gostaria eu que ouvisse dirigidas aos teus ouvidos as palavras da salvação a Lázaro: *Levanta-te e caminha...*

Tu sabes que vai por esse Mundo uma aversão declarada às forças desumanas que pretendem lançar o Mundo em catástrofes impiedosas. Evidentemente que ela só terá êxito se todos nós amarmos tanto a vida que nos lancemos em sua defesa porfiada e sem vacilações.

Pois aqui está a raíz do meu conselho para hoje. Agarra em ti e na família toda e vai esperar a Primavera ao caminho. Não importa aonde, a que estação. A um parque, a um jardim, a um monte, a um campo — a qualquer ponto onde um palmo de terra dê campo de aterragem a sementes e a flores.

Vai. Vai e sauda a vida. E diz-lhe em teu nome e no meu, em nome de todos os homens simples, que seja benvinda.

CICERONE

(Continuação da 1.ª página)

cistas citados chegaram á perfeição de doutrinar com tal subtilidade que o leitor comum não desconfia nunca que está sendo doutrinado. A obra é aparentemente gratuita, só aparentemente. Porque o ateu que nela se entranha, não percebe, em geral, que também está empenhado na busca de Deus. E temos aí o escritor, ou melhor, o caçador perfeito, que de um só tiro conseguiu matar dois coelhos: trabalhou em função de uma causa. E atingiu a beleza.

— As suas novelas e o seu romance «Ciranda de Pedra» definem sobretudo comportamentos individuais. Para além desse desvendar dos seres, em pequenos círculos, pensa acaso em dar-nos ainda um grande fresco em que apresente as criaturas de diversos mundos, em suas relações condicionadas pelos factores histórico-económicos, ou seja, com a profundidade de perspectiva do universo épico?

— Creio que não me atirarei em voos para além das fronteiras dos pequenos e incomensuráveis limites psicológicos, quero dizer. Inclino-me sempre para os círculos restritos, e nos quais eu possa mergulhar melhor nos interiores de cada um, lenta e caladamente, na penumbra... Os grandes quadros me fatigam. Em todo o caso, não gosto de dizer «desta água não beberei». Pode ser que venha um dia a tentar escrever, por exemplo, a história do café de São Paulo como o nosso Lins do Rego já escreveu o ciclo da cana de açúcar no Norte.

— Suas preferências nos domínios literário, musical e plástico?

— Meus ficcionistas? Vejamos: Anatole France, Flaubert, Tolstoi, Dostoiévski, Pirandello, Edgar Pöe, Maupassant, Eça de Queirós, Machado de Assis... Musica? Beethoven, Bach, Brahms e apesar de tudo — oh, apesar de tudo! — ainda e sempre Chopin... (Sou uma romântica inveterada, não conte isso a ninguém!) Nas artes plásticas, gosto

de Rodin, Goya, Rafael, Gauguin, Van Gogh, Renoir, Modigliani, Chagall... Citando assim, meio ao acaso, naturalmente terei omitido muita gente da qual gosto muito. Mas paciência, corro o perigo implícito nas citações.

— Estará a literatura do nosso tempo destinada a sofrer uma concorrência ou influência desvirtuante da rádio e da televisão?

— Não, não creio nessa propalada concorrência. Quem tiver que ler «Guerra e Paz» ou «Madame Bo-

um papel importante, um papel importantíssimo na divulgação da literatura, isso sim. Muito livro tem sido comprado devido exclusivamente a certos programas literários de televisão, devido á representação de peças extraídas de romances, devido mesmo á presença do próprio autor em entrevistas; o publico — um publico que em geral não se interessava em absoluto por obras de artes — todo um publico remoto vai entrando num lento mas constante con-

Os problemas da arte dos escritores brasileiros

vary», não irá deixar de fazê-lo por mais atraente que seja um programa de televisão ou rádio. Os leitores serão sempre leitores e os ouvintes, ouvintes... Quem preferir ver uma novela pelo video a ler uma novela de Hemingway, é porque Hemingway já não podia mesmo contar com esse leitor; se ele não ficasse vendo televisão, iria provavelmente ao futebol ou ao cinema, pois para aquele que não tem o hábito e o gosto pela leitura, tudo acaba passando na frente do melhor livro que ele tiver nas mãos. Quanto a influências: creio que a literatura, esta sim, acabará influenciando profundamente na televisão, e isto, para satisfação geral, pois assim evidentemente subirá o nível artístico dos programas. O bom escritor não irá escrever pior só para se adaptar, digamos, ao ambiente intelectual mais modesto de uma rádio. E' claro. O verdadeiro artista não faz concessões. Aqui no Brasil, por exemplo: não se concebe a ideia de nenhum escritor de classe sacrificar sua obra, amputando-a ou «facilitando-a» mais para contentar a um publico mais numeroso e menos exigente. A televisão terá

to com o mundo dos livros. Vai nascendo uma natural curiosidade pela ficção. E dessa curiosidade ao hábito de ler não vai grande distancia. Ainda outro dia, depois de assistir ao capítulo de uma novela extraída de um romance de Dickens, meu filho, que tem apenas cinco anos, veio pedir-me para ler «essa história». Que história? perguntei. «Essa do Davi... E' tão bonita! Você lê ela prá mim?» Tive um olhar para o «tijolão» na prateleira da minha estante. E não pude deixar de sorrir. E' comprida de mais, disse-lhe. Um dia você mesmo vai ler isso tudo, se Deus quiser, se Deus quiser. E completo agora: se ele tiver mesmo que der «David Copperfield», nenhum programa de rádio, por mais fascinante que seja, irá substituir a satisfação que ele há-de ter com essa leitura.

— Que romance gostaria de escrever e não escreveu?

— O romance da adolescência. E gostaria de escrevê-lo depressa, que a adolescência não fique longe de mais, tão longe, que os meus olhos já não possam mais alcançá-la. Gostaria de escrevê-lo agora, já! Mas há ainda outras coisas pela frente...

ULTIMAS NOVIDADES DE LIVROS DO BRASIL

O PAÍS INATINGÍVEL

por ANDRÉ DHÔTEL

O ENCONTRO MARCADO

por FERNANDO SABINO

leia

Próximamente, prepare-se para a novidade:

A VIDA QUOTIDIANA NO TEMPO DE JOANA D'ARC

por MARCELIN DE FOURNEAUX



VIVEMOS em regime de trabalho intenso. O filão aumentou de grossura e a percentagem de saída atingiu um máximo inesperado. Da administração pedem-nos minério, minério, só minério. Do laboratório queixam-se da rapidez dos processos, afirmam que os resíduos vão carregados de metal util. Ninguém está contente com os processos impostos.

Amanhã é dia de embarque. Trabalho demasiado para os homens, trabalho demasiado para as máquinas. Desconfio de uma das engrenagens de um «trommer». Deve partir-se e os motores estão todos a puxar cargas superiores á sua força. Ouço-lhes as descargas. Rápidas demais. Tem o seu quê do coração de um homem intoxicado. Os operários movem-se rapidamente e no fundo das galerias as vagonetas andam num vai-vem frenético. Tremem os vidros das janelas, guincham os cabos dos monta-cargas. Vamos ligar um grupo que estava á experiência. Mr. Skalton percorre as secções e indaga aqui e além do rendimento das máquinas e dos homens. Várias vezes o vi olhar de soslaio para as transmissões.

Aproximei-me e perguntei-lhe porque não tinha trazido o «kodak».

— Para quê?

— Faria um bom instantâneo na altura em que isto desabasse.

— Sempre pessimista, rapaz.

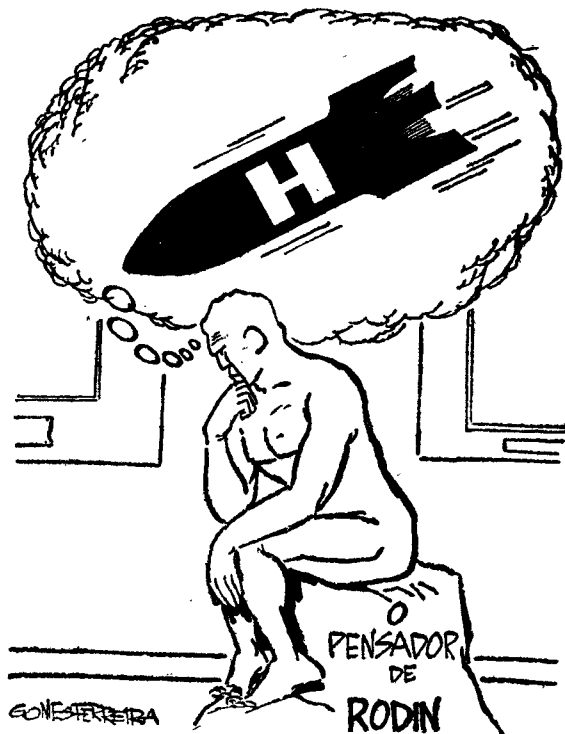
— Engana-se. O que não sei é improvisar. Estou farto disto tudo.

Skalton vai ao telefone. Pergunta para o sub-solo se a grossura do filão se mantém. Faz nova ligação. Berra.

Electricista! Leve os condutores até ao fundo da galeria oito. As brocas eléctricas não podem parar.

Perco o azedume, sinto-me contagiado. Não, sentimo-nos todos contagiados: os mineiros que vão deixando atrás de si os blocos negros da pedra do filão, o Mota porque os classificadores dão conta de si. Belas máquinas. Há cerca de um ano que as suas pás se movem sem cansaço, sem a mais pequena avaria.

O forno de secagem está a render mal. A' chaminé falta-lhe tiragem, á oficina falta-lhe ventilação. Sempre julguei, na questão da secagem que o Sousa defendia uma instalação impraticável. Ele tinha razão. Isto não é um forno, é uma ratoeira.



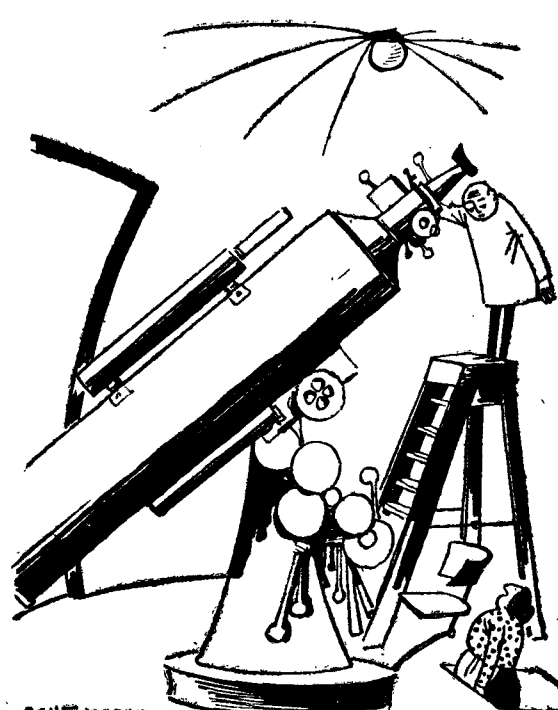
— Apre, que tu és teimoso !... Já te disse que o bife é de porco, não é de vaca !...



— Vês ?!... Eu bem te dizia para não o deixares ler esses livros de ficção científica !...



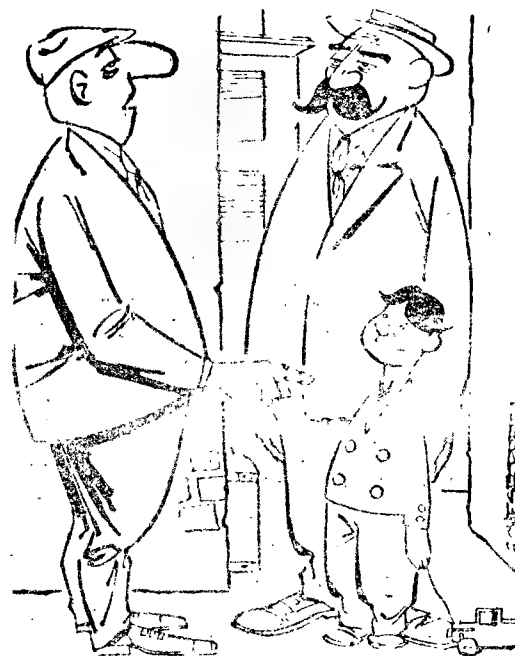
— ... E neste momento solene...



— Não, ainda não, vem lá o padeiro !...



— Maria, viste onde é que eu pus a pastilha elástica ?...



— É o teu filho ?...

MANEIRAS DE PENSAR-2

A necessidade de auxílio técnico e científico aos médicos rurais

e os serviços de urgência dos grandes centros

pelo dr. Acácio Alberto de Abreu Faria

Com as normas actuais, os cursos médicos auxiliares para post-graduados deveriam ter obrigatoriamente, como complemento necessário, lógico e indispensável, a sua projecção imediata, a nível regional ou outro, conforme as circunstâncias, pelo auxílio técnico e científico que, directamente, e «in loco», nos fosse prestado por profissionais médicos, especializados ou não, ajudando-nos sempre a estudar e a procurar a melhor maneira, sem tolas e dispendiosas improvisações nossas, de escolher os meios de pôr em prática, compatíveis, normas de auxílio, actualização ou de aperfeiçoamento, que nos foram ensinadas.

De muitas maneiras se poderá atingir esta finalidade prática, mas analisemos, primeiramente, algumas facetas de tão alicante problema.

É evidente que, pelo menos no sistema actual de aperfeiçoamento, os médicos têm de deslocar-se para os grandes centros ou para os centros melhor dotados, a fim de frequentarem esses cursos.

Mas, repare-se bem: com a deslocação de cada médico, não fica sempre para trás um perfeito sentido de integração deste, na vida e no meio em que trabalhava?

Não fica, também, para trás, com a nossa clínica diária, a ajuda duma responsabilidade, duma certeza e dum interesse inigualável, no verdadeiro sentido, que são, para cada um de nós, os nossos doentes, o nosso doente!

Fazer as malas para ir frequentar um curso, não equivalerá, tantas vezes, a uma fuga ao trabalho insano que nos é exigido no cumprimento dos nossos deveres quotidianos?

É se o regresso, o desfazer das malas, não trouxeram mais um motivo justificado, prático ou deontológico, a projectar-se, como sinal de verdadeiro aproveitamento, na vida das instituições locais e na sua própria, profissional, valeu a pena a cansaça de tantos, o dispêndio do Estado ou de certos organismos, e, quantas vezes, o nosso próprio sacrifício?

E os horários, e a dispersão dos assuntos e dos lugares!

Numa fuga constante contra o tempo, lá vamos nós, dum lado para o outro, quase sem nos ficar tempo para ler, meditar e estudar, e nalgumas preleções, com receio de importunar, sem tempo para perguntar ou argumentar!

É certo que, mesmo assim, ainda há preletores e preleções que nos encham de satisfação pelo alto sentido prático de afeiçoamento a aquele nível de que nós tanto necessitamos, sendo, a um tempo: brilhantes, pela clareza dos seus conceitos e das suas deduções; práticos, por visarem, essencialmente, um sentido utilitário ao nosso nível, e, largamente compreensíveis porque, além do mais, integram a matéria versada num conceito geral e actualizado da matéria em causa!

Mas, estes e estas, não são dos mais frequentes.

Assim, a permanência dos médicos sempre ou quase sempre no mesmo lugar de trabalho durante toda a duração do curso, com instalações próprias para trabalhar, estudar e meditar, comer e dormir, trariam a maior importância ao êxito destes cursos.

*

Claro está que, o médico rural, é um principiante no verdadeiro sentido de actualização de normas e de princípios que, doutra maneira, não teria ocasião de aprender; mas não é um principiante que, acabado de sair dos bancos da escola, não tenha já dado as suas provas e a quem são, diariamente, na sua vida profissional, pedidas contas pela sua acção na multimoda e absorvente prática da clínica rural!

Por isso, estes clínicos rurais, não podem, em minha pobre opinião, tomar-se nem ensinar-se como estudantes rasos e acabados de sair dum curso superior!

Ora, é isto que, me parece, não tem sido suficientemente valoriza-

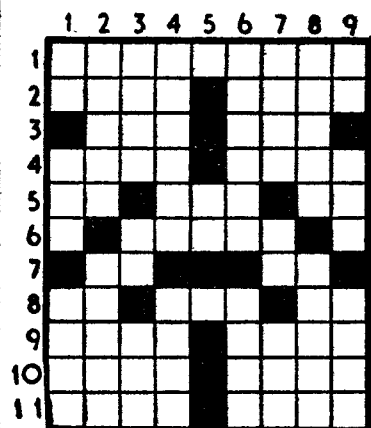
do quando se trata de actualizar o médico rural, sendo este elemento tão importante que, sem ele, será difícil que um verdadeiro sentido de actualização possa ser, eficazmente, encarado e tratado.

Mas isto, não é apontado pelo facto do médico rural ser muito pouco competente, entenda-se bem; mas, simplesmente, pelo facto de, tendo passado já alguns anos na prática da medicina rural e tendo apenas a guiá-lo a muita «experiência» e uma «intuição», bem mais do que aquilo que lê e medita, se ter tornado, sem desprezar as regras fundamentais da medicina ecuménica e mercê do hábito, da rotina e do ostracismo a que tem sido votado, num «concedor activo», profissional de acção e eminentemente prático!

E se fôssemos capazes de afeiçoar esta maneira de ser, pelo menos, nos que já têm tantos anos de trabalho, ao sistema de actualização que se propõe ministrá-lhes? Seria asneira? Suponho que não! Ora, vejamos.

O Serviço de Urgência dum grande centro, com todas as suas dependências e serviços auxiliares — admissão ordinária e urgente de doentes, grande, média e pequena cirurgia de urgência com tudo quanto de inesperado e variado que

Palavras cruzadas

(COM PROVERBIO)
Problema n.º 1534

HORIZONTAIS: 1—Confirmar. 2—Um dos antigos poetas latinos. Macaco. 3—Preposição. Nome de homem. 4—Contrata casamento. Pássaro fissirostro. 5—Pertences. Terceiro. O sono das crianças. 6—Molusco acéfalo. 7—Abreviatura, nas receitas médicas de quanto basta. Antes de Cristo. 8—Símbolo químico do ouro. Santo. Artigo definido. 9—Substância filamentosa produzida pelo sirgo. Cabra mocha. 10—Nome de homem. Elevado. 11—Partes. Monarca.

VERTICAIS: 1—Pronome reflexo. Atmosfera. Pegas. 2—Nádegas. Permanece. 3—Ninhos. Rio da Rússia. Oferece. 4—Ingerir alimentos. Saudáveis. 5—Abreviatura de item. 6—Deixar de mencionar. Califa que mandou incendiar a biblioteca de Alexandria. 7—Mogo. Em partes iguais. Olá! 8—Electrôdio positivo. Artista lírico italiano que teve grande aura no tempo de D. João V e D. José. 9—Batráquio. Preposição e artigo (pl.) Ilesos.

Resolheu completamente este problema?

Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inserido.

Solução do problema n.º 1533
HORIZONTAIS: 1—Hora. GADO. 2—Eco. Reu. 3—Raiho. 4—DE. Rio. 5—Ando. Rara. 6—Tolhera. 7—Urna. BICO. 8—NAO. FAZ. 9—Ti. Pia. Só. 10—Sacra. 11—Sor. O. Ave.

VERTICAIS: 1—Herda. Untos. 2—Oc. Entrai. 3—Ror. DONO. Sr. 4—Arola. Pá. 5—Al. RICO. 6—Horeb. Ar. 7—Aro. Arif. Aa. 8—De. Traças. 9—Ouvia. Uzone.

Provérbio: GADO DE BICO NAO FAZ O DONO RICO.

chega ao «balcão», quer do foro geral quer do foro das especialidades, salas de S. O. S., laboratório, anestesia, reanimação, transfusões, radiologia, serviço social e administrativo, enfermarias do banco, etc., — com instalações próprias para residir, preleccionar e estudar, não seria o lugar ideal para, por si e em relação obrigatória com outros núcleos essenciais do ensino médico, satisfazer os requisitos fundamentais, em condições bem determinadas, de prover, como núcleo axial, continuamente à actualização do médico rural!?

*

Com que saudades êvoco os tempos em que frequentei a cadeira de Bacteriologia da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, ou, como Interno, o Serviço de Urgência do Banco do Hospital de São José!

Foram, sem dúvida, as duas «frequências» que, pelo seu interesse prático e construtivo, nunca mais deixaram de estar presentes na minha lembrança, tão grande foi o alcance de que ambas se revestiram para mim!

É verdade que, a Bacteriologia, foi regida e orientada por personalidades que, ao ensino universitário, dedicaram o melhor do seu esforço e da sua preclara visão e inteligência, como os saudosos profs. drs. Aníbal de Bettencourt e Pereira da Silva; e, no Serviço de Urgência dos Hospitais Cívicos de Lisboa, passaram directores como o prof. dr. José Gentil, que, depois dum dia de trabalho de cada equipa, chamava e reunia, em amena conversa e na presença de todos, cada um dos seus componentes, a fim de se fazer, ali, a crítica compreensiva e justa de quanto tinham feito ou visto nesse dia de trabalho.

Já não sou desse tempo, mas creio, sinceramente, que muito se poderia fazer a esse respeito nas bases que aponto; é que, o Banco dos Hospitais Cívicos de Lisboa, verdadeira escola de equipa e de elevado sentido de educação profissional, mereça da competência dos que aí trabalham, da quantidade e qualidade dos seus serviços técnicos e científicos, poderia servir, admiravelmente, para nós, de núcleo axial e polarizador do maior sentido prático de actualização de novos e velhos.

Tudo quanto a cirurgia ou a medicina de urgência dum grande centro trazem até nós, durante um certo tempo e num ritmo indescritível, pertence ou não a todos os capítulos da medicina; e, em cada capítulo, tem ou não o interesse constante duma acção rápida, prática e imediata ajudando-nos sempre a, por nós, próprios, termos de tomar, em pouco tempo decisões sérias que, dando-nos inteira responsabilidade, nos estimulam e ajudam a prosseguir, embora a sós e dentro das maiores privações e dificuldades!

Não será este um dos Serviços que, por excelência, ajude a marcar em todos nós que no nosso labor diário temos de tomar contacto com todos os problemas médicos e cirúrgicos de urgência, sejam eles quais forem, mais do que uma conduta técnica ou clínica, mas uma atitude espiritual digna quando informada pela firmeza duma ética e deontológica profissionais.

E, não vincaria em cada um de nós, durante essas semanas de trabalho diário, permanente e obrigatório, estudando, aprendendo e meditando no próprio local, além do mais, a importância extraordinária e o relevo que, em cada centro pequeno ou grande, próximo ou longínquo, ocupam todas as situações de urgência na nossa actividade médica diária, mostrando-nos como, em toda a parte, podem e devem ser encaradas as medidas de urgência imediata, cuja falta empobrece hoje, escandalosamente, a possibilidade de decisões rápidas, oportunas e inadiáveis, que tantas vidas ajudariam a salvar!

Procurar actualizar os conhecimentos médico-sanitários de alguém que exerça a medicina nos campos, segundo as normas e o sentido actual, sem, complementar e paralelamente, na medida do possível, dar actualização técnico-científica e, até, deontológica ao que, de essencial, nos foi ensinado, ou seja, sem se estudar e ajudar a implantar em cada meio, as condições necessárias e indispensáveis à evidência e aplicação de preceitos técnicos ou de normas de actualização aprendidas, é, não só, não reconhecer o fim último e máximo dessa actualização, mas, ainda e também, ajudar a empobrecer o meio por que se empobrece o médico no triste sentimento da pobreza de meios, levando-o à descrença e ao desanimo!

Mosaicos de Ravena

A propósito do magnífico calendário que, para 1957, a benemerente Casa Olivetti, de Ivrea, distribuiu, como brinde, à sua clientela, ilustrado com maravilhosas reproduções a cores, de tópicos de alguns dos mais afamados mosaicos das velhas igrejas de Ravena — «escrinio sem par da arte paleocristã» — tivera eu ensejo de referir à minha constante devoção, desde há mais de trinta anos, pelos mosaicos de Ravena a que o acaso um dia me levava através das páginas do breviário de Gerspach. Recordando pacientemente desde então quantas notícias, informes e estampas têm vindo a surgir ao meu alcance, foi o assunto constituindo uma das minhas especialidades culturais desportivas, nesta nossa futebolica terra em que não sei se alguém se encontrará que tenha sido atacado da mesma vesania...

...Como mero dileteante, os meus esforços, dispersos e casualíssimos, têm-se porém coordenado, indo sempre corroborando-se e completando-se, por forma tal que, se já tivesse tido a fortuna de ir à velhíssima cidade ravenata, creio bem que andaria por lá quase com a mesma familiaridade com que ando aqui pelo meu burgo natal, e apreciaria com mais consciência e compreensão aquilo em que meus olhos se demorariam, do que o faz o turista que passa os olhos sobre o que se lhe depara... (é sempre o: tu não me procurarias se não me tivesses encontrado...).

Quando em 1947 se me apresentara o ensejo de ir à Suíça, na caravana das Jornadas Médicas, o meu verdadeiro dito — além de Schelling em Ragaz e ainda o Nietzsche em Sils Maria, era a Itália: Ravena sobretudo e, para lá de Veneza, ao fundo da laguna, aquela solitária ilha de Torcello que fica letra morta para o vulgo turístico, mas onde se encontram vis-avis, numa pequena igreja, dois dos mais espantosos mosaicos que haverá em todo o Mundo... Porém uma estupendíssima greve ferroviária francesa, interposta, e de dia a dia cada vez mais avolumada pela imprensa aldrabona, forçou-me a desistir, acabando o fecho do meu itinerário de retorno num voo por sobre a França, em aviãoeta da Swissair que me depôs em Barcelona na feira internacional onde peregrinei umas horas sem interesse...

Por *Les Nouvelles Littéraires* venho casualmente a saber da exposição de Mosaicos de Ravena, em Paris, na Primavera de 1951. Na impossibilidade de a visitar, lembrei-me de perguntar ao velho mestre e sempre queridíssimo amigo prof. dr. Reynaldo dos Santos se a exposição, itinerante ao que parecia, pela Europa, circularia por Lisboa; e não me esqueço da sua pronta resposta: que era mais fácil eu ir lá do que ela vir cá!... Assim, e pelo obséquio solicitado ao amigo dr. Pierre Hourcade, tive de me contentar com o excelente catálogo de que fiz uma peça de estudo, que, muito valiosa positivamente, esquadrinhei, a incorporar os seus actualíssimos dados de toda a ordem na já bola de neve da minha erudição de dileteante...

Longíssimo estava porém agora de esperar que a Lisboa viessem os musivos painéis, réplicas perfeitíssimas das obras-primas ravenatas. Foi assim, de chofer, que por pessoa de família a notícia me chegou, e por um amigo, conhecedor da minha devoção, me é oferecido o catálogo logo a seguir à inauguração em 25 do corrente... Parece que a tal respeito o silêncio da imprensa lisboeta tem sido quase sepulcral... E ao que me disseram, apenas a Rádio a anunciou, e a Televisão deu umas imagens do acto inaugural...

A julgar pelo catálogo desta ex-

posição de Mosaicos bizantinos de Ravena, pelo Instituto Italiano de Cultura em Portugal no Secretariado Nacional da Informação —, conforme leio no exemplar que tenho presente — vejo que se trata, afinal, da mesma exposição (que felizmente cá acabou por vir, mais facilmente do que eu lá fora...) E felizmente também que não perdi com a demora, pelo contrário, pois que os 58 painéis de Paris se encontram agora elevados a nada menos de 73, substancialmente os mesmos, com ligeira eliminação de alguns de menor interesse, mas enriquecimento por muitos outros de maior valia —, segundo o estudo comparativo que já fiz com o catálogo parisiense.

Vejo também que é o mesmo dr. Giuseppe Bovini, inspector superintendente dos monumentos de Ravena, quem doutamente nos instrui acerca dos painéis apresentados e da arte musiva ravenata em particular. E, por isto mesmo, é que nunca poderia eu considerar da sua responsabilidade — (e comprovadamente pela discriminação indispensável que naturalmente faz, com perfeito conhecimento de causa) —, o título que alguém, subordinado (de cá ou de lá...), em todo o caso lamentavelmente insipiente, pôs no duto catálogo (sem falar já de outras pechas como: *testa*, por duas vezes a querer dizer *cabeça*...).

É felizmente a Exposição um panorama bem representativo da arte musiva de Ravena na sua sequência histórica: o período fundamental romano-ravenata, o período estrogótico ariano, o período bizantino derradeiro.

Por outras palavras e mais explicitamente: começa o mosaico em Ravena como uma modalidade regional do mosaico romano tradicional; toma depois função e carácter próprios: ravenata puro no Império ainda indiviso, e ainda no Império já barbarizado com Teodorico e seus descendentes; e só, finalmente, sob o domínio bizantino, o carácter passa a ser outro. Todavia, dir-se-á, a influência de Bizâncio, e-la já infiltrada; mesmo soberana, desde antes da vinda dos Barbaros, conforme o mausoleu de Galla o comprovava á maravilha...

Ora precisamente *that is the question*... E outra peça do processo, mais decisiva porventura, tê-la-íamos na basílica estrogótica ariana do Salvador, catolicizada em Basílica de S. Martinho, e assim bizantinizada, abrigando agora as relíquias de Santo Apolinário, sob o nome de Igreja de Santo Apolinário, o Novo.

Se os mosaicos de S. Vital são especificamente bizantinos, quão longe de qualquer bizantinismo estariam os da basílica ursiana dos séculos IV-V, cuja influência teria sido, porventura, soberana até ao século XVIII da sua desastrosa destruição. E terço carácter bizantino os dos séculos XII de que nos dão idela os dois painéis, expostos agora e que Paris não viu em 1951?

Tenciono ir ver a Exposição por estes dias, mais próximos, á cautela —, pois não me consta ainda até hoje, 28, pela grande imprensa, preocupada decerto com coisas mais instantes e graves, quando se encerrará. Assim, *vedremo e dopo parleremo*.

Em qualquer caso, atrevo-me a sugerir á Televisão que, para quem não pode ir a Lisboa, fosse dando em dias sucessivos, com as devidas notas instrutivas, todos os 73 painéis. Seria esta uma meritória obra cultural que decisivamente a redimiria de todos os pecadilhos e, por si só, teria bastado a justificar entre nós a sua existência...

FRANCISCO FERNANDES LOPES

POLICLINICA DA RUA DO OURO

ENTRADA
RUA DO CARMO, 98-2.º

Dr. Amaro d'Almeida — Medicina, coração e pulmões — As 18 horas.
Dr. Coelho de Castro — Cirurgia, ossos e articulações — As 18 horas.
Dr. Miguel de Magalhães — Rins e vias urinárias — As 13 horas.
Dr. Romão Loft — Doenças nervosas, electroterapia — As 14 horas.
Dr. António Ferrão — Doenças nos olhos — As 14 horas.
Dr. Fernando Vasconcelos Dias — Estomago, fígado, intestinos e doenças anorectais — As 18 horas.
Dr. Mário Jacquet — Fisioterapia — As 16 horas.
Dr. Casimiro Affonso — Doenças das senhoras e operações — As 15 horas.
Dr. Gonçalves Coelho — Doenças das crianças — As 18 horas.
Dr. Pinto Bastos — Boca e dentes, prótese — As 10 horas.
Dr. Luis Malheiro — Pele e sífilis — As 3.ª, 5.ª e sábados, das 14 às 16 e 30 h.
Prof. Dr. Alex Saldanha — Raios X — As 16 horas.
Dr. A. de Barros Simão — Garganta, nariz e ouvidos — As 16 horas.

LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO

ANTOLOGIA DO CONTO POLICIAL

LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO * LEITURA DE SABADO

Na pequena sala onde crepitava o fogo na lareira, pois, lá fora, a noite estava fria e húmida, pai e filho jogavam o xadrez, ao mesmo tempo que uma senhora idosa, de cabelos prateados, trabalhava placidamente no seu tricô.

—Não podia imaginar que ele aparecesse esta noite! — disse o senhor White.

—Pois aí vem! — exclamou o filho, Herbert, enquanto o ruído dos passos aumentava em direcção á porta.

O velho ergueu-se, com hospitalar solicitude, dirigiu-se para a entrada e voltou com um homem alto e corpulento.

—O sargento-ajudante Morris! — disse —, apresentando-o á mulher e ao filho.

O recém-chegado estendeu-lhes a mão e, puxando da cadeira que lhe ofereceram junto do fogo, ficou a observar com visível satisfação os movimentos do senhor White, que preparava alguns *highballs*.

A terceira dose, já com os olhos brilhantes, começou a falar; e á medida que ia narrando aventuras, guerras, epidemias e evocando povos estranhos, o pequeno conjunto familiar tomava crescente interesse pelo viajante de terras longínquas.

—Que é que você ia começando a contar, outro dia, sobre a mão de um macaco? — perguntou-lhe o senhor White.

—Não era nada! — respondeu o soldado, esquivando-se —. Uma coisa-á-toa... nada que valha a pena ouvir...

—Mão de macaco? — indagou, cheia de curiosidade, a senhora White.

—Bem! será aquilo a que a senhora poderia talvez chamar magia — voltou logo o homem.

Os três ouvintes inclinaram-se, interessados, para ele, que ia rememorar nos bolsos do casaco.

—Podem ver? — acrescentou, tirando uma coisa da algibeira —: É apenas uma pequena mão de macaco, que foi mumificada!...

A senhora White recuou com aspecto de assombro, mas o filho examinou a coisa atentamente.

—E para que serve isto? — inquiriu o senhor White.

—Foi enfeitada por um velho faquir da Índia — explicou o sargento-ajudante —. Ele queria provar que a fatalidade domina a nossa vida e aqueles que procuram modificar o próprio destino acabam por se arrepender. Enfeitou a mão do macaco para que três pessoas diferentes pudessem realizar, cada uma por sua vez, três desejos! Tão estranha era a sua maneira de falar, que o sorriso se esvaia nos lábios dos ouvintes.

—Por que não formula, então, três desejos? — interrogou Herbert White.

O militar encarou-o com o jeito peculiar ao homem experiente que defronta a insensata ousadia da mocidade:

—Já formulei! — disse tranquilamente, mas empalidecendo-lhe, de súbito, o rosto.

—E os três desejos foram realmente satisfeitos? — quis saber a senhora White.

—Foram! — respondeu o soldado, com os fortes dentes a baterem no copo.

—E alguma outra pessoa formulou, também, os três desejos? — insistiu a senhora.

—O primeiro realizou os três desejos! — foi a resposta —. Não sei em que consistiram os dois primeiros pedidos, mas o terceiro era para morrer... Por isso é que o talismã veio parar ás minhas mãos!

Havia tal emoção na gravidade da sua voz, que caiu sobre o grupo um silêncio esmagador.

—Se já viu satisfeitos os três desejos, Morris, o amuleto não lhe serve para mais nada! — observou o velho, ao fim de alguns momentos — Por que o guarda ainda?

O visitante meneou a cabeça e disse, falando vagarosamente:

—Talvez por capricho! Tive, realmente, a ideia de vencê-lo, mas penso que o não farei. Já causou muitas desgraças!

De repente, atirou a mão do macaco para o fogo. O senhor White, saltando uma exclamação, baixou-se para a lareira e salvou o amuleto.

—É melhor deixar que se queime!... — interveio o militar.

—Se não o quer, Morris — disse o velho —, eu fico com ele!

—Eu não o quero! — afirmou o

ta... — disse Herbert, levantando-se da mesa.

A mãe riu e acompanhou-o até á porta. Contudo, ainda naquele dia, quando, mais tarde, o casal estava á mesa para almoçar, a atenção da senhora White foi atraída pelos misteriosos movimentos de um homem, que, lá fora, espreitava para a casa, meio vacilante e como indeciso se devia entrar ou não. Ligando, mentalmente, a presença do desconhecido ás duzentas libras, notou que ele estava bem vestido e trazia um chapéu novo em folha. Três ve-

—A mão do macaco! — gritou a mulher, exaltada —. A mão do macaco!

Ele levantou-se, alarmado.

—Onde? O que há?

—Eu quero-a! — exigiu ela —. Não a destruíste pois não?

—Está na sala de visitas! — disse ele, meio pasmado.

Ela ria e gritava ao mesmo tempo.

—Só agora é que me lembrei — voltou com histérico nervosismo — dos dois outros desejos... Só formulámos um!...

—E não chega? — perguntou ele, abruptamente.

—Não! — gritou ela, triunfante —: havemos de ter mais um! Vai lá a baixo apanhá-la e pede que o nosso filho torne a viver!...

O velho sentou-se na cama, com o corpo descoberto, a tiritar:

—Meu Deus! você está louca!

—exclamou, horrorizado. Depois, riscou um fósforo e acendeu a vela.

—Vai buscá-la! — repetiu a mulher, ofegante —. Vai buscá-la depressa e formula o desejo! O nosso primeiro desejo foi atendido; por que não há-de acontecer o mesmo com o segundo?

—Coincidência! — gaguejou o velho.

—Vai buscá-la e faz o teu pedido! — gritou ela, empurrando-o para a porta.

O velho desceu no escuro e, tateando, encontrou o caminho para a lareira. Lá estava o talismã no seu lugar. Apossou-se dele um medo horrível de que o desejo ainda não declarado colocasse á sua frente o filho mutilado, antes de poder sair da sala.

Quando voltou ao quarto, as feições da mulher pareceram-lhe alteradas e, tomado de pavor, entrevia olhares desvairados. Teve medo dela.

—Pede — gritou-lhe a mulher.

—E' uma loucura e uma fraqueza — titubeou o velho.

—Exprime o teu desejo! — insistiu ela.

O marido, erguendo a mão:

—Desejo que o meu filho torne a viver!...

O talismã caiu no soalho, e o velho olhou-o arrepiado. Então, a tremor, mergulhou na poltrona, enquanto a mulher se dirigia á janela, para abrir as persianas. O velho continuou sentado, cheio de calafrios, olhando vagamente para a figura da mulher que espreitava através da janela. O coto da vela, continuando a arder, embora já tivesse desaparecido no castiçal, projectava sombras estranhas e vacilantes nas paredes e no tecto, até que se apagou. Com um indizível sentimento de alívio pelo malogro do talismã, arrastou-se para a cama; e, poucos minutos depois, a velha deitava-se ao seu lado.

Nenhum deles falava, mas ambos escutavam, inquietos, o tic-tac do relógio. A escada rangeu e, na opressiva escuridão, ficaram em angustioso sobressalto. Ouviram, então, bater á porta da frente.

—Que é isto? — gritou a mulher, precipitando-se da cama.

Bateram outra vez, e o eco alarmante ressoou pela casa silenciosa.

—E' Herbert! — exclamou ela —. E' Herbert!

Correu para a porta do quarto, mas o marido estava á sua frente e, agarrando-a por um braço, segurou-a com firmeza:

—Que é que vais fazer? — murmurou ele, rudemente.

—E' o meu filho! é o Herbert!

—gritou ela, debatendo-se —. Esqueci-me que o cemitério fica a três quilómetros. Tenho de abrir a porta!

—Por amor de Deus, não o deixes entrar! — implorou o velho.

—Estás com medo do teu próprio filho? — vociferou a mulher, debatendo-se —. Solta-me!... Já lá vou, Herbert! já vou!...

Ouviu-se bater, de novo, e ainda outra vez.

A velhinha, num movimento brusco, conseguiu libertar-se, correu pelo quarto e lançou-se pela escada. O marido ouviu ranger a trancada na porta, girar a lingueta da fechadura e a voz da mulher, tensa e ofegante:

—O ferrolho de cima... Não posso alcançá-lo!...

Entretanto, no quarto, o velho, curvado, apalpava nervosamente o soalho, á procura da mão do macaco —. Se ao menos pudesse encontrá-la antes que aquele que estava lá fora conseguisse entrar! — Uma verdadeira rajada de pancadas na porta repercutiu por toda a casa, e ele sentiu a mulher arrastar uma cadeira para chegar ao fecho. Escutou ainda o lento ranger do ferrolho já a recuar, no próprio momento em que ele encontrava a mão do macaco. Formulou, então, freneticamente, o seu terceiro e ultimo desejo.

Pararam, repentinamente, de bater, antes mesmo que o seu eco terminasse dentro da casa. Ele ouviu a porta abrir-se. Um vento gelado enfiou pela escada. Em baixo, um profundo e imenso suspiro de desapontamento deu-lhe coragem para se aproximar da mulher e prosseguir, depois, até o portão diante da casa.

Em frente, do outro lado, o candeeiro da iluminação dardejara os seus lampejos sobre a estrada deserta.

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

AVISO

Concurso para a adjudicação da exploração da Cantina da estação de Abrantes

CONDIÇÕES

1.º — Até ás 16 horas do dia 31 de Março de 1959 esta Companhia aceita propostas para a exploração da cantina da estação de Abrantes, pelo período de cinco anos, prorrogável sucessivamente por períodos de um ano.

A base de licitação é de 2000000 por ano. A cobrança da importância anual da adjudicação será feita, adiantadamente, por trimestres.

2.º — Não se aceitam propostas subscritas por mais de um indivíduo ou por mais de uma firma.

3.º — Os concorrentes efectuarão em qualquer estação desta Companhia o depósito de 200000.

Não será restituído o depósito do concorrente a quem for feita a adjudicação e que dela desista.

4.º — Todas as propostas serão feitas em carta fechada dirigida ao Serviço Comercial e do Tráfego da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, Largo dos Caminhos de Ferro, em Lisboa, acrescentando-se áquela endereço, no invólucro, o seguinte:

«Proposta para a exploração da Cantina da estação de ABRANTES»

5.º — Serão consideradas nulas as propostas que não tenham em conta as condições anteriores e que não indiquem expressamente a importância oferecida á Companhia pela concessão durante cada ano.

6.º — A Companhia reserva-se o direito de proceder a licitação verbal entre todos ou apenas entre alguns dos concorrentes.

7.º — A Companhia reserva-se, também, o direito de rejeitar todas as propostas, se assim o julgar conveniente.

8.º — A adjudicação será feita a quem maiores garantias der á Companhia, independentemente da anuidade oferecida.

Para este efeito, a Companhia reserva-se o direito de exigir dos concorrentes a comprovação da sua idoneidade para gerir e manter a exploração em concurso, quer mediante a apresentação de documentos, quer por qualquer outra forma que a Companhia julgue conveniente

9.º — A adjudicação dará lugar ao estabelecimento de um contrato entre a Companhia e o concessionário, em conformidade com a minuta que os interessados poderão consultar na estação de ABRANTES ou no Serviço Comercial e do Tráfego da Companhia, em Lisboa (Largo dos Caminhos de Ferro).

Lisboa, 3 de Março de 1959

O CHEFE DO SERVIÇO COMERCIAL E DO TRÁFEGO

Carlos de Albuquerque

O estranho feitiço da mão do macaco

amigo, com rudeza —. Mas depois não se queixe de mim pelo que venha a acontecer!...

O senhor White examinou o estranho objecto e consultou-o:

—Como é que se faz?

—Levante-a com a mão direita e manifeste o desejo em voz alta — indicou o sargento-ajudante. Mas volte a preveni-lo das consequências!...

Quando a porta se fechou, á saída do visitante, o senhor White ti-

zes o forasteiro parou diante do portão sem entrar. Depois, numa subita resolução, levando a mão ao fecho, abriu-o e encaminhou-se para a entrada da casa.

Parecia inquieto e olhava furtivamente a sala.

—Pediram-me que os procurasse — explicou, por fim, curvando-se para tirar das calças um fiapo de algodão —. Venho da parte de Maw & Meggins.

A velha ficou em angustioso sobressalto.

—Aconteceu alguma coisa? — per-

NARRATIVA

de

William Wymark Jacobs

rou do bolso a mão do macaco e olhou-a com ar de dúvida.

—Nem sei mesmo o que eu gostaria de pedir! — comentou pausadamente.

—Se liquidasses as dívidas da casa, ficarias muito feliz, pois não ficarias? — insinuou Herbert, pondo a mão no ombro do pai —. Pega, pois, duzentas libras, e com esse dinheiro fica o problema resolvido!

Sorrindo contrafeito da sua própria credulidade, o senhor White ergueu o talismã:

—Desejo duzentas libras! — disse claramente, mas logo soltou um grito de arrepiar.

A mulher e o filho correram para ele, que bradou:

—A mão moveu-se!... Assim que formulei o desejo, senti que se torcia como uma cobra!...

Sentaram-se ao pé da lareira, enquanto os dois homens acabavam de fumar os seus cachimbos. Lá fora, o vento uivava mais enfurecido e o velho estremeceu ao ouvir bater uma porta no andar de cima. Os três mergulharam num silêncio estranho, opressivo, que só foi interrompido quando o casal se levantou para se recolher.

—Faço votos para que encontres o dinheiro, lá em cima, dentro de um grande saco, no meio da cama — troçou Herbert, ao dar as boas-noites — e alguma coisa horrível a olhar para ti, do alto do guarda-roupa!...

Na manhã seguinte, á mesa do pequeno almoço, dorida pelo luminoso Sol de Inverno, todos se riram dos temores da véspera. A mão do macaco, suja e enrugada, atirada sobre a prateleira que encimava o fogão, não inspirava nenhuma fé nas suas virtudes.

—Que ideia a nossa de dar ouvintes a tamanha absurdo! — comentou a senhora White —. Como poderão ser atendidos tais desejos nesta época em que vivemos?!

—Segundo diz Morris — interveio o marido —, as coisas acontecem com tal naturalidade que a gente pode atribuí-las a simples coincidência!

—Por favor não avance no dinheiro, antes que eu esteja de vol-

guntou, ofegante —. Sucedeu alguma coisa ao Herbert? Está ferido?

O visitante confirmou com um aceno de cabeça. Depois, disse calmamente:

—Foi apanhado por uma das mã-quinas!...

Tossiu, dirigiu-se, vagaroso, para a janela e acrescentou, com os olhos no chão:

—Incumbiram-me de apresentá-lhes, em nome da firma, sinceros pesames, pela grande perda!...

Ninguém falou. O semblante da senhora White estava lívido, tinha os olhos esgaseados, quase não se lhe ouvia a respiração. No rosto do marido estampava-se o terror.

—Devo acrescentar que Maw & Meggins não têm responsabilidade alguma no desastre — prosseguiu o homem —. Mas, em atenção aos serviços prestados pelo rapaz, desejamos oferecer-lhes certa importância, a título de compensação.

O senhor White ergueu-se, lançando um olhar aterrorizado sobre o visitante, e os seus lábios ressequidos articularam a pergunta:

—«Quanto?»

—«Duzentas libras!» — foi a resposta.

Sem se aperceber dos gritos da mulher, o velho teve um sorriso amargo, estendeu as mãos, como um cego, e caiu, inerte, no soalho.

Os velhotes deixaram o filho sepultado no cemitério, a duas milhas de distancia, e voltaram para casa, abismada na sombra e no silêncio.

Uma semana depois, levantando-se, repentinamente, de noite, o velho estendeu a mão e verificou que estava sózinho. Da janela vinham os sons de um choro contido. Suspendeu o corpo no leito e ficou a escutar.

—Vem para a cama — disse com ternura —. Aí estás a esfriar!...

—Está mais frio para o meu filho! — respondeu a mulher e continuou a chorar.

O som dos soluços ia morrendo nos ouvidos do velho. A cama estava quente e os olhos pesavam-lhe de sono. Dormitou durante algum tempo, depois caiu em profundo sono, até que um súbito e violento grito o acordou de repente.

CRÓNICA DE PARIS

Estamos a caminho da idade de ouro

por ARMANDO MARTINS JANEIRO

PARIS — Março — Talvez o sinal mais fecundo de esperança destes dias conturbados em que vivemos seja as ultimamente frequentes surpresas que, de súbito, os jornais nos anunciam quanto às grandes realizações da Ciência. E, na verdade, extraordinário que os progressos científicos sejam de tanta magnitude e tão numerosos desde há uns dois lustros apenas. Esta atmosfera de confiança que começa a renascer no engenho do homem e na sua sabedoria faz-nos entrever que, em breve, ultrapassaremos o mundo dos sonhos mais ousados dos nossos avós. Um simples exemplo: — qual será o nosso sentimento, daqui a alguns anos, quando na noite solitária contemplarmos o Céu azul estrelado pensando que, nesse momento, grupos de homens, manobrando mísseis, atravessam os espaços ou nos observam estacionados em outro planeta?

A maior parte dos sábios é de opinião de que o homem poderá ir à Lua daqui a dez ou quinze anos. Segundo o astrónomo dr. Levitt, no ano dois mil haverá uma estação interplanetária, a 1.700 quilómetros. «Podemos criar uma civilização na Lua, onde, dispondo da energia proveniente da fusão nuclear ou do Sol, será possível utilizar certas rochas, por exemplo os silicatos de magnésio, dos quais por electrolise, se extrairá a água. Esta água poderemos decompor-la em hidrogénio e oxigénio e criar uma atmosfera. Poderemos assim criar gigantescas cidades, fazer brotar colheitas e criar rebanhos».

Os laboratórios russos e americanos continuam a preparar novos mísseis para outras experiências interestelares, e a selecção do primeiro homem viajante dos espaços está a ser feita cuidadosamente.

A Ciência, que criou meios de destruição capazes de aniquilar a Humanidade inteira, está em via de ultrapassar as possibilidades da guerra. Já se vislumbra talvez o momento em que a guerra, o mais velho flagelo que aflige a Humanidade, passará ao campo das impossibilidades. No momento em que o homem possa deslocar-se livremente nos espaços siderais e estacionar em outros planetas, haverá uma tal revolução nas suas condições de vida e de mentalidade que a guerra será então, provavelmente, inconcebível.

Outra realização de extraordinárias consequências foi essa dos cientistas britânicos que conseguiram, no laboratório, atingir a temperatura de cinco milhões de graus.

UM ESPECTÁCULO

COM O ORFEÃO UNIVERSITÁRIO DO PORTO

No Pavilhão dos Desportos, e sob a regência do maestro Afonso Valente, exhibe-se hoje, à noite, o Orfeão Universitário do Porto. O programa foi organizado com composições de Mendelssohn, Rossini, D. João IV, António Joyce e Hermínio do Nascimento, seguindo-se na terceira parte fados e guitarradas, baillados regionais, números de orquestra e de graça académica. Prevê-se grande enchente no Pavilhão dos Desportos para este animado garau, havendo bilhetes à venda até às 17 horas de amanhã na sucursal do «Diário de Notícias» no Rossio, na Agência de bilhetes, nos Restaurantes e na Rua de Santo Amaro, 47. A partir das 18 horas, haverá bilhetes à venda no Pavilhão dos Desportos.

CONGRESSO

Internacional

de Obras de Protecção às Raparigas

Na sequência das reuniões que vem realizando regularmente, desde a sua fundação, em 1897, a Associação Católica Internacional para as Obras de Protecção às Raparigas vai promover em Lisboa, de 21 a 24 de Maio próximo, o 14.º Congresso Internacional. Os congressos anteriores realizaram-se, respectivamente, em Roma (1948), em Paris (1952) e no México (1956). No programa estabelecido para a reunião em Lisboa inclui-se uma peregrinação a Fátima em 25 e 26 de Maio.

tura de cinco milhões de graus. Esta temperatura, próxima da temperatura à superfície do Sol, que é de seis milhões, foi conseguida no tubo de ensaio zeta. A fusão term nuclear que, até aqui, tem servido apenas para nos apavorar a ideia do poder de destruição das bombas, promete um dia ainda longínquo — vinte anos calcula sir John Crookcroft — a utilização de fontes inesgotáveis de energia. Para permitir a exploração comercial a temperatura tem de ser muito mais alta, da ordem dos 50 ou 100 milhões de graus. Mas no dia em que se lá chegar, terminará sobre a Terra as necessidades, a luta pelas matérias-primas e pela riqueza findará, o problema do aumento da população deixará de inquietar-nos e não se falará mais na geografia da fome, pois as torrentes de energia tiradas da água dos oceanos serão ilimitadas. Um sábio russo escreveu que a utilização pacífica da energia termonuclear suprimiria simplesmente os problemas políticos. Estes prognósticos dos sábios prometem transformar a Terra deste lugar de lutas, suspeitas e de angústias num paraíso onde a abundância fará florescer, definitivamente o amor e a paz.

*

Este reino da felicidade perfeita está certamente longe, e os grandes progressos ameaçam com o reverso negativo dos inconvenientes e perturbações inevitáveis em especial no entretanto que levará a adaptação a condições inteiramente novas. O presidente da Federação Internacional de Astronáutica, sr. A. G. Halley, chamou já a atenção para os problemas jurídicos postos pela circulação dos satélites e astronaves no espaço. Qual o limite superior de um território nacional dentro do qual deva considerar-se que um satélite não poderá passar? Uma comissão constituída dentro daquela federação está a estudar este assunto para propor as suas conclusões à Organização das Nações Unidas, a qual começou já a discutir a utilização pacífica do espaço cósmico.

Organismos internacionais da meteorologia chamam já a atenção para o problema, que pode surgir em breve, de assegurar que, quando as condições atmosféricas puderem ser controladas, o sejam para benefício de todos. Se um país obtivesse poder exclusivo, ainda que por algum tempo apenas, sobre o vento, a chuva, a tempestade, a luz solar, que desastrosas consequências isso não poderia trazer para o resto da Humanidade?

As recentes observações russas de erupções vulcânicas na Lua, a provarem-se verdadeiras, derrubarão toda uma nutrida tradição científica, a qual assevera que a Lua é um planeta morto há milhões de anos. O professor, de reputação mundial, Melvin Calvin, afirma a existência de seres vivos nos cem milhões de planetas que existem no Universo e iniciaram o seu giro em condições semelhantes às da Terra.

O progresso, não só altera radicalmente as condições da nossa existência, mas procura também desvendar os horizontes do futuro. Para ler os sinais do porvir foi inventada uma nova ciência, a prospectiva. O director do Centro Internacional de Prospectiva, o sr. Gaston Berger, que é director do ensino superior em França, define como objectivo desta ciência o estudo das causas que aceleram a evolução do Mundo moderno e a previsão das situações que dela derivam. Tentando completar a História, procura nos factos do passado, não a sua explicação, mas, o que é mais importante, o anúncio do que é susceptível de acontecer no futuro.

Estamos no limiar de uma nova era do Mundo. «Devemos prepararmos — afirmaram os dois jovens sábios chineses que no ano passado, obtiveram o Prémio Nobel — para a revelação, no futuro, de um fenómeno que reponha em causa todas as chamadas leis naturais».

Estamos no limiar de uma nova idade do Mundo; diante de nós, mais longe ou mais perto, abrem-se os caminhos da mais extraordinária aventura que nem os sonhos dos nossos avós mais audazes ousariam vislumbra.

IMPRESSÕES DE VIAGEM

Bruges — a cidade encantada

por GRACIETTE BRANCO

Entrar em Bruges às três da madrugada, é o mesmo que penetrar, mais profundamente, nas trevas adormecidas e misteriosas do sonho.

É continuar de sonho para sonho...

Bruges vive encantada! Lembra-nos aquela atmosfera irreal, que existia sempre em redor dos palácios de fadas dos contos de crianças, onde o mistério e o estranho encantamento se caracterizavam em perfis de duendes e fantasmagorias de lenda...

Caminha-se pelas velhas e estreitas ruas de Bruges, em silêncio, devagar, com receio de despertar a morte que dorme, docemente, em cada canto — não como ameaça ou perigo — mas como natural, doce e amoroso regaço, onde a cidade deseja ir afogar as suas penas e saudades...

Mesmo que passem crianças a rir, mesmo que automóveis cruzem as ruas, mesmo que passe gente seguindo o seu caminho e tratando dos seus afazeres, não existe um sentido de vida real na feição da cidade, nem a alegria abre livremente as suas asas, no voo simbólico da vida...

Dir-se-ia que a cidade é um esboço do que há-de vir a ser ou — mais acertadamente — um filme retrospectivo daquilo que já foi...

Não existe presente, não se sente a vibração da realidade e o nosso próprio sentido de observação se sente deprimido e enleado, na teia invisível do mistério que nos cerca.

Desde que o mar fugiu da cidade e as suas águas se afastaram extinguindo o porto florescente — Bruges caiu na tristeza dos longos silêncios e das dolorosas solidões, sem alegria ou optimismo para desejar vencer a sua desolação!...

Os antigos mastros dos belos navios que cruzavam o porto, são hoje fantasmas de saudade, acenando adeuses definitivos nos horizontes pálidos da memória.

O conformismo e a abstracção em que a cidade se encerrou, fugindo a qualquer intensa centelha

de alegria, longe de a tornarem fria, banal ou desprovida de interesse, antes serviram para lhe dar um cunho de misteriosa ebeza... A sua melancolia, a sua imobilidade, o nevoeiro de saudade que envolve todos os seus aspectos, dão-lhe um forte poder de atracção, tão notavelmente característico, que é hoje o seu maior estandarte de turismo.

Os visitantes desejam colher a sua atmosfera de poesia, entrar na alma de Bruges e escutar os seus soluços e as suas estrofes, embrenhando-se no seu estranho encantamento...

As grandes capitais do Mundo oferecem, mais ou menos, aspectos semelhantes. A vida ardente, os múltiplos factores de progresso, a alegria, o ruído, o bulício, o dinamismo, são a expressão aliciente de Paris, Madrid, Londres, Nova York, Bruxelas, Berlim, etc.

Porém, o banho lustral de poesia, os mágicos eflúvios do sonho, do não-ser, do quase «au-delà» — também agradam às almas saturadas do prazer temporal...

No refúgio dos silêncios espirituais de Bruges, as almas espalham-se na tranquilidade das belezas eternas, onde pairam mistérios que abrem as portas a pensamentos profundos e conduzem as meditações a planos de expressão subjectiva.

Sabe bem, por vezes, sentir — em plena vida — o abraço da morte e compreender que ela existe a nosso lado, caminha connosco, não como inimiga perversa, mas como verdade inevitável que convém não esquecer...

Os longos, belos e tristes canais de Bruges, quando reflectem, silenciosamente, as estrelas ou o rosto pálido do luar, dão bem a ideia da morte — mas da morte redentora, tranquila, bela e quase-meiga!

Os sinos cantam, docemente, espelhando pela cidade, as suas lágrimas e as suas orações...

As beguinárias, os mosteiros, as igrejas, as águas dormientes, os canais silenciosos, a poesia envolvem

do os ruídos e falando em cada pedra, em cada folha, em cada sombra, fazem de Bruges, não uma cidade de fisionomia normal, mas uma alma, uma grande alma que se desprende de um corpo e ali ficou, ligada à morte e transmitindo-nos as impressões remotas de uma vida vivida há milénios e apenas existindo por fenómeno de migração...

Talvez se pressinta que uma corrente de certas mocidades inquietas tenta criar uma feição diferente à cidade adormecida...

Desperta-la da letargia, implantar nela um novo sentido de vida e movimento, quebrar as cadeias de uma tradição antiga...

Porém, a própria fisionomia de Bruges e os múltiplos pormenores de êxtase e encantamento que constituem a sua atmosfera íntima, reagem contra tais intenções.

E ainda bem! Perder-se-ia, assim, o seu maior atractivo.

O sentido de lenda e o misticismo das horas de Bruges, são as férias da alma, cansada da triste peregrinação por um mundo grosseiro e insensível...

Não! Não senti depressão nem tristeza ao realizar este forte desejo de penetrar no mistério de Bruges! Apenas, após a minha partida, acrescentei uma sílaba à poesia e ao sereno lirismo da sua paisagem, pois deixei lá, perdidos em qualquer «sombra», um sentimento inexprimível, um desejo confuso de humildade e ternura, o silencioso clamor de todas as minhas ansiedades, como se a alma se me abrisse numa suplica ardente e definitiva...

Palavras cruzadas

(NOVA MODALIDADE)
Problema n.º 3605

	1	2	3	4	5	6	7	8	9
1									
2									
3									
4									
5									
6									
7									
8									
9									
10									
11									

HORIZONTAIS: 1 — Capital da Letónia. Desbaste. 2 — Agora. Forma proclítica e apocópica de Vale. 3 — Cardeal que depois foi o papa Pio X. 4 — Aqui. Animal doméstico. Símbolo químico do cobalto. 5 — Equipa. Caixa forrada para roupas. 6 — Estava afastado. 7 — Antiga capital da Normandia. Move os remos. 8 — Companhias. Ribeira que ligada à Raia, formam um rio. 9 — Reis. Enal Graceja. 10 — Criadores. 11 — Nome de um astro. Gemidos.

VERTICAIS: 1 — Cava. Escarneças. 2 — Frequentar. Escarpadas. 3 — Fluido aeriforme. Dás mios. O mais. 4 — Eventualidade. Artigo definido (ant.). 5 — Data. Rio de Portugal. 6 — Cidade perto da antiga Nabancia. Preposição e artigo. 7 — Origem. Pássaros. Apelido. 8 — Entrega. Grito. 9 — Rio que concorre para a formação do Alcobaca. Canções.

Solução do problema N.º 3604
HORIZONTAIS: 1 — Capitólio. 2 — Egas. Ramo. 3 — Rio. Doí. 4 — Real. Esta. 5 — As. Ain. Ar. 6 — Árias. 7 — Ru. Em. 8 — Tu. Ura. As. 9 — Imos. Vago. 10 — Rata. Elia. 11 — Asas. Sias.

VERTICAIS: 1 — Cê. Rás. Tira. 2 — Agres. Rumas. 3 — Paí. Au. Ot. 4 — Isol. Usas. 5 — II. 6 — Ordena. Aves. 7 — Laos. Se. Ali. 8 — Ímita. Magia. 9 — Oô. Aru. Soas.

PULLOVERS

para homem e senhora

Echarpes de lã Mohair

TORRE EIFFEL

104 - Rua do Carmo - 106

DIETÉTICA • NUTRIÇÃO • GASTROTÉCNICA • CULINÁRIA

Está distribuído

mais um número de

ALIMENTAR



para receber regularmente o

ALIMENTAR

Sumário

- QUE FAZER PARA NÃO SER OBESO?
- A ALIMENTAÇÃO E AS CIVILIZAÇÕES ESTARÃO RELACIONADAS?
- CULINÁRIA.
- MESA REDONDA.
- DUAS PALAVRAS SOBRE... SOBREMESA.
- PARA MANTER A JUVENTUDE E A BELEZA.
- AS ERVILHAS
- O PEIXE É UM ALIMENTO COMPLETO.
- TABELA ALIMENTAR.
- INQUÉRITOS ALIMENTARES.
- AS MEDIDAS IDEAIS.

Recorte e envie este cupão, colado num simples postal

A REVISTA "ALIMENTAR"

Duque de toulé, 1-6 e 7

Lisboa 1.º Telex 50542

Queira considerar-me assinante de ALIMENTAR na seguinte modalidade:

1 semestre - 12.50

2 semestres - 22.50

Nome _____

Morada _____

UMA INICIATIVA S.P.



Textos
Augusto da Costa Dias, Mário Castrim e Manuel Salgueiros
Ilustrações
Tóssan e Figueiredo Sobral

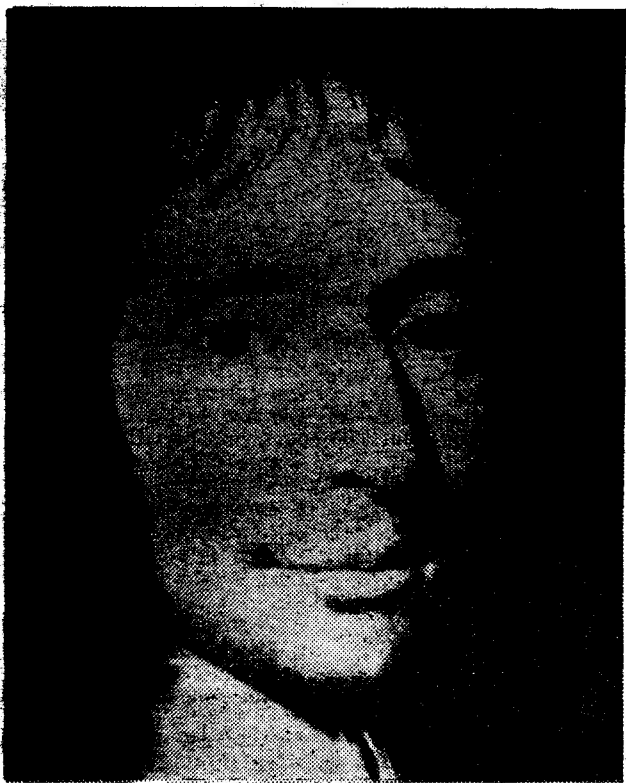
Toda a correspondência deve ser dirigida
para a Rua Luz Soriano, 44 a 48 — LISBOA

CONCURSO GIGANTES DA HUMANIDADE

Todos os jovens que passaram pelo terceiro ano do liceu tiveram
de decorar este princípio da Física clássica:
«Qualquer pressão exercida na superfície livre de um líquido é
transmitida integralmente em todas as direcções».

Mas que aprenderam eles sobre o grande Génio, o grande carácter,
a generosíssima consciência do autor daquelas palavras? Talvez nada.
E no entanto ele é uma verdadeira glória do espírito juvenil. Nasceu
em Clermont em 1623. Aos 17 anos imprime a sua primeira obra: Essai
pour les Coniques. Cinco anos depois, (em 1645) publica Lettre dédiée
à Mgr. le Chancelier sur le sujet de la nouvelle machine (arithmétique)
inventée par le sieur... No ano seguinte, de colaboração
com o matemático Pedro Petit e seu próprio pai, repetem a experiência
de Torricelli sobre o vácuo provocado num tubo pela descida de uma
coluna de mercúrio. Em 1647 publica Expériences nouvelles touchant
le Vide e redige Préface pour un Traité du Vide. Em 1648 escreve em
latim a Génération des Sections Coniques e publica o Récit de la Grande
Expérience de l'Equilibre des Liqueurs. Em 1652 apresenta a sua
Máquina Arithmétique e escreve uma carta à rainha da Suécia sobre o
assunto.

Nesta altura da sua vida aparece nos círculos da sociedade, dis-



tra-se, gosta de mostrar o seu imenso valor, quer chamar a atenção
sobre ele.

Em 1653 escreve os dois tratados De l'Equilibre des Liqueurs e De
la Pesanteur de la Masse d'air, a que, no ano seguinte, se juntam o
Traité du Triangle Arithmétique. Este «ano seguinte» (1654) represen-
ta uma grande época na vida do jovem sábio: aborrece-se do mundanis-
mo, converte-se e passa a viver retirado.

Na sua profunda vida religiosa — cheia de ardor, de pureza, de
generosidade — entra em célebres polémicas a que se devem a sua cé-
lebre obra Provinciales. Em 1656 escreve Apologie de la Religion
Chrétienne e volta, em 1657, a publicar obra científica: Eléments de
Géométrie. Nesse mesmo ano escreve outro livro religioso: os Ecrits
sur la Grâce. De 1658 data a sua Première Lettre circulaire relative à
la cycloïde. Está esgotado; adoece profundamente no ano seguinte e
morre em 1662, apenas com 39 anos e deixando para publicar uma obra
imensa, na qual se incluem os seus célebres Pensamentos. Que juven-
tude mais gloriosa!

As respostas devem ser enviadas até ao próximo dia 21, acompa-
nhadas dos habituais elementos: data de nascimento, nome completo,
morada, número de ficheiro (caso o tenham) e menção dos artigos que
mais apreciaram no Juvenil desta semana.

Além dos prémios do costume, haverá um prémio especial para o
melhor trabalho sobre o gigante da Humanidade desta semana.

ATENÇÃO

VER EM DOIS MINUTOS DE INTERVALO, PALA-
VRAS CRUZADAS EM FRANCÊS E INGLÊS



Manhã de Primavera

por Teresa da Encarnação
(16 anos)

Nesta manhã de Primavera
chilreiam os passarinhos
nesta doce hora de quimera,
passam sorrindo felizes
enamorados parzinhos...

Em tudo há sonho... fantasia,
minh'alma jubilosa
é arrastada pela magia
desta manhã de Primavera,
suave e radiosa.

Manhã perfumada
mocidade em flor,
manhã qu' exala
perfume d'amor,

quimeras e... dor!

NOTAS DE LEITURA A REVOLUÇÃO DA ARTE MODERNA

Quando se debateu (debateram os nossos jovens leitores) nestas colunas o
problema «Arte Antiga — Arte Moderna» eu tive vontade de publicar aqui o
prefácio da bela obra de Hans Sedlmayr — «A Revolução da Arte Moderna».
Hoje que me ocupo do livro, vou aproveitar o ensejo para oferecer uma parte
de tal prefácio aos nossos leitores; desta maneira terão a utilidade da obra
e aqueles que confessaram não ter elementos para contribuir com uma achazi-
nha para a fogueira da discussão serão estimulados a ler o livro por inteiro.

Diz Sedlmayr:

Com a expressão «Arte Moderna» — mesmo que seja usada no sentido de
elogio ou de refutação — chama-se a atenção para o facto de que em qualquer
momento do «nosso tempo» surgiu na arte, e graças a ele, algo «completamente
novo», algo que diferencia esta «arte moderna», e apenas ela, de toda a «arte
antiga». Esta novidade, mais sentida na sua essência que realmente conhecida,
tem sido apaixonadamente exaltada e da mesma forma combatida, compreendi-
da e mal entendida, não sendo precisamente os partidários da arte moderna
os que melhor a compreendem. «Uma obra que exprime o monstruoso é melhor
compreendida por aqueles a quem o horrível corre nas veias, ainda que contra
ele se enfureçam, do que por aqueles que não fazem outra coisa senão lamentar
o desencanto da produção artística... Aqueles a quem o monstruoso impressiona
não falam do «frischen nouveau» (em francês no original alemão), nem aclamam
ou felicitam o artista pela sua originalidade. Mas, por outro lado, uma obra
que não deseja outra coisa senão a «satisfação das necessidades estéticas» é mel-
hor compreendida por aqueles que a saboreiam sob o ponto de vista puramente
estético, que por aqueles que, espontaneamente, lhe atribuem um «profundo
significado» de cujo peso queriam precisamente libertar-se. Desta enorme con-
fusão de posições nunca pode, pois, surgir a clareza. Entre os dois grupos
em luta continuam latentes, no fundo, as seguintes perguntas: em que consiste
realmente esta arte que a si mesma se chamou moderna? O que é que a diferencia
da outra arte do nosso tempo que não é moderna? Tem, pois, sentido falar «da»
arte moderna quando nela são possíveis contradições do tipo da pintura «abs-
tracta» e do Surrealismo?

Sem dúvida alguma estas perguntas são muito mais importantes, muito mais
básicas e, por isso, muito mais interessantes do que esta outra: que considera
este ou aquele artista, crítico ou historiador de arte, como arte moderna? unica-
mente depois de aquelas perguntas terem sido respondidas devidamente será possí-
vel dizer-se, com fundamento, o que há contra ou a favor da arte moderna,
desta ou daquela das suas escolas, desta ou daquela das suas características.

Muitas directrizes da arte já passada foram declaradas «como modernas».
O artífice da primeira catedral gótica distingue na sua obra a «opus antiquum»
da «opus modernum». Mas o Rococó foi denominado pelos seus contemporâneos
com o qualificativo de «style moderne». Aquilo a que os Alemães costumavam
chamar «Jugendstil» designou-se em Inglaterra, por volta de 1890, com a expres-
são «modern style».

O espaço não dá para uma citação mais folgada; suspendendo-a no entanto
aqui, julgo ter chamado a atenção dos jovens leitores para a complexidade da
resposta que se der a muitas das perguntas por eles levantadas na série de
artigos que escreveram para o «Juvenil» sobre estes problemas.

O livro de Sedlmayr levanta problemas, desacama o comodismo, obriga
a pensar, fornece elementos de estudo; eis um conjunto de motivos para o
recomendarmos.

A. C. D.

«A REVOLUÇÃO DA ARTE MODERNA», por Hans Sedlmayr, Coleção
Enciclopédia LBL, Livros do Brasil, Ld.

PROBLEMAS DOS JOVENS

Suponho que uma das questões a
tratar, antes de mais, quando nos in-
teressamos pelos «teddy boys», é a
sua personalidade, a sua maneira de
ser. Vejam se não tenho razão: nos
«teddy boys» há que distinguir en-
tre chefes e subditos; aqueles são
inteligentes; estes, uns mentecaptos
na maioria dos casos. Mas que im-
porta a minha distinção? Importa
muito. Nos primeiros e em todos
aqueles que se servem da razão e
da inteligência para agir — deve
haver um problema de educação,
quer dizer uma educação errada,
uma infância a que faltou alguma
coisa.

Claro que acredito que nem todo o
indivíduo está disposto, melhor di-
rei apto a pertencer a algum desses
grupos juvenis, donde concluo que
o «teddy boy» não é apenas o pro-
duto do meio. Mas é-o em grande
parte: e em tal caso há que pro-
curar remédio para o erro de edu-
cação. Muitos jovens que eu conhe-
ço seriam desse género se uma boa,
uma sólida educação os não tivesse
afastado da vagabundagem do espí-
rito. Uma educação certa — digo
bem, certa — um meio familiar e
social estimulante produzem seres
úteis à Humanidade.

Analisando os diferentes meios
onde podem sair e saem os in-
teligentes «teddy boys» também se conse-
guiria melhorar as condições de edu-
cação das crianças desses mesmos
meios. Eis um exemplo que julgo ser
o mais flagrante, pelo menos em
Portugal: o casal rico e pouco culto
em que o pai trabalha todo o dia em
negócios rendosos e a mãe se pavoneia
em passeios e vai aos chás, deli-
xando os filhos entregues ao pessoal.
Mais um pormenor para fechar a
conta: o pessoal varia constantemente
— hoje uma criada, amanhã outra.

Pois bem: que ideias incutem estes
pais aos filhos acerca do pessoal?

Das poucas vezes que estarão com
eles, incutem-lhes um espírito de su-
perioridade de classe. Esta ideia de
superioridade social desenvolve-se
depois na criança, mas já em rela-
ção a toda a gente das classes mais
baixas, que são as de menores ren-
dimentos. E nessa classe mais baixa,
a criança começa a incluir os pro-

Como nascem

os Teddy-boys

fessores, por exemplo. Isto tem como
consequência que deixam de acatar
opiniões e conselhos — quem vai li-
gar ao que diz gente de espécie in-
ferior? Creio que é deste meio que
sai a maior parte dos «teddy boys»
— muitas vezes por necessidade de
preencher com qualquer coisa a vida
vazia que levam em casa.

Qual a solução?

Creio bem que uma solução com-
pleta e radical deste problema equi-
valeria a uma modificação também
completa e radical da estrutura da
sociedade. A sociedade é uma coisa
que vem evoluindo desde o apareci-
mento de Adão e Eva e que, eviden-
temente, não se remexe e recompõe
de um dia para o outro. Quais en-
tão as medidas a tomar para que
vão diminuindo o numero desses
«teddy boys» e não aumentando, co-
mo sucede até nos países mais ci-
vilizados, como a Suécia? Talvez
uma organização bem elaborada de
protecção aos jovens — que lhes
proporcione convívio honesto, gene-
rosidade de relações, confiança no
semelhante, certeza de que se vive
para alguma coisa.

Tudo isto digo eu porque penso o
seguinte: que nos «teddy boys» como
nos «gangsters» e outros casos tris-
tes há de comum esta verdade fria:
muita solidão.

Não penso muito mais sobre o as-
sunto (porque não sei) a não ser
também o seguinte: que ele será, te-
rá de ser, mais tarde, um dos pro-
blemas por que sinto obrigação de
me ocupar.

por MARGARIDA LIELICH
LOSA (15 anos)

(AMIGO N.º 67)

VISTOS PELOS JOVENS

O Mistério da bengala de bambu (XV)

POR
MANUEL SALGUEIRO

— Estamos perdidos! — gritou Basílio vendo surgir, a pouca distância já, as massas afuseladas dos tubarões.

— De facto, o perigo é grande, mas acredito na minha boa estrela — retorquiu Pararraios —. E além disso, tenho a certeza de que, se tombarmos na luta contra o crime, outros virão tomar o nosso lugar. Faziam esforços sobre-humanos para se manterem à superfície batidos pelas vagas que se lançavam para o céu como se pretendessem assaltá-lo. E de subito algo aconteceu tão nítido que o próprio Basílio Sopito deu conta.

— Meu amo, a estas horas já os tubarões deviam estar a chamar-nos um fígado, e no entanto...

A explicação demorou pouco. A cerca de cinquenta metros levantava-se uma enorme ilha escura, em forma de tubarão.

— Será um pesadelo? — perguntou Sopito.

— Qual! Um submarino, um submarino é que é!

Era, na verdade, um submarino. De bordo partiam descargas mortíferas que dispersaram os indesejáveis tubarões. Algum tempo depois os dois amigos encontravam-se a bordo de um salva-vidas que os levou ao submarino.

O capitão era um «gentleman» inglês, Peter Heel. Em duas palavras se apresentou. Antigo oficial da Marinha de Sua Majestade, prestava agora os seus serviços à W. O. E. C. (Whale Oil Explorer Company), ou seja, Companhia Exploradora do Oleo de Baleia.

— Andamos em pesquisas — acrescentou —. Dirigimo-nos, neste momento, para as cercanias dos Açores, e se os senhores quiserem assistir à pesca e à caça da baleia... — Que dizes, Basílio? — perguntou Pararraios.

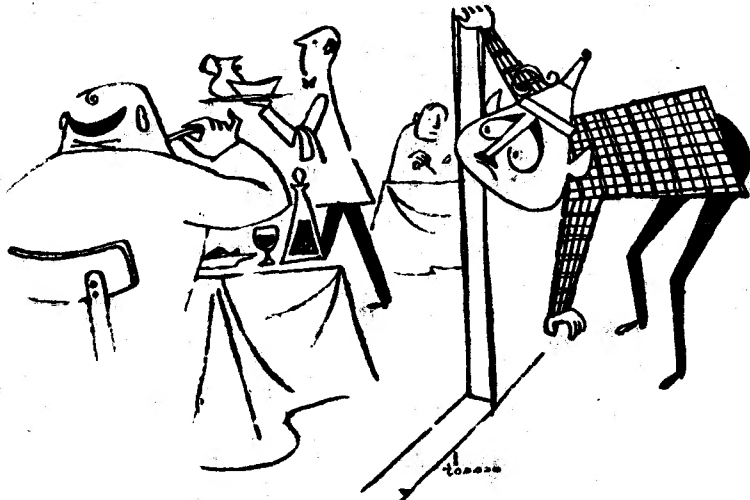
— Isso! Só nos faltava essa... Em todo o caso, Pararraios não aceitou.

— É? — pena — retorquiu o capitão.

Em duas palavras, pôs o capitão ao corrente dos factos.

— Conte comigo — respondeu firmemente o barbudo capitão de baleias. — O «Flor de Lótus» deve fazer escala por S. Miguel. Chegare-

BASILIO FALHA O GOLPE



— A pesca da baleia proporciona-nos emoções fortes.

— Cada qual tem a sua missão... — foi a resposta do detective.

A estas horas, imagina-nos sulcando os mares na barriga dos tubarões...

Basílio Sopito ia dizer alguma coisa mas o detective apertou-lhe o pulso:

— Silêncio! Ali vai ele... Temos de o seguir. Com prudência... Vê-lhe a bengalinha, vê como a volta e revolta, provocadoramente? Ah, mas ele ignora quem nós somos!

Seguiram-lhe no encaído. Atravessaram as ruelas velhissimas do cais, cosendo-se à parede de cada vez que Sum Wi se voltava para trás. Viram que o Japonês entrava numa casa.

— Um restaurante! — exclamou Basílio. — Não teve má ideia, o bicho nipo!

Aproximaram-se, espreitaram a porta. Viram-no conferenciar com o criado, pendurar a bengalinha no cabide, afastar-se para o lavatório... Entretanto, o criado pusera o jantar na mesa. Pararraios não tirava os olhos da bengala de bambu, de que dependia o destino do Mundo.

— Basílio! — gritou. — Vai tu, que despertas menos suspeitas, e sê rápido. Não falhes o golpe!

Longos minutos se escoaram. O coração de Pararraios batia desor-

denadamente. Por fim. Sopito «ba-receu».

— Basílio, então? — exclamou o detective! — Falhaste o golpe?

— Qual falhei! Comi-lhe o jantar todo...

— E a bengala, patife? Esqueceste-te dela miserável? Agora que a tínhamos á mão, uma ocasião que certamente não se repetirá mais!

Os olhos do detective fuzilavam de justa ira. Vendo, porém, a aflicção do Basílio acalmou-se e pôs-lhe a mão na cabeça pelada:

— Trocaste o essencial pelo acessório, crime que muitos cometem. Deixa. O caminho do homem é uma contínua ascensão e por isso se torna difícil. Terás muitas ocasiões de te resgatares.

— E ainda por cima o bife era mais duro que sola! — lamentava-se o ajudante.

— Para que tu vejas como se faz vou eu lá dentro. E mesmo nas barbas dele, a bengalinha cai-me no papo...

Entrou. De subito, Basílio escutou lá dentro uma algazarra medonha...

(Continua)

Gente
Nossa



Em terra de figuras era tão farta, tão rica, tudo morre, tudo passa, — mas o saloio, esse, fica.

É solerte e cabeçudo e, caminhando na estrada, parece que ignora tudo porém não lhe escapa nada.

Os conceitos que ele mete quando, às boas, conversamos! Se o saloio usa barrete somos nós que o enfiámos...

«Adeus pai dos burros!» diz o gracioso peralvilho logo o saloio feliz lhe responde «Adeus meu filho!»

De burrito ou de galera seja a noite má ou boa seja Inverno ou Primavera, ei-lo segue para Lisboa...

Leva o burro carregado de tanta alface fresquinha que o lisboeta alcinchado passou a ser «alfacinha»...

Inda com terra nos pés, só coisas boas nos dás. Não és saloio; tu és o mensageiro da Paz.

Para ter direito aos prémios do nosso concurso da semana, basta responder, em carta, ou postal, á seguinte pergunta:

Qual a província portuguesa a que pertence a gravura que hoje publicamos?

As respostas devem estar na Redacção até ao próximo sábado, 21 de Março.

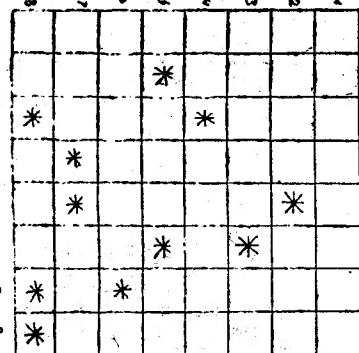
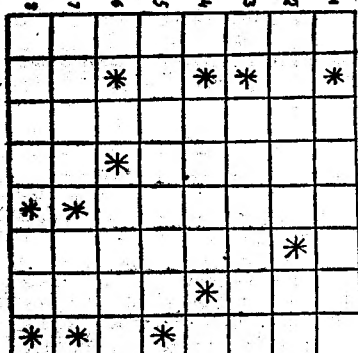
2 MINUTOS DE INTERVALO



PALAVRAS CRUZADAS

Francês

Inglês



HORIZONTAIS: 1 — Gripe. 2 — Ir. Ano. 3 — Marfim. 4 — Sentido. 5 — Sessão. 6 — Impeto. 7 — Aedo. Vogais de «égide». 8 — Gastar. Republica francesa. VERTICAIS: 1 — Barco. 2 — Es. 3 — Escorregadela. 4 — Sonhos. Terminação dos verbos da primeira conjugação. 5 — Ironia. 6 — Isolar. 7 — Por. Ingénua. 6 — Consoante e as vogais de «enervados».

HORIZONTAIS: 1 — Poderoso. 2 — Carril. Macaco. 3 — Outro. Tanto. 4 — As duas primeiras letras de «falange». Raposa. 5 — Homens. Representação fonética de «chá». 6 — Seis letras de «em forma redonda». 7 — Rebocador. Numeral. 8 — Duas letras de teu. Tradução portuguesa de «my». VERTICAIS: 1 — Propriedade. 2 — Juramento. Nosso. 3 — Inte-

ligência. Caneca. 4 — Onze. 5 — Descascar. 6 — Quarta nota musical. Pronome pessoal, sujeito. 7 — Sossobrar. 8 — Leonino.

SOLUÇÕES

Francês

8 — Enne. 7 — Isolier. 7 — Par. Naf. 6 — Ironie. 5 — Es. 3 — Gissado. 4 — Reves. 2 — VERTICAIS: 1 — Vaisseau. 2 — User. R. F. 3 — Session. 6 — Eian. 7 — Ade. 5 — Alter. An. 3 — Ivotre. 4 — Sens. HORIZONTAIS: 1 — Grippe. 2 — All. An. 3 — Ivotre. 4 — Sens.

Inglês

8 — Leonine. 7 — Upset. 6 — Rind. 6 — Pa. You. 7 — ven. 5 — Outh. Out. 3 — Wit. Reng. 4 — Rile. VERTICAIS: 1 — Property. 2 — dy. 7 — Jug. One. 8 — Yr. Men. Ph. Vizen. 5 — Men. 7. 6 — Roun. 2 — Ral. Ape. 3 — Other. So. 4 — ver ful. HORIZONTAIS: 1 —

O SATÉLITE

A Terra dirige-se ao oftalmologista: — Acuda-me, doutor! — diz ela. — Mas o que foi? — pergunta o médico.

— Doi-me muito esta vista. Entrou-me um satélite na órbita!

A LUA...

O Periquito vive intensamente os feitos científicos do nosso tempo. Certa noite, ao olhar interessado para a Lua, pergunta ao pai: — Sempre gostava de saber quem lançou primeiro a Lua. Foram os Americanos ou os Russos?

1 — «As mais belas histórias sobre dros animais» — selecção e tradução de Raquel Queirós, prefácio de José Osório de Oliveira, desenhos de José de Lemos.

2 — «As mais belas histórias de Natal» — selecção de Miguel Urbano Rodrigues, prefácio de Aquilino Ribeiro, desenhos de Carlos Ribeiro.

3 — «Antologia do conto moderno» — selecção e prefácio de João Gaspar Simões, ilustrações de Lons Dourdil.

4 — «Os muros do desespero», por Hervé Bazin, volume n.º 4 da colecção «Encontro».

5 — «O que é a Física» por Rómulo de Carvalho, com textos de Henri Poincaré, Pierre Duhem, Jacques Picard, Louis de Broglie e Jean-Louis Destouches.

6 — «A vida nos outros mundos», por Herbert Spencer Jones.

7 — «O segredo de Luca» — romance de Ignazio Silone.

8 — «Os muros do desespero», por Hervé Bazin, volume n.º 4 da colecção «Encontro».

9 — «O que é a Física» por Rómulo de Carvalho, com textos de Henri Poincaré, Pierre Duhem, Jacques Picard, Louis de Broglie e Jean-Louis Destouches.

10 — «A vida nos outros mundos», por Herbert Spencer Jones.

11 — «O segredo de Luca» — romance de Ignazio Silone.

12 — «A Livraria Editora Augusto Sá da Costa oferece uma série de volumes da sua célebre Coleção de Clássicos — a mais importante colecção que, no género, se publica em Portugal.

E ficamos por hoje, por aqui...

CONCURSO DA SEMANA

SOLUÇÕES DOS CONCURSOS DO SUPLEMENTO N.º 96: I — «GENTE NOSSA»: AVEIRO. II — «GIGANTES DA HUMANIDADE»: CLAUDE DEBUSSY.

Vencedores

1. — Amigo n.º 1.553 — Maria Luisa Sousa Araújo (Porto).
2. — Amigo n.º — Maria José Palla e Carmo (Algés).
3. — Amigo n.º 983 — Alice Vasalo Pereira (Lisboa).
4. — Amigo n.º 1.499 — Anibal José Laia Paulista (Lisboa).
5. — Amigo n.º 1.561 — Susana Barroso Lopes (Quefuz).
6. — Amigo n.º 978 — José Francisco Borges (Lisboa).
7. — Amigo n.º 1.512 — António Veiga Esteves (Porto).
8. — Amigo n.º 962 — Maria Alzira Simeão Seixo (Moita do Ribatejo).
9. — Amigo n.º 1.562 — João Pedro Moreira (Estremoz).
10. — Amigo n.º 884 — José Maria David Vieira (Coimbra).
11. — Amigo n.º 1.472 — Maria Margarida Melo (Lisboa).
12. — Amigo n.º 1.539 — Heitor Fernando da Silva (Porto).
13. — Amigo n.º 1.547 — Carlos Manuel Almeida (Coimbra).
14. — Amigo n.º 1.556 — José Fernando de Almeida Reis Mendes (Mem Martins).

Prémios

1 e 2: «SCARAMOUCHE», por Rafael Sabatini — Portugália Editora.

3. — «O VELHO E O MAR», por Hemingway — Livros do Brasil, Ld.

4 e 5: «UM SEIXO SOLITARIO», por John Hersey — Livros do Brasil, Ld.

6. — «VUZZ...», por P. A. Hourey — Livros do Brasil, Ld.

7. — «HISTÓRIA DE DOIS MUNDOS», por John MacDonald — Livros do Brasil, Ld.

8. — «FERMINA MARQUEZ», por V. Larbaud — Livros do Brasil, Ld.

9 e 10: «A ASMA A CAMINHO DA EUROPA», por Frank Altheim — Livros do Brasil, Ld.

11 a 15: «O PAIS INATINGÍVEL», por André Dhôtel — Livros do Brasil, Ld.

PRÉMIO ESPECIAL PARA O MELHOR TRABALHO SOBRE DEBUSSY

15. — Amigo n.º 1.545 — M. P. Campos (Lisboa).

15. — «O PAIS INATINGÍVEL», por André Dhôtel e «O PODER E A GLÓRIA», por Grhaam Greene — Livros do Brasil, Ld.

Noticiário dos concursos

Só no próximo dia 21 do corrente mês é que poderemos dar finalmente — finalmente! — os resultados dos concursos:

«QUAL É COISA QUAL É ELA?»
«Augusto Gil»

Esta demora deveu-se á quantidade de concorrentes a este ultimo concurso. Muito nos aprez registar o facto e desejar que esta iniciativa da Portugália Editora tenha servido para radicar entre os jovens o gosto pela Poesia, de que Augusto Gil foi uma grande figura, e pelos nossos maiores escritores.

Até, portanto, á próxima semana! Continuamos hoje a publicar os nomes dos concorrentes ao nosso concurso anual.

«PORTUGAL E A JUVENTUDE»

Amigo n.º 182 — António Maurício Esteves (Figueira da Foz): «Riquezas da nossa terra».

Amigo n.º 169 — Joel Eduardo Neves Hasse Ferreira (Lisboa): «Minho belo» — sobre a paisagem da provincia, os costumes e o folclore da população.

Amigo n.º 197 — Gastão Alexandre Pessoa Guerreiro (Faro): «O Presépio».

Amigo n.º 1.547 — Carlos Manuel de Almeida (Coimbra): «Coimbra lendária».

Amigo n.º 365 — Maria Guilhermina Claro Lobato (Barreiro): «Férias».

Amigo n.º 1.436 — Armando Pereira da Silva (Aveiro): «Um mundo desconhecido».

Como habitualmente, os editores portugueses, compreendendo o alcance das nossas iniciativas e o interesse que o livro representa para a juventude, não deixaram de colaborar connosco.

Hoje temos o prazer de registar a adesão de algumas casas editoras ao Concurso «Portugal e a Juventude», para o qual oferecem dezenas de excelentes livros.

Editorial Arcádia, á qual devemos vários volumes das seguintes obras:

Equilíbrio natural

por MARIA HEL ENA DA COSTA DIAS



Em cada passo podemos verificar que a Natureza se rege segundo um ciclo vital — água, sol, flora, fauna. Tudo nela se ajusta, se completa, se equilibra. E, na verdade, um equilíbrio instável; qualquer perturbação, por pequena que seja, provoca um desmoronamento total. A paisagem nasce de condições especiais do clima ou da natureza do solo, na existência de insectos polinizadores, das plantas, etc.

Pela necessidade de destruir os mosquitos propagadores da Malaria, procedeu-se, na Sardenha, a uma limpeza com insecticidas; não só desapareceram os indesejáveis mosquitos como as abelhas da região. Pois tanto bastou para que naquele ano, as oliveiras se mantivessem estéreis. Quando, às vezes, pensamos na inutilidade da existência de certos seres, nem por sombras sonhamos que ele tem uma importância capital no equilíbrio de que falei.

Assim, o enorme e pesado hipopótamo que vemos inútil, no Jardim Zoológico tem também, um papel a desempenhar nos rios ou lagos das regiões em que vivem. E' verdade, é tão importante a sua tarefa que já se lhes chamou «mecenas da piscicultura». A primeira vista nada parece ligar o gordo hipopótamo aos peixinhos das regiões africanas; só a primeira vista, porém; na verdade, nesses rios ou lagos que recebem pouca água dos seus tributários, cada ser vivo desempenha uma tarefa regularizadora. O hipopótamo fertiliza o fundo da água, o que favorece a formação de «fitoplantons»; este, por seu turno, serve de alimento a certos peixes indígenas, largamente explorados pelos habitantes e até por empresas piscícolas. São uma fonte de proteínas de que se abastecem os naturais daquelas regiões.

Mas há mais, amiguinhos: Na Jamaica verificou-se que os ratos devastavam as plantações de cana açucareira de um modo que se estava a tornar deveras assustador. Introduziu-se na região devastada, o Mangusto, animal cujo estômago é um verdadeiro cemitério de todos os animais que lhe passam ao alcance. No fim de dez anos, os ratos tinham, praticamente, desaparecido. Julgam, acaso, que o problema se resolveu? Não, precisamente porque o Mangusto é tão voraz, a fauna quase que desapareceu da ilha; e então, como é natural, a própria existência do Mangusto entrou em declínio. Os ratos trataram de passar a arborícolas, isto é a fazer vida nas árvores; e uma vez em segurança, entrou de proliferar, de uma forma catastrófica, pois pode atingir, em três anos, a bonita cifra de 257.762 descendentes de cada casal. Ora imaginem o que se produzirá nas colheitas, sabendo-se que cada 100 ratos, por dia, podem comer 15 quilos de trigo!!

O crocodilo que toda a gente detesta, por um legítimo sentimento, foi já reconhecido como benfeitor. Destroi moluscos, insectos, crustáceos e peixes doentes, evitando assim muitas epidemias graves. O mesmo se verifica na Europa Ocidental, em relação à epidemia da Muxomatose que, diminui ou desaparece, quando pululam os lobos, que, rapidamente eliminam os animais doentes.

Será necessário dizer mais alguma coisa sobre a utilidade de certos animais que as lendas amaldiçoaram? Creio que não.

Diário de bordo

Amigo 1.547 — Carlos Manuel de Almeida (Coimbra): Manda a idade, sem a qual não te poderemos premiar.

Amigo 1.564 — Aníbal Manuel (Porto): Manda a idade, pela razão exposta acima. Só depois dessa indicação, poderemos atender o teu pedido.

Amigo 1.539 — Heitor Fernando Silva (Porto): Podes responder a ambos os concursos no mesmo postal.

Amigo 1.548 — José Manuel Monteiro (Lisboa): Vê a resposta anterior.

Amigo 856 — Francisco José Fernandes (Lisboa): Recebemos os trabalhos. O livro segue por estes dias. Como vai o «canto»?

Amigo 671 — Marília Quintela (Lisboa): Não, não havia ninguém no teu lugar. Sentimo-nos sempre contentes, quando vocês voltam, depois de uma ausência, sobretudo quando afirmam nunca ter esquecido o Juvenil. Assim, quando estamos longe, sentimo-los perto de nós; e o carinho e confiança dos nossos Amigos, são a melhor recompensa que o Juvenil poderia desejar do seu trabalho. Trabalho para vós, de resto. Vamos atender o teu pedido, o mais depressa possível.

Amigo 1.516 — Rosa Alice Beja Lopes (Coimbra): Vamos atender o teu pedido, no entanto com uma certa demora, pois não temos ainda correspondentes na Alemanha. Mas temos em Inglaterra; não queres algum, uma vez que queres escrever em inglês? Aguardo a resposta.

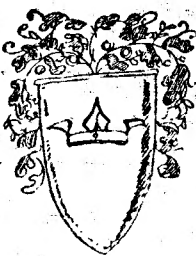
Amigo 357 — Fernando Tavares Rodrigues (Porto): O artigo é deveras interessante, mas não podemos transcrevê-lo. Os artigos dos nossos Amigos sobre o assunto são aos montes. Falta-nos, sim, espaço para os publicar; não podemos tirar ainda desse pouco espaço para transcrições, não achas? Espero ansiosamente notícias da nossa comum Amiguinha que irá visitar nas férias. Ela preocupa-me sempre muito. Vou escrever-lhe directamentemente. Bem o merece, e bem hajás pela tua amizade, decerto preciosa.

Amigo 222 — Jorge Mário Horta (Lisboa): Obrigado pelas moradas. Já têm destino.

Amigo 1.344 — Maria Amélia Vitor (Lisboa): Vou escrever-te directamente.

Amigo 1.364 — Maria José Fonseca (Lisboa): Aqui tens o teu número. Não o esqueças.

Amigo 1.142 — Fernando Leyra (Lisboa): Podes responder de duas maneiras. Ou dizer apenas o nome



O ver arriar-se a ponte levadiça aquela hora nocturna, Galvão mesmo em querer, reteve o cavalo. Não devia desconfiar de tal hospitalidade? Quem eram os do castelo? Porque abriam assim as suas

portas a um desconhecido? Não teve, porém, tempo para discorrer sobre o assunto: do outro lado da ponte levadiça, um cavaleiro gigantesco acompanhado duma donzela lindíssima dizia:

— Bemvindo sejas, cavaleiro Galvão! Obrigado por terdes vindo a nossa casa!

O jovem esporeou o cavalo e num ápice se encontrou dentro do pátio do castelo. Mas vinha corado de vergonha. Tanto elogio para um pobre cavaleiro como ele, santo Deus! Desmontando, logo se ajoelhou aos pés da donzela. Não fazia isto apenas para prestar homenagem à castela, mas também para esconder o seu pudor.

— Cavaleiro, disse a rapariga — e como a sua voz era linda! — Que honra é para nós a vossa visita!

— Mas conheceis-me? — espantou-se o jovem. — Decerto que vos enganais, senhora minha; eu não sou quem supondes: meu nome é obscuro; nada valho.

A rapariga riu-se. Virando-se para o cavaleiro gigantesco disse:

— Vede, pai, como é verdade que os Cavaleiros da Távola Redonda aprenderam e praticam o sublime dom da modéstia! Mas olhai, Galvão de Chamalote, que a virtude em demasia é defeito!... Por demais sabemos nós que todos os povos vos louvaram um altar no coração em louvor do bem que lhes tendes oferecido. Só os tiranos, os soberbos vos odeiam. Já não há camponeses ou artesãos — sei-o bem — que, ao sentir-se oprimido e mal tratado não suspire por vós, desta maneira: ah! se aqui estivesse o cavaleiro Galvão de Chamalote!

— Senhora — murmurou o jovem com as faces em fogo — que troçais de mim!

— Não! garantiu o dono do castelo — minha filha fala verdade. De todo o lado nos chegam notícias vossas e é com imensa honra que o tecto que vos abriga é o mesmo que o nosso.

E abraçou o moço.

Depois passaram-se belos dias para Galvão, entre festas, recitais de poesia, torneios e baillados. No entanto uma preocupação o perseguia: estava próximo o dia de Ano Novo: e o cavaleiro verde? e a Capela Verde?

Já só faltavam três dias quando o jovem se chegou a Godofredo, o fidalgo do castelo, e deu-lhe conta dos seus receios:

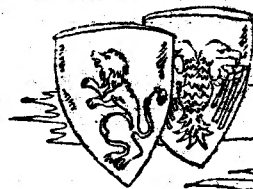
— Senhor, há meses que procuro um local onde terei de me encontrar sem falta, em dia certo. Por toda a parte tenho pedido informações: em vão! Não me sabeis dizer onde mora o Cavaleiro Verde? Concertei encontrar-me com ele na Capela Verde no dia de Ano Novo e não poderei faltar.



da figura publicada; ou fazer uma biografia acerca dela, com o tamanho que lhe quiseses dar — e assim ficas habilitado a prémio especial.

Amigo 945 — Maria Helena (Que-luz): Sim, recebi o livro. E breve saem os resultados.

Amigo 1.499 — Aníbal Paulista (Lisboa): Nunca maças (que palavra tão feia, dirigida a um Amigo!). Vou arranjar-te uma jovem inglesa, estudante, está bem? Quanto à tua crítica, ela é bem pertinente, mas vocês têm de ter paciência. Os mais pequenos também gostam do Juvenil, e nós temos de pensar n'elles, embora lamentando que o papel não chegue para os pormenos inteiramente separados de vocês. «Roubar» tempo, Amigo? Outra palavra que deve ser banida do vocabulário da gente honesta. O meu tempo é, em grande parte, vosso. Dispõe dele como entenderes. Nunca são demais as vossas notícias. Creio que nunca me mostrei enfadado, com as vossas cartas; e, por



Os Cavaleiros da Távola Redonda

Fique três dias!

— E não faltareis, disse estou mais que certo — afirmou o cavaleiro com um largo sorriso. — A Capela Verde dista daqui uma légua, quanto muito. Partindo daqui no próprio dia de Ano Novo, chegareis lá bem cedo, a tempo, oh! e a tempo de

por TROTE

almoçardes!... Por isso vos peço que fiquéis aqui mais três dias.

— Pois ficarei! — declarou o moço com grande alegria. Em verdade o coração já lhe estava preso ao castelo. Nunca em dias de sua vida encontrara donzela mais formosa que

joga, mas acceitou pois era um dever de cortesia.

No dia seguinte enquanto Godofredo partia para a caça e por lá passava todo o santo dia, o jovem distraía-se no castelo na companhia de Leonor, a dona da casa, Lisalota, sua filha, e demais donas e donzelas. Ora ao descer da noite chegou Godofredo e com ele dezenas de escudeiros carregadinhos de boa caça.

— Tudo isto vos pertence, cavaleiro da Távola Redonda — bradou o recém vindo — e vós que tendes para me oferecer?

Galvão corou até à raiz dos cabelos; hesitou; teve vontade de mentir; mas logo sentiu que tal não era possível. Então erguendo lealmente os braços apertou o castelão num abraço e deu-lhe um beijo em cada face



Lisalota. Que olhos! Que expressão! Que bondade! Que virtude!

— Já que acceitais o meu convite — continuou Godofredo — quero convosco fazer um divertido contrato: como acabais de fazer uma grande viagem não ireis à caça; ora eu dar-vos-ei tudo quanto caçar e vós, em troca, oferecereis-me-eis tudo quanto vos derem no castelo? Aceitais? Galvão riu-se muito do estranho

Esvoaçou por toda a sala uma revoadada de risos. Só Lisalota baixou os olhos e ficou mais vermelhinha que uma romã.

— E quem vos deu tal favor?

— Eu combinei que teria de vos contar também isso?

— Não, é verdade.

— Então não quereis saber o que não vos pertence...

Aquela noite terminou com belas festas. No dia seguinte, repetiu-se a cena e Galvão deu mais um beijo que na véspera e o cavaleiro não quis saber quem os tinha dado ao jovem. Mas no terceiro dia, os beijos já eram quatro. E mesmo assim Galvão não cumpriu o contrato, pois Lisalota oferecera-lhe um cinto mágico que salvava de todos os perigos quem o trouxesse consigo. Embora nunca tivesse faltado a uma promessa, o jovem não resistiu desta vez: pensava no terrível dia seguinte em que se defrontaria com o cavaleiro verde e teria de oferecer o peçoço ao machado impiedoso.

Oprimido por faltar, pela primeira vez na vida, aos seus compromissos, Galvão foi-se deitar. Teve sonhos, pesadelos e quando parecia estar certo da morte, vinha Lisalota e salvava-o...

(Próximo episódio: A Vingança do Cavaleiro Verde)

vezes, as respostas demoram um pouco, é sempre pelo mesmo motivo, que bastante deploramos: falta de espaço no jornal.

Amigo 1.271 — António Ponce (Lisboa): Recebemos o trabalho. Agora espera um pouco.

Amigo 182 — António Maurício Esteves (Figueira): Recebemos o trabalho. Tu és dos «firmes» e muito te estimamos. As tuas palavras são sempre tão repassadas de amizade sincera e de compreensão que me é grato escrever-te. Fá-lo-ei dentro de dias. Ainda bem que gostaste do livro. Toda essa colecção é muito útil para os estudantes. Gostaria que a pudessem ir adquirindo, a pouco e pouco. Se tens dificuldade de nisso, e se quiseses, posso mandar-te pelo correio. Os outros vão em breve, com a prometida carta. Com certeza que os livros se extraviam, o que nunca aconteceu, até hoje. Tem paciência e espera que eu possa tirar o caso a limpo, sim?

Amigo 1.490 — Silvino Vieira Neto

— Recebi o teu bilhetinho. O livro ainda não seguiu, nem nos foi entregue. Espero que dentro de dias, o assunto esteja resolvido; então, lá irá ter a tua casa.

TROTE

SE QUISERES...

Se quiseses colorir fotografias ou fazer pintura com tintas de aguarela, nós aconselhamos-te

CORES «OLCAR»

Pedidos a

OLIVEIRA CARMO

Av. Rovisco Pais, 32, 3.º, Dto. LISBOA



Os que se interessam, por pouco que seja, por questões de História portuguesa, sabem que inúmeros documentos referentes a ela estão na Torre do Tombo. Aconteceu que a torre levou algum tombo, algum trambolhão? Eu pensava que sim, aqui há uns anos, pois desconhecia o significado da palavra Tombo. E de facto levou não um, mas vários e o maior de todos foi o terramoto de 1755, em 1 de Novembro. Mas não é por isso que se chama Torre do Tombo. Conta-nos Fernão Lopes na crónica de D. Pedro I que as econo-

mias reais eram transformadas em ouro e prata para se pôr no castelo de Lisboa, em uma torre que para isso fora feita, que chamavam a Torre Alvarrã. A torre alvarrã era, pois, um autêntico cofre forte, e por isso também lhe chamavam a Torre de Haver. Por ser muito bem construída quis o rei D. Fernando que ela guardasse não só o tesouro metálico, mas também a riqueza da documentação que serve de base ao conhecimento dos factos e que, portanto, também constitui um tesouro. E a torre passou também a ser conhecida pela designação de Torre do Tombo, porque Tombo quer

dizer Arquivo, conforme se vê no dicionário de Moraes: Tombo — inventário autêntico dos bens e terras de alguém com suas confrontações, rendas, direitos, encargos, demarcações, etc. Torre do Tombo: a casa em que se conservam os livros, registos ou originais das leis, escrituras publicas, contratos, tratados com as nações estrangeiras, etc.

Temos a concluir, que Torre do Tombo significa Torre do Arquivo. Outro problema é determinar de onde nasceu este significado, a palavra tombo.

Adolfo Coelho afirma que tombo vem de tomo (volume). Cortesão e Figueiredo dizem que vem de tumulo, que em latim significa montículo porque os primeiros tumulos eram montículos de pedra e terras. Agostinho de Campos recorda-nos que em Trás-os-Montes o povo dá às mamoadas (montículos de origem pré-histórica) o nome de tombeirinhos. Tombo surgiria portanto, a dar a ideia de juntar, de amontoar.

Agostinho de Campos lembra também que o povo emprega as palavras monte com o sentido de herança.

Tumulu teria dado tombo, como cumulu deu cumulo.

O verbo tombar (com o sentido de cair) não se sabe de onde vem, é uma espécie de filho de pai incógnito. Uns dizem que teve origem no germanico tûmbôn, que no alemão moderno deu taumeln. Outros dizem que é de origem onomatopéica (tumba! indicativo da queda de um objecto).

E assim a Torre do Tombo nos obriga a andarmos por aqui aos tombo...

Conhecimento da História

Como várias vezes temos dito, muitas são as ocasiões em que jovens nos pedem para lhes indicarmos livros sobre História. Como o normal é pedirem-me indicações de obras em português — nós temos sempre de lhes indicar a melhor colecção que se publica entre nós, no género.

Refiro-me a «A VIDA QUOTIDIANA», de que já saíram os seguintes volumes:

- 1 — A VIDA QUOTIDIANA DOS ASTECAS NAS VESPERAS DA CONQUISTA ESPANHOLA — por Jacques Soustelle
- 2 — A VIDA QUOTIDIANA NO EGITO NO TEMPO DOS RAMSES — por Pierre Montet
- 3 — A VIDA QUOTIDIANA NO TEMPO DE HOMERO — por Emile Mireaux
- 4 — A VIDA QUOTIDIANA NO TEMPO DOS ÚLTIMOS INCAS — por Louis Baudin
- 5 — A VIDA QUOTIDIANA EM ROMA NO APOGEU DO IMPÉRIO — por Jérôme Carcopino

Dentro de breves dias sairá a VIDA QUOTIDIANA NO TEMPO DE JOANA D'ARC, por Marcelin Defourneaux, em tradução da nossa colaboradora Maria Helena da Costa Dias.

Edições de Livros do Brasil, Lda.



PARA VINGAR O SEU MELHOR AMIGO...

Para vingar o seu melhor amigo, morto traiçoeiramente pelo Marquês de La Tour — nobre cruel e orgulhoso — André vê-se impellido a seguir uma carreira muito diferente da que imaginara para si. Em breve se tornou um verdadeiro paladino do povo.

Forçado, uma vez, a esconder-se, vai para um teatro ambulante de artistas amadores. A sua inteligência e cultura dão-lhe aí um lugar de relevo como autor e actor. No palco encarna a figura de «Scaramouche» e dá a esta figura um alto significado social.

Entretanto arranja emprego numa sala de armas onde se torna exímio espadachim. Vence em vários duelos os partidários do Marquês, tornando-se um herói verdadeiramente popular. Depois de extraordinárias aventuras, que têm como fundo histórico a Revolução Francesa, «Scaramouche» consegue descobrir o grande segredo da sua vida.

Eis em breves linhas o enredo de «SCARAMOUCHE», belíssimo romance de Rafael Sabatini, que a Portugal Editora acaba de lançar, em tradução da nossa colaboradora Maria Helena da Costa Dias e com capa e desenhos de Figueiredo Sobral, também nosso colaborador.

É um romance de excepcional interesse, que recomendamos a todos os leitores.

QUE CULPA TENHO EU?

por AGOSTINHO DE BRITO MACEDO

Os Marcianos, segundo afirmavam os jornais do dia anterior, chegavam ao meio-dia. Eram nove horas e eu, numa grande velocidade, engoli o café e dirigi-me a casa do meu amigo Castro. O Castro é um paspalhão. Calculem a minha cara, quando surgiu a Olímpia, a maior criada que eu vi até hoje. Devia de pesar aí uns 100 quilos. Era uma enormidade, tanto de altura, como de largura. Pois, a Olímpia disse-me com a maior das calmas:

— O sr. Castro ainda está deitado.

Enfiei pela casa dentro, corri ao quarto do meu amigo, abri a porta e fiquei na frente do Castro. Estava deitandinho na cama, mergulhado num sono tão profundo, que eu receei que ele se afogasse. A Olímpia e eu, abandonamo-lo até ele acordar.

— Toda a gente sabe que quando há assim casos destes, eu quero levantar-me cedo. — disse o Castro, em pijama, empurrando-nos para a parte do quarto — Agora rua, que eu quero vestir-me.

Saímos para o corredor. A Olímpia, que já estava acostumada com aquelas cenas, caminhou cantando uma canção, que tinha estado em voga, uns trinta anos atrás.

Como devia ser bonita, daí a pouco, a chegada dos nossos amigos de Marte. Os vivas, gritados por um mar de cabeças, com uma boca cada uma. No aeroporto, lenços acenando e depois o desfile. O desfile das tropas de Marte. Devia ser colossal, iam descer a Avenida da Liberdade, com as suas armas modernas.

De subito, a porta do quarto do meu amigo, abriu-se e ele surgiu,

A CHEGADA DOS MARCIANOS

— Calma, calma. Já estou acordado. Mas, que é que se passa? Não se pode dormir?... Aconteceu alguma coisa?

— Claro que aconteceu — respondi, tentando ficar o mais calmo possível — então o meu amigo, não se lembra de ontem termos combinado, eu vir aqui ter, às nove horas, para irmos esperar os Marcianos.

— Que horas são?

— São nove e meia.

— Nove e meia? — berrou o Castro horrorizado.

— Porque é que não me acordaste?

— perguntou a pobre Olímpia.

— O senhor não disse nada...

Como é que eu havia de saber que tinha de o acordar?

já vestiu-se, correndo na direcção da cozinha...

Chegámos à rua. Vá lá. Ainda havia pouco movimento. Mesmo assim já estava muita gente com cadeirinhas esperando, na Avenida. Eram quase dez horas.

— O melhor é chamar um taxi. — sugeriu o Castro, e eu concordei.

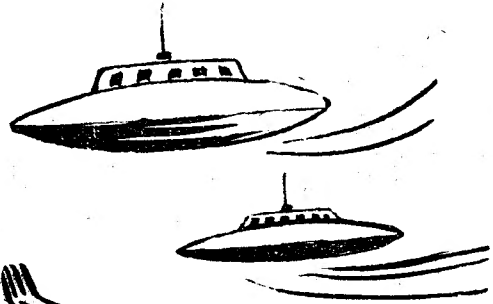
— Para onde desejam ir?

— Para o aeroporto... O mais depressa que possa — disse eu.

O automóvel, atingiu uma velocidade satisfatória.

— Já reparaste, que há pouca gente por aqui? Tão poucos carros — disse-me ao ouvido o meu amigo.

— Ainda é cedo — respondi — ainda faltam duas horas.



Em dez minutos, o carro tinha-nos posto no aeroporto. Finalmente vimos meia dúzia de pessoas. Achámos poucas. Mas como ainda faltavam duas horas... colocámo-nos junto à vedação e esperámos...

Eram onze horas e não havia ninguém no aeroporto, além dos empregados. Achámos aquilo bastante estranho.

— Eu vou lá dentro, perguntar se, por acaso, foi alterada a hora da chegada.

— Se calhar foi. Nem sequer temos ainda o jornal de hoje — respondi aborrecido, pela nossa falta.

Fiquei à espera. Vi o Castro surgir à porta do edifício e correr na minha direcção, gritando qualquer coisa, que eu não percebi. Finalmente, cansadíssimo chegou perto de mim, o suficiente para eu ouvir o que ele dizia:

— Os Marcianos, aterram com os seus foguetões, em pleno Parque Eduardo VII. É o título grande do jornal de hoje, que nós não temos...

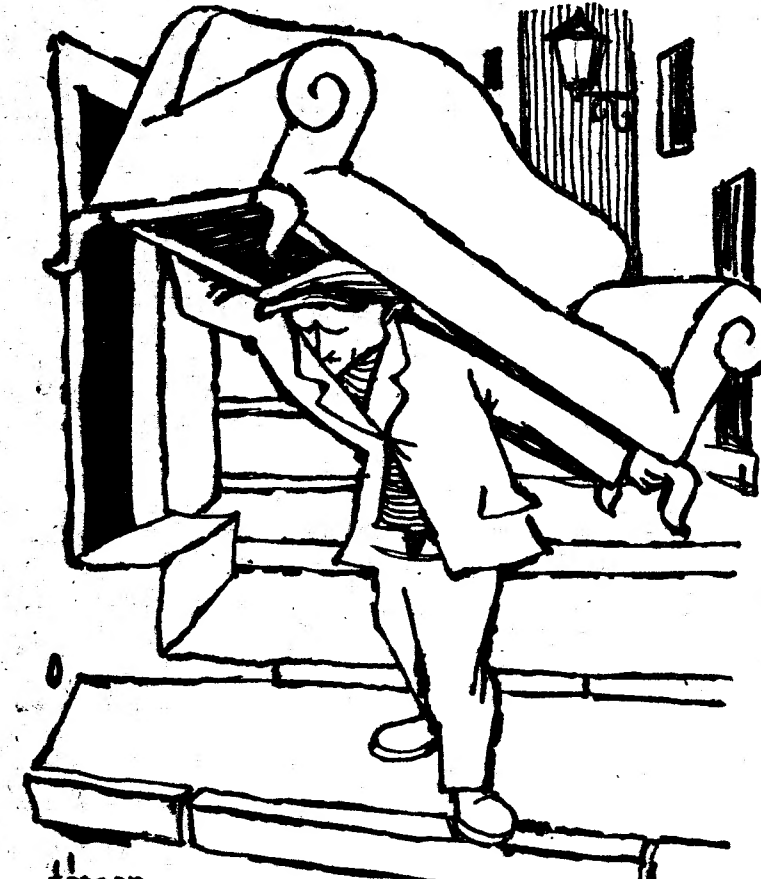
Fiquei com frio. Corri, para aquecer, acompanhando o meu amigo, ao local em que os taxis costumavam estar. Não estava lá nenhum. Tivemos de ir no autocarro da carreira. Levou quase uma hora. Quando chegámos à Praça do Chile, apanhámos um taxi, que teve de ficar a mais de cinco quilómetros de distancia do local por onde devia passar o cortejo. Tentámos furar através da multidão e finalmente, na Avenida da Liberdade, atrás de não sei quantos milhares de pessoas, estávamos prontos para assistir à passagem do cortejo. Claro que não víamos nada. Só cabeças e braços acenando. Os Marcianos deviam de estar desfilar na frente da 1.ª fila.

— Também me interesse temos nós em ver os Marcianos, se amanhã vamos ver as fotografias deles nos jornais? — disse eu, para o Castro, com o meu ar mais amigável e bem disposto, rindo já do que nos tinha acontecido.

E ele só respondeu:

— Deves-me vinte escudos de tax...

Sujeito sem humor, o meu amigo Castro...



FLASH

A PERNA DO SOFÁ

Tudo tem fim, no Mundo. Tudo, até as Escadinhas do Duque. Não vou dizer onde ficam, toda a gente sabe. A descer são muito suaves, a subir muito rudes.

Escadas, e está tudo dito. Um dia destes, um lindo dia de Primavera — ainda não — e por isso mais gostoso ainda.

Parti do alto, assobiando como quem vai ao encontro de uma aventura jovial.

Alegre como uma caixa de lápis de cor nas mãos de uma criança.

Ao mesmo tempo com uma desgraça dentro de mim de não ser pintor, para dar os ângulos, as perspectivas, ao casario que tem por rei o Castelo de S. Jorge.

Na vida há ainda muitos motivos de tristeza, sem duvida menos do que ontem. E se recuarmos este ontem um bocadinho, a diferença deixa-nos abismado!

Aí está porque eu ia assobiando que nem um melro. Além do mais, encontrara um amigo, comprara um livro, escrevera um verso! Manhã em chelo, estão a perceber.

Eis que a minha frente, na ponta do assobio galhofeiro, vejo o homem carregando o sofá. Soterado nele. Se o Mundo fosse como devia ser, de duas uma: ou aquele homem não existia carregando aquele sofá, ou todos nós correríamos a ajudá-lo, a dividir por todos a dificuldade.

Pois não, senhor.

Na vida que levamos é cada qual a sua e pronto. Como o povo diz «a vida custa a todos». Se não vamos a reagir contra isto, os homens transformam-se em compartimentos estanques e, um por cada vez, serão dominados e vencidos.

Vai-se este pensamento insinuando em mim, solapando o assobio alegre, quando sobrevém o desastre: o carregador não viu o estore da pastelaria, deu nele um pinhão com o sofá que atroou este Mundo e o outro. Ele e o móvel giraram descompassadamente, á esmo-la de um equilíbrio que não aconteceu. Dançaram a toda a largura do patamar, o pé resvalou num degrau, foram de roldão, qual por baixo, qual por cima. Tudo em menos de um segundo, ah!, as grandes catástrofes tão rápidas!

Corremos todos a levantar o pobre. O olho esquerdo posto abaixo, a camisa rasgada, o cotovelo em chaga viva. E um fiozinho de sangue escorrendo ao canto da boca... — Isto não tem importância — dizia ele. — Não tem importância. O pior é que hei-de pagar o sofá ao freguês, isso é que vai ser.

Estúpido que a vida possa arder por motivos como este de ter pagar a perna torta do sofá. Que a saúde não importe, que o sangue, a dor não importem, comparados com a perna Augusta do sofá. Absurdo.

O assobio deixou-me só.